**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

ANDRÉ CÔRTEZ DE OLIVEIRA

**Ação política e formação da consciência de
classe no pensamento de Wilhelm Reich**

São Paulo
2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

ANDRÉ CÔRTEZ DE OLIVEIRA

**Ação política e formação da consciência de classe no
pensamento de Wilhelm Reich**

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo como parte
dos requisitos para obtenção do título de
Doutor em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Escolar e
do Desenvolvimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Albertini

São Paulo
2014

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Oliveira, André Côrtes de.

Ação política e formação da consciência de classe no pensamento de Wilhelm Reich / André Côrtes de Oliveira; orientador Paulo Albertini. -- São Paulo, 2014.

178 f.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Reich, Wilhelm, 1897-1957 2. Ação política 3. Consciência de classe 4. Psicologia política 5. Marxismo I. Título.

RC506

Nome: OLIVEIRA, André Côrtes de.

Título: **Ação política e formação da consciência de classe no pensamento de Wilhelm Reich.**

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Aprovado em:

Banca examinadora:

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Para Sil, meu encontro potente com a vida.

Agradecimentos

Escrever esta tese nos últimos quatro anos envolveu muito trabalho e muita dedicação. Isso não seria possível sem o apoio direto e indireto de muitas pessoas que acreditaram nesse projeto. Devo começar agradecendo a coragem e abertura do professor Paulo Albertini, orientador deste trabalho. Nesse mundo acadêmico marcado pela produção fabril de artigos, é raro apostar num orientando de outra área, sem nenhum conhecimento prévio do assunto e com uma vida profissional não acadêmica. Sem essa aposta e sua orientação, esta tese não teria sido nem imaginada.

Agradeço o apoio de Silvana Santiago, meu encontro potente com a vida, que não só aguentou, mas também estimulou todo o trabalho. Sem o seu apoio, em especial durante a gravidez e os nove primeiros meses de nossa Melissa, esta tese não existiria.

Ao longo desses quatro anos tive a felicidade de encontrar bons professores nos cursos feitos na USP. Agradeço as leituras, desafios e reflexões de Belinda Piltcher Haber Mandelbaum, Iray Carone e Júlio Roberto Groppa Aquino.

A escolha de não ter bolsa e manter a minha vida profissional na rede particular de ensino, no Colégio Pentágono, teve seu custo. Todavia, o apoio de algumas pessoas amortizou o preço final e me permitiu manter a sanidade. Agradeço a diretora Dulcinéia Machado, os coordenadores Américo Santos e Patrícia Bauer e a assistente de coordenação Marisa Borejo. Sem o seu apoio e confiança não sei como teriam sido os últimos quatro anos.

Agradeço meus alunos e amigos que me aguentaram nos infinitos momentos nos quais compartilhei minhas leituras, minhas dúvidas e meus problemas.

E belo porque com o novo
todo velho contagia
Belo porque corrompe
com sangue novo a anemia.
Infecciona a miséria
com vida nova e sadia.
(...)

E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouca
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é uma explosão
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.

Morte e Vida Severina, João Cabral de Melo Neto

RESUMO

Oliveira, André Côrtes de. **Ação política e formação da consciência de classe no pensamento de Wilhelm Reich**. 2014. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Nas primeiras décadas do século XX, inicialmente em Viena, depois em Berlim, na busca pela profilaxia da neurose, o psicanalista austro-húngaro Wilhelm Reich (1897-1957) militou por transformações sociais. Este estudo focaliza a relação entre ação política e formação da consciência de classe no pensamento de Reich. Tendo por base formulações do historiador Dominick LaCapra, especialmente sobre contextualização e repetição variada, e utilizando o livro de Reich *O que é a consciência de classe?*, de 1934, como ponto de partida genealógico, foram analisados textos reichianos publicados entre 1926 e 1934. Os resultados indicaram que a proposta de militância política reichiana, afinada com o otimismo leninista e social democrata da virada do século XIX para o XX, pressupôs a capacidade natural revolucionária das massas e a necessidade de um processo recíproco de educação entre as massas e a direção revolucionária sem o qual a revolução não aconteceria.

Palavras-chave: Reich, Wilhelm, 1897-1957; Ação política; Consciência de classe; Psicologia política; marxismo.

ABSTRACT

Oliveira, André Côrtes de. **Political action and class consciousness formation in Wilhelm Reich's thought**. 2014. Tese (Doutorado); Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

In the first decades of the twentieth century, first in Vienna, then in Berlin, in the search for prophylaxis of neurosis, Austro-Hungarian psychoanalyst Wilhelm Reich (1897-1957) campaigned for social transformations. This study focuses on the relationship between political action and class consciousness formation in Reich's thought. Based on historian Dominick LaCapra's formulations, especially about contextualization and varied repetition, and using the book Reich *What is class consciousness?*, 1934, as a genealogical point of departure, reichian texts published between 1926 and 1934 were analyzed. The results indicated that the political activism proposed by Reich, aligned with the Leninist and social democratic optimism in the turn of the nineteenth to the twentieth century, assumed the revolutionary natural ability of the masses and the need for a reciprocal process of education among the masses and the revolutionary direction without which the revolution would not happen.

Keywords: Reich, Wilhelm, 1897-1957; Political action; Class consciousness; Political Psychology; Marxism.

Sumário

1. A POLÍTICA SEXUAL REVOLUCIONÁRIA E A CONSCIÊNCIA DE CLASSE NO PENSAMENTO DE WILHELM REICH	10
2. DOGMATISMO X POLÍTICA REVOLUCIONÁRIA	35
2.1 OTIMISMO, ORGANIZAÇÃO E REVOLUÇÃO	49
2.2 O ESCLEROSAMENTO DA VIDA (BUROCRATIZAÇÃO E POLÍTICA BURGUESA)	67
2.3 A AÇÃO/PRÁTICA COMO ESPAÇO DA CONSTRUÇÃO DA TEORIA - A DIALÉTICA DA REVOLUÇÃO E A CIÊNCIA REVOLUCIONÁRIA.	82
3. AS ORGANIZAÇÕES REVOLUCIONÁRIAS PRÓXIMAS ÀS MASSAS NA CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA DE CLASSE.....	92
3.1 A OBSERVAÇÃO DO COTIDIANO E A ANÁLISE DE SUAS CONTRADIÇÕES - ELEMENTOS REACIONÁRIOS X REVOLUCIONÁRIOS	98
3.2 O FRANCO FALAR	113
3.3 A CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA DE CLASSE: AÇÕES DE TRANSFORMAÇÃO E AS AÇÕES PROFILÁTICAS	121
3.4. <i>SEXPOL</i> : APROXIMAÇÃO, PSICOLOGIA DE MASSAS E REVOLUÇÃO	128
4. CONCLUSÕES	142
4.1 CIÊNCIA E REVOLUÇÃO	144
4.2 NECESSIDADES VITAIS E REVOLUÇÃO	150
4.3 DA APROXIMAÇÃO AO CONTATO: O CAMINHO DA CONSCIÊNCIA DE CLASSE.	155
4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS E POSSIBILIDADES.	165
REFERÊNCIAS.....	170

1. A política sexual revolucionária e a consciência de classe no pensamento de Wilhelm Reich

Emancipate yourselves from mental slavery

None but ourselves can free our mind

Bob Marley, 1979

A música *Redemption Song* (música da redenção) foi escrita em 1979 por Bob Marley (1945-1981), famoso cantor de *reggae* jamaicano. Faz parte do seu último trabalho, o disco *Uprising* (insurreição). Inspirado nos discursos do final da década de 1930 do ativista jamaicano Marcus Garvey (1887-1940), Marley relaciona a luta contra a opressão humana à necessidade de uma libertação da escravidão mental que nos mantém com medo e cativos daqueles que matam “nossos profetas”¹. A ideia de liberdade como algo maior do que a liberdade física,

¹ Como profetas, Marley não está só falando de religião, mas de todos aqueles que mostram caminhos para a liberdade. Na religião de Marley, o rastafári, Marcus Garvey é visto como um profeta. O discurso de Garvey, a qual Marley faz referência, foi feito na Nova Escócia, Canadá em outubro de 1937 e publicado na sua revista *Black Man*. O trecho é o que se segue:

“We are going to emancipate ourselves from mental slavery because whilst others might free the body, none but ourselves can free the mind. Mind is your only ruler, sovereign. The man who is not able to develop and use his mind is bound to be the slave of the other man who uses his mind [...]”.

“Nós nos emanciparemos da escravidão mental porque, enquanto outros podem libertar o corpo, apenas nós mesmos podemos libertar a mente. A mente é seu único governante soberano. O homem que não é capaz de desenvolver e usar sua mente está condenado a ser o escravo de outro homem que usa sua mente [...]”. (tradução minha) GARVEY, M. *Black Man* magazine, v. 3, n. 10, p.7-11, 1938. Apud HILL, R. A. e BAIR, B. *The Marcus Garvey and Universal Negro Improvement Association Papers*, v. VII, novembro 1927-agosto 1940.

como algo que envolveria mente e corpo, uma construção de uma nova sociedade a partir de uma insurreição contra aqueles e aquilo que nos oprime, não foi e, espero, não será, exclusividade das músicas de Bob Marley. Em outros lugares, em outros momentos, com outras referências, Wilhelm Reich (1897-1957) também enfrentou essa questão.

Na segunda década do século XX, Reich era um ex-combatente da I Guerra Mundial (1914-1918) e um promissor estudante da Faculdade de Medicina da Universidade de Viena, Áustria. Interessado nas discussões sobre a sexualidade humana, junto com outros colegas, Reich colabora com o Seminário de Sexologia de Viena, espaço de debates acadêmicos sobre o tema em 1919. Nesse espaço entra em contato com Sigmund Freud (1856-1939), o que lhe causa um grande impacto. Seus aprofundamentos dos estudos sobre sexologia o levam a se apresentar à Sociedade de Psicanálise de Viena, na qual ingressa em 1920. Em 1922, preocupado com as discussões sobre técnica terapêutica, sugere a Freud criar o Seminário de Técnica Psicanalítica de Viena. Nesse espaço, analistas com pouca experiência podiam discutir intelectualmente seus casos clínicos e suas dificuldades técnicas (Albertini, 1994).

Ávido por ampliar sua experiência, e agora formado, Reich ocupa as posições de primeiro assistente e, depois, assistente chefe na Policlínica Psicanalítica de Viena², uma instituição cujo objetivo era oferecer, de maneira gratuita, tratamento terapêutico a pessoas sem recursos. Foi nesse espaço e nas discussões do Seminário sobre a Técnica Psicanalítica da Clínica de Viena, que Reich passou a problematizar não só as concepções teóricas e práticas da

² SHARAF, M. R. *Fury on Earth: a biography of Wilhelm Reich*. New York: St. Martin's Press, p. 6, 1983.

psicanálise, como também as relações entre os problemas mentais e as condições de vida na sociedade da época.

A agitada atmosfera política vienense no pós Primeira Guerra Mundial e sua participação na Policlínica, ampliaram o círculo de leitura e discussão de Reich. Com o fim da Primeira Guerra Mundial, o Império Austro-húngaro foi dissolvido. Essa dissolução transformou a Áustria numa república. Com novas liberdades administrativas, a cidade de Viena passou por um período conhecido como Viena Vermelha³. Ao contrário do país, dominado pelo Partido Social Cristão, de direita, a cidade foi governada entre 1920 e 1934 pelos sociais democratas. Durante o seu governo, o Partido Social Democrata implementou uma política social de proteção aos mais pobres e tentou construir um sistema para garantir o acesso à moradia, à saúde e à educação a todos os grupos sociais.

Alinhado a esse espírito social democrata, no começo do século XX, Freud e outros psicanalistas como Sándor Ferenczi (1873-1933) percebiam o efeito pernicioso dos problemas sociais em seus pacientes. A guerra aprofundou essa percepção e estimulou a discussão sobre o papel social da psicanálise. A ideia de construir um sistema de saúde universal e estatal fazia parte desta mentalidade social democrata e ligava diferentes pensadores da época. Um exemplo era a ligação de Freud com Julius Tandler (1866-1936), médico e político social democrata, responsável pelo projeto de reforma do sistema de saúde vienense⁴.

³ MATTL, S. *O caso da Viena Vermelha*. Lua Nova, São Paulo, n. 89, 2013.

⁴ No livro *Freud's Free Clinics: Psychoanalysis & Social Justice, 1918-1938*, Columbia University Press, 2005 (Kindle edition), Elizabeth Ann Danto conta a história da construção das Policlínicas pelo movimento psicanalítico liderado por Freud a partir do encontro de Budapeste em 1918. Sobre Tandler e suas ligações com as reformas do sistema de saúde vienense, ver capítulo 1.

Dentro da mentalidade higienista e social democrata, Tandler propôs um sistema de saúde mais abrangente. O higienismo, surgido na segunda metade do século XIX, foi um importante e variado movimento que marcou a entrada da medicina nas decisões e projetos políticos e sociais. No começo do século XX, vários médicos e políticos propuseram políticas de reformas sociais baseadas em visões da medicina sobre saúde. Essas visões eram profundamente enraizadas na raciologia e na eugenia do final do século XIX. A partir dos avanços científicos, em especial da área médica, os cientistas e políticos influenciados por essas ideias propuseram intervenções nos mais variados aspectos da vida das pessoas, determinando a maneira considerada correta, ou seja, saudável, de se viver. Essa concepção das ciências como definidoras da normalidade tiveram impacto nos mais variados movimentos políticos, tanto de direita como de esquerda. Os genocídios colocados em prática pelos governos fascistas na Europa e as experiências médicas e esterilizações sem autorização em pobres, negros e doentes mentais nos Estados Unidos trouxeram críticas severas ao movimento que perdeu sua força na segunda metade do século XX. Todavia, o médico, o especialista de saúde, até hoje marca seu espaço nas definições de como viver em nome da saúde do indivíduo⁵.

⁵ Sobre a eugenia e sua ligação com os movimentos higienistas consultar o bom livro de Nancy Leys Stepan, *A Hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*, Editora FioCruz, 2005. Nele a autora compara os movimentos da América Latina, como do Brasil e do México, com os movimentos da Europa e Estados Unidos. Ver ainda o documentário de Peter Cohen, *Homo Sapiens – 1900* (Suécia, 1998). No Brasil, há o famoso episódio da Revolta da Vacina, 1904, como um exemplo das intervenções do Estado na sociedade pautadas pelas ideias higienistas. Um famoso higienista brasileiro é Monteiro Lobato. Sobre o assunto consultar o mestrado de Paula A. B. B. Habib, *Eis o mundo encantado que Monteiro Lobato criou: raça, eugenia e nação*, UNICAMP, 2003. Outro autor fundamental para a compreensão dessa discussão sobre normalidade e o

As políticas de Tandler fizeram parte desse momento higienista, no qual o médico e outros especialistas da área da saúde aparecem como figura central das políticas públicas e das intervenções dos Estados Nacionais. No higienismo da época, a questão não era apenas o combate às doenças físicas, mentais e sociais, mas a construção de uma profilaxia que impedisse o surgimento de novos doentes. Como estudante de medicina na Universidade de Viena, o jovem estudante Reich teve contato com Tandler e a oportunidade de fazer doutorado em neurociência com o famoso Julius Wagner-Jauregg (1857-1940). Ambos profundamente imbuídos desse discurso de reforma higienista e importantes no cenário vienense. Tandler, por exemplo, acreditava que a garantia de formação de crianças saudáveis seria a fundação de um Estado saudável (DANTO, 2005, p.28). Sobre o higienismo reichiano, há o artigo “Reich e o movimento de higiene mental”⁶ que mostra o quanto Reich se via parte desse movimento e que havia contribuído com seu desenvolvimento no campo da saúde mental. Todavia, os autores chamam atenção para o fato da obra reichiana não possuir o caráter eugênico marcante no higienismo da época, muito menos o seu caráter de conservadorismo social, no sentido da normalização e controle dos pobres. O mestrado *Psicologia de Massa do Fascismo: Reich e o desenvolvimento do Pensamento Crítico*, de Simone Aparecida Ramalho, segue na mesma linha ao mostrar como o que encantou Reich, nesse momento, foi a possibilidade de

discurso científico da modernidade é o filósofo Michel Foucault (1926-1984). Uma obra mais conhecida sobre o assunto é o livro *O Nascimento da Clínica*, de 1963 (FOUCAULT, 1963/2012).

⁶ ALBERTINI, P.; SIQUEIRA, F. Z.; TOMÉ, L. A.; MACHADO, T. L. “Reich e o movimento de higiene mental”. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.12, n. 2, p. 393-401, 2007.

profilaxia dos problemas sociais com a reforma da sociedade a partir de princípios científicos⁷.

Foi nesse ambiente politicamente carregado que Reich teve contato com toda a agitação intelectual vienense marcada pelas ideias sociais democratas de justiça social e com as disputas com os crescentes grupos de direita (DANTO, 2005, pp.30-32). Em 1927, o Partido Social Cristão ganhou o governo nacional. O partido social democrata passou a ter ainda mais cuidado com suas ações para não perder eleitorado para a direita. Grupos paramilitares cresciam nos dois lados. Em janeiro, duas pessoas foram mortas por membros da milícia de direita conhecida como *Frontkämpfer*. Os acusados foram presos, mas foram absolvidos. O resultado do julgamento levou ao protesto de julho. Depois de muitos confrontos e do incêndio do Palácio da Justiça, a polícia dispersou com tiros os manifestantes, matando 89 pessoas. Reich e Annie Pink, sua primeira mulher, estavam entre os manifestantes. O evento o marcou profundamente. O automatismo dos policiais, a pouca resistência dos trabalhadores e a liderança hesitante dos sociais democratas fizeram com que Reich se afiliasse ao grupo de médicos do Partido Comunista no mesmo dia (SHARAF, 1983; RAMALHO, 2001).

Nesse momento, no final da década de 1920, sua inquietação quanto à relação entre a saúde mental e os problemas sociais para pensar a questão da profilaxia das neuroses o levaram à leitura de *O Capital* de Karl Marx (1818-1883) e à participação nas discussões dos grupos de esquerda mais radicais em Viena.

⁷ RAMALHO, S. *Psicologia de Massa do Fascismo: Reich e o desenvolvimento do Pensamento Crítico*. Tese (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. A autora discute o assunto no item “Higiene Mental e Prevenção: protagonistas ou vilões” (p.47-52), traçando um diálogo com as análises do próprio Reich sobre o período encontradas no livro *People in Trouble* (REICH, 1942).

Esse encontro foi importante para Reich, pois, nos escritos de Marx e, depois, de Vladimir Lênin (1870-1924)⁸, Reich buscou contrapontos que o pudessem ajudar a aprofundar ainda mais suas discussões teóricas e práticas sobre a profilaxia das neuroses e a possibilidade de uma vida saudável. Foi nesse contexto que Reich criou um atendimento ambulante, misturando mais profundamente a ação política com suas concepções psicanalíticas. Em 1928 e 1929, junto com um pediatra, um ginecologista e sua amiga Lia Laszky, colega de Reich nas aulas de Tandler anos antes, formou a Associação Socialista para Consulta e Investigação Sexual. O grupo criou as Clínicas de Aconselhamento Sexual para Trabalhadores e Empregados (*Sexualberatungs-Klinik für Arbeiter und Angestellte*) para colocar em prática suas ideias (DANTO, 2005; SHARAF, 1983; REICH, 1953/2013)⁹. Munidos de panfletos e muita disposição, davam informações no campo da sexualidade e da contracepção e faziam palestras nas quais Reich associava as questões individuais com o cenário político social. Reich era um palestrante muito bom e

⁸ Karl Marx (1818-1883) foi um dos pensadores socialistas mais influentes dos movimentos de esquerda no final do século XIX até os dias de hoje. Suas obras como o *Manifesto Comunista* (1848) e *O Capital* (1867) se tornaram referências em diversas revoluções e escritos críticos sobre a sociedade capitalista, sobre o consumo e sobre as condições sociais da exploração e da liberdade humana. Vladimir Ilitch Lenin (1870-1924) foi um dos principais líderes da Revolução Russa de 1917, do Partido Comunista Russo e primeiro presidente do Conselho dos Comissários do Povo da União Soviética. Suas reflexões sobre a revolução e a organização de um Estado comunista ainda hoje são referências fundamentais nos grupos de esquerda em todo o mundo. Para conhecer melhor a vida desses pensadores a biografia clássica de Marx feita por Franz Mehring, em 1918, e recentemente relançada *Karl Marx: a história de sua vida*. Sundermann, 2013; e sobre Lênin, a biografia em inglês de Lars T. Lih, *Lenin*. Reaktion Books, 2011.

⁹ Há um erro no livro de Danto que coloca o começo desse trabalho em 1922. As informações de Sharaf são provenientes de uma entrevista com a própria Lia Laszky. Faz sentido a data de Sharaf, já que no começo da década de 1920 o envolvimento de Reich tanto com a psicanálise quanto com o comunismo ainda estavam no seu início.

tinha uma capacidade incrível de se fazer entendido. Suas falas juntavam os ensinamentos higienistas da faculdade de medicina, como a defesa de Tandler de que a sexualidade e a moradia eram componentes centrais para a estabilidade dos trabalhadores e sua família, com seus estudos psicanalíticos e marxistas (DANTO, 2005).

Ao mesmo tempo, a partir da recepção fria por Freud do seu livro *Psicopatologia e sociologia da vida sexual* (REICH, 1927/1977)¹⁰ e de sua recusa de atendê-lo como paciente, começou um processo de distanciamento entre Reich e Freud. De um lado, as ações cada vez mais políticas de Reich incomodavam Freud que tentava manter a Associação Psicanalítica Internacional fora do cenário político cada vez mais conflituoso (DANTO, 2008). Do outro, suas novas teorias sobre economia sexual seguiam um rumo diferente das de Freud do final da década de 1920 com o seu conceito de pulsão de morte (SHARAF, 1983)¹¹.

¹⁰ “Em língua portuguesa, este livro de 1927 é frequentemente confundido com outro livro de Reich, de 1942. A fim de evitar que esse fato ocorra deve-se observar o seguinte: a obra de 1927 tem por título original *Die Funktion des Orgasmus: zur Psychopathologie und zur Soziologie des Geschlechtslebens*, foi publicado em português com o título *Psicopatologia e Sociologia da Vida Sexual* (1927/1977). Enquanto o livro de 1942, cujo título original é *The Discovery of the Orgone I – The function of the orgasmo*, foi publicado em português com o título de *A Função do Orgasmo* (1942/1978).” (ALBERTINI, 1994).

¹¹ O conceito de pulsão de morte foi formulado por Freud nas décadas 1920 e 1930. A pulsão de morte seria a pulsão de desagregação, de destruição, complementando a pulsão de vida. No final da década de 1920, Reich se afasta desse modelo dualista defendendo cada vez mais a ideia de autoregulação. A seu ver, a destrutividade seria uma formação secundária e não um elemento constituinte da própria condição humana (ALBERTINI, 2003; REGO, 2005).

Em busca de terrenos mais férteis para suas ideias, Reich mudou-se para Berlim, na Alemanha, em 1930. Assim como em Viena, em Berlim havia se desenvolvido um forte movimento psicanalítico que também montara uma Policlínica Psicanalítica. Havia um intenso intercâmbio, tanto físico quanto de ideias, entre os psicanalistas vienenses e berlinenses. A policlínica alemã foi a primeira e servia como modelo por sua associação entre tratamento gratuito ou a baixos preços com o treinamento de novos analistas (DANTO, 2005). Também, como em Viena, isso havia sido possível graças à presença de liberais no poder durante o período que ficou conhecido como República de Weimar (1919-1933). Com o fim do poder imperial, foi adotado na Alemanha um parlamentarismo democrático extremamente dividido entre os embates de direita e esquerda. Até 1923, houve uma série de revoltas e conflitos entre esquerda e direita graças às dificuldades econômicas e políticas, tanto causadas pelas severas punições aplicadas pelo Tratado de Versalhes (1919), como pelas dificuldades de se organizar a nova forma de poder¹².

A partir de 1924, os empréstimos estadunidenses e a reorganização do poder criaram um período de estabilidade conhecido como a Era de Ouro que durou até a crise econômica mundial a partir de 1929. A relevância dos Estados Unidos pode ser percebida pela importância de seus financiamentos para o funcionamento e sobrevivência das Policlínicas Psicanalíticas de Viena e Berlim. Organizações particulares como a Fundação Rockefeller, a *Common Wealth Fund* e a Cruz Vermelha Americana, governamentais como *American Relief Administration* e pacientes e estudantes estadunidenses cobrados pesadamente

¹² RICHARD, L. *A República de Weimar (1919-1933)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

por estudo ou atendimento, ajudavam a manter o funcionamento das Policlínicas e de outros variados grupos assistencialistas pela Europa (DANTO, 2008).

Todavia, quando Reich chega a Berlim, em 1930, a Alemanha vivia uma intensa ebulição política com o crescimento dos movimentos sociais de todos os matizes políticos frente à insatisfação com a República de Weimar. O desemprego havia quase dobrado entre 1929 e 1930 (14,6 e 22,7% respectivamente) e continuaria aumentando 10% ao ano até 1932, chegando aos 44,4% (RICHARD, 1988). A insatisfação não era só pelas questões econômicas relacionadas à Crise de 1929. Essa agitação política não se refletia na estrutura jurídica. Havia um profundo ambiente conservador no sistema judiciário da Alemanha daquele período. Comunistas eram perseguidos e tinham penas maiores do que presos por agitação política da direita (RICHARD, 1988).

É nesse contexto que Reich desenvolveu um trabalho de discussão sobre sexualidade e problemas cotidianos junto aos trabalhadores alemães e ligado ao KPD, o Partido Comunista Alemão. Cabe mencionar que o Partido Comunista Alemão (em alemão *Kommunistische Partei Deutschlands* - KPD), durante o nazismo foi duramente perseguido e, com o final da Segunda Guerra Mundial, na zona de ocupação soviética, o KPD e o SPD foram unificados no Partido Socialista Unificado da Alemanha (SED), responsável pelo governo da República Democrática Alemã até a reunificação do país, em 1990. Na Alemanha reunificada, o SED foi transformado no Partido do Socialismo Democrático da Alemanha (PDS), depois chamado Partido da Esquerda. Até hoje o partido possui uma força política relevante na Alemanha.

Em 1931, dando continuidade às suas experiências em Viena, Reich criou a Associação Alemã para uma Política Sexual Proletária, o que ficou conhecido mais tarde por *SexPol*, na qual ampliou seu programa pautado pelas suas discussões sobre profilaxia das neuroses e a construção de uma vida saudável a partir das necessidades vitais das pessoas. Seguindo o modelo desenvolvido em Viena, Reich organizou grupos de discussão sobre educação sexual, informações contraceptivas e psicoterapia de curta duração para indivíduos e casais. Suas falas encontraram sintonia na Associação de Médicos Socialistas de Berlim e em vários colegas analistas de esquerda (DANTO, 2005; SHARAF, 1983). Assim como em Viena, Reich encontrou diversos grupos discutindo reformas na moral sexual, a partir das mais variadas visões, e ao mesmo tempo, um ambiente político partidário contrário à discussão sobre reforma nas leis referentes ao campo da sexualidade. Sociais-democratas e outros grupos liberais ou de esquerda temiam perder o apoio dos católicos (SHARAF, 1983).

A tensão política aumentou com o crescimento dos nazistas nas eleições e com a dificuldade de se manter uma coalização governamental no Parlamento. Essa dificuldade não era nova, mas mais uma faceta da difícil tarefa de se implementar um sistema democrático na Alemanha do começo do século XX. Vinte governos se sucederam no período de somente catorze anos, sendo que apenas oito conseguiram costurar maioria parlamentar (ZIMMERLING, 1991). A situação foi um dos motivos que levou ao contexto da escalada de poder de Hitler, dando poderes totais ao seu próprio cargo, em 1933. O Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, o partido nazista, havia conseguido se tornar o maior partido político em 1932. Esse crescimento é explicado pela mistura de um contexto de profunda crise econômica, ressentimento com o

Tratado de Versalhes e uma exímia propaganda política. Rapidamente Hitler soube costurar as inseguranças de conservadores, militares e da aristocracia para pressionar sua nomeação como chanceler. Em 1933, um incêndio criminoso deu legitimidade a Hitler para pressionar o Ato de Habilitação de Poder aumentando os seus poderes e permitindo a construção de um governo ditatorial.

Com o crescimento do poder nazista, as leis restritivas aos judeus, principalmente nas áreas médicas¹³, com as perseguições aos comunistas e com as críticas e discordâncias de Reich com a liderança do KPD, Reich foi obrigado a fugir para Viena, onde tentou publicar o seu livro *Análise do Caráter* (REICH, 1933/1995) através da *International Psychoanalytic Publishers*. Frente ao cancelamento da publicação por Freud e o desentendimento com a Associação Psicanalítica de Viena, Reich vai para Dinamarca, depois para Suécia, Noruega e, por fim, para os Estados Unidos da América.

Em 1934, já expulso do KPD, da própria Alemanha, do Partido Comunista Dinamarquês e da Associação Psicanalítica Internacional, exilado na Noruega, Reich reflete sua experiência de militante socialista tanto na Áustria quanto na Alemanha¹⁴. Nesse espírito, escreveu o livro *O que é a consciência de classe?* publicado por Reich em 1934, na Noruega¹⁵. Sem perder as esperanças em uma revolução socialista na Alemanha, mas, ao mesmo tempo, consciente da força do

¹³ Sobre o assunto, ver o documentário *Arquitetura da destruição*, de Peter Cohen (Suécia, 1989).

¹⁴ Sobre os conflitos entre Reich e a Associação Psicanalítica Internacional há o livro de Claudio Mello Wagner, *Freud e Reich: continuidade ou ruptura?*. São Paulo: Summus Editorial, 1996. Olhar em especial o item “Uma outra versão (conteúdo latente)” para uma análise desses conflitos e da construção da versão da história do ponto de vista da Associação Psicanalítica Internacional (p.37-54).

¹⁵ REICH, W. *O que é consciência de classe?*. Textos Exemplares, n.6, Porto: 1976.

nazismo, Reich escreveu uma espécie de resposta-proposta a partir de sua experiência tanto no atendimento terapêutico à população pobre, como no movimento de esquerda alemão. É também uma resposta porque lidava com as acusações da direção do KPD sobre o seu trabalho. Uma espécie de acerto de contas sobre sua expulsão em 1933. Todavia, esse livro ultrapassa o papel de uma reflexão e de análise crítica do momento. A essa crítica à direção comunista alemã e à própria estrutura comunista sob o controle de Stalin e do *Komintern*, além de aos outros grupos pretensamente revolucionários do período, Reich faz acompanhar uma proposta de trabalho, de ação, que seria capaz de contribuir com a restauração do movimento operário¹⁶. Ou seja, mais do que uma necessidade para a revolução, a consciência de classe analisada por Reich, funcionava como uma espécie de cenário no qual Reich apresentou suas propostas intelectuais e políticas e uma crítica ferrenha a todos os freios, todas as obstruções para a revolução socialista, para a construção de uma sociedade na qual as pessoas pudessem viver de maneira livre, na qual conheceriam suas necessidades vitais e as melhores maneiras de satisfazê-las. Assim, essa obra, pode ser vista como um ponto de partida interessante para compreender a maneira pela qual Reich articulou e pensou essa proposta de uma sociedade livre, emancipada de qualquer tipo de opressão e exploração.

Como podemos pensar os elementos desse viver livre revolucionário reichiano? Qual o papel da sexualidade nesse projeto? Numa das passagens do

¹⁶ O nome do livro em alemão: *Was ist Klassenbewusstsein? Ein Beitrag zur Diskussion über die Neuformierung der Arbeiterbewegung* que pode ser traduzido por *O que é consciência de classe? Uma contribuição para o debate sobre a restauração do movimento operário*.

livro, Reich se defende indiretamente da acusação de “tarado”¹⁷, mostrando que a fixação dos dirigentes com a política burguesa era muito maior. O interessante é que a discussão sobre sexualidade nesse livro é quase inexistente, aparece esparsamente em exemplos de como a moral burguesa não pode ser copiada pelo movimento revolucionário na sua negação da sexualidade ou quando se mostra que a vida deve ser compreendida em todos os seus aspectos, inclusive o da sexualidade. Esse quase silêncio talvez esteja mais ligado a uma questão retórica na defesa contra as acusações de colocar a sexualidade como questão central de todos os problemas. Todavia, tem uma espécie de papel positivo ao reforçar a ideia da sexualidade como parte apenas, mesmo que central, das necessidades vitais do homem, uma das quais é amplamente reprimida pela moralidade com efeitos fundamentais para se compreender a obediência das massas. Portanto, dessas discussões nos levam a algumas perguntas: Como Reich articula a sexualidade e as necessidades vitais nesse trajeto militante de inspiração marxista que não é, por isso, menos intelectual ou acadêmico? Como se articula a crítica marxista da moral burguesa a essa teoria das necessidades vitais?

A análise do livro *O que é a consciência de Classe?* (Reich, 1934/1976) será usada nesta pesquisa como ponto de partida para compreender a potência dos escritos de Reich nos quais combina suas discussões anteriores da medicina e da psicanálise com as obras marxistas e sua experiência como ativista político de esquerda. Partindo da análise de *O que é a consciência de classe?* (REICH,

¹⁷ “Mas os nossos chefes revolucionários proletários têm um tal respeito por um representante diplomático, sobretudo se ele é soviético, que já não compreendem a linguagem das massas que os seguem chamam-nos tarados a nós.” (REICH, 1934/1976, p.58).

1934/1976) quais seriam os eixos de análise para pensar genealogicamente essa produção de Reich? Será que a tradição de medir, de ajuizar e determinar a qualidade de sua leitura marxista é o suficiente para realizar-se a tarefa? Talvez seja mais interessante compreender como e para quê Reich se vale do marxismo, muito mais em busca da potência de sua leitura, de seus alcances na construção de respostas para os seus problemas práticos e teóricos naquele momento, do que nas faltas perante um modelo ideal de leitura. Os eixos de discussão aqui propostos podem ser divididos em três grupos: a metodologia que será empregada para analisar esse período da vida de Reich, os elementos articulados em suas teorias e a metodologia do trabalho de Reich.

É preciso pensar uma abordagem teórico-metodológica que ajude a enfrentar com cuidado essa relação tão intrincada entre a produção de Reich, seus propósitos e a história daquele conturbado período entre guerras. Dentro do debate teórico da História, o historiador Dominick LaCapra desenvolveu discussões interessantes de como abordar um autor e sua obra. A preocupação de LaCapra é pensar uma maneira de estabelecer relações entre texto e contexto que não pressuponham um determinismo ou uma partição reducionista entre o autor, seu texto, sua obra e sua história. No artigo *Rethinking Intellectual History and Reading Texts* (LACAPRA, 1980), reflete sobre as discussões acerca de como a História Intelectual tem trabalhado com os textos canônicos da tradição acadêmica ocidental. Para o autor, o campo está dominado por tendências teóricas que colocam o texto a serviço de uma reconstrução do passado, seja o focando isoladamente, como um exemplo de uma análise contextual maior ou como parte de uma narrativa dos homens e das ideias. Essas tendências acabam restringindo a História Intelectual a uma concepção de reconstrução do passado

através de pesquisas documentais com tendências positivistas. Além disso, sobra pouco espaço para a reflexão acerca das próprias teorias e metodologias de análise¹⁸.

Inspirado pelas leituras dos filósofos Martin Heidegger (1889-1976) e de Jacques Derrida (1930-2004) sobre as questões ligadas a análise textuais, LaCapra propõe uma abordagem da leitura histórica de textos mais próxima de um diálogo. O texto visto como um outro com quem se conversa pressupõe um cuidado maior com os usos e as perguntas feitos durante o processo de análise (LACAPRA, 1980). A ideia não é uma oposição reducionista entre uma História de visão documentária e uma de diálogo com o passado. A reconstrução histórica e a construção de um corpo documental confiável são fundamentais para qualquer análise que se pretenda histórica. Analisar um texto ou uma obra sem respeitar suas particularidades temporais é tão perigoso quanto apenas usá-lo como parte de uma reconstrução do passado (LACAPRA, 1980). LaCapra sustenta que é necessário respeitar as relações tensas entre um autor, seus escritos, sua vida e o seu período histórico. Não haveria, portanto, nenhum elemento histórico capaz de encerrar a explicação final de um texto, seja o contexto do autor e suas intenções, de sua produção, de sua obra ou de sua realidade social e cultural.

LaCapra trabalha com o conceito de *repetição com variação* para compreender como a escrita ou os conceitos passam por um processo de construção histórica de mudanças e continuidades nem sempre lineares ou evolutivas. Ou seja, um conceito ou um determinado texto tem uma história ao longo de uma obra: algumas vezes um livro ou um conceito são renegados, um

¹⁸ LACAPRA, D. *Rethinking Intellectual History and Reading Texts*. In: *History and Theory*, v. 19, n. 3, p. 245-276, Blackwell Publishing for Wesleyan University, 1980.

trabalho reescrito, uma linha de pesquisa abandonada para depois ser retomada. E essa repetição variada está ligada a uma complexidade de contextos específicos que devem ser respeitados na análise se quisermos compreender melhor sua arquitetura (LACAPRA, 1980). A situação fica mais complexa quando adicionamos a essa história os contextos dos usos e desusos de um autor e sua obra ao longo do tempo.

Dessa maneira, para analisar historicamente um escrito, LaCapra sugere pelo menos seis contextos interativos para pensar novas possibilidades nas relações entre o autor e sua produção ao longo de sua história (LACAPRA, 1980). Os contextos interativos pensados abarcam as relações entre as intenções do autor e o texto, entre a vida do autor e o texto, da sociedade com o texto, da cultura com o texto, do texto com a obra do autor e dos modos de discurso e o texto.

O importante é perceber que nem sempre essas intenções são claras para o autor e/ou muitas vezes se formam ao longo do próprio processo de escrita. Reich tinha o costume de reeditar as suas publicações, criando uma história de diferentes intenções ao longo de sua carreira. O livro *Análise do Caráter*, (REICH, 1933/1995) de 1933, por exemplo, contem, em boa parte, publicações realizadas ao longo da década de 1920 e no começo da década de 1930. Além disso, foram feitas mudanças e ampliações conceituais e estruturais na segunda e terceira edição, ambas em inglês, em 1944 e 1948¹⁹. Qual é a intenção válida? A primeira de cada um dos artigos? Da primeira ou da última edição?

¹⁹ OLIVEIRA E SILVA, J. R. O desenvolvimento da noção de caráter no pensamento de Reich. Tese (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

O mesmo ocorre com a trajetória conturbada do autor nesse período europeu que começa em Viena, passa pela Alemanha, Dinamarca, Suécia e termina na Noruega. Trajetória conturbada não só pelo contexto histórico daquele momento, mas pelos próprios encontros e desencontros de Reich com seus interlocutores. Como mencionado anteriormente, Viena e Berlim, cidades na qual Reich construiu o grosso de sua obra inspirada nas leituras marxistas, tiveram uma rica e tensa experiência política construída na reorganização da política europeia a partir do final da Primeira Guerra Mundial, tanto pelas disputas internas entre comunistas e sociais-democratas que governaram as duas cidades por longos períodos, como pela ascensão dos nazistas ao longo da década de 1930. Como estudante vienense, Reich teve a possibilidade de estudar numa atmosfera acadêmica altamente politizada, assim como, um contexto médico imbuído de uma forte conotação de ação social e higienista. Como militante de esquerda, Reich participou desses debates entre sociais-democratas, comunistas e as variadas correntes de direita. Por isso, é importante também compreender com mais cuidado as relações de Reich com a direção do partido comunista alemão, assim como, as características do operariado alemão a qual se dirige e os universos sociais e culturais de Viena e de Berlim no qual militou.

Nessa discussão sobre os contextos para compreender a obra reichiana do período selecionado, há dois problemas do ponto de vista metodológico para essa pesquisa. O primeiro é o fato de Reich modificar o texto de seus livros nas reedições conforme suas mudanças intelectuais ao longo de sua história. Esse problema pode ser resolvido graças ao trabalho de outros estudiosos que nos permitem entender esses cortes e mudanças na hora de ler as traduções em

português. Um bom exemplo é o livro *Organização bibliográfica da obra de Wilhelm Reich*, de Sara Matthiesen (MATTHIESEN, 2007).

O segundo problema é referente à fonte biográfica sobre a vida de Reich. A mais citada para esse período é o próprio Reich. No livro *People in Trouble* (REICH, 1953), o autor faz uma longa reflexão sobre esse período, retomando e reinterpretando suas leituras freudianas, higienistas e marxistas. Essa referência é a principal para todos os trabalhos e deve ser vista sob o contexto do período em que foi escrito, quando Reich queria se dissociar de sua filiação comunista (ALBERTINI, 1994). Dentro da ideia de contexto interativo, essa obra poderia ser usada até como mais um ponto de diálogo na compreensão desse período na vida de Reich. Além disso, os estudiosos da obra de Reich e os terapeutas que o utilizam como referência têm que enfrentar as polêmicas entre Reich e outras correntes da psicanálise existentes até hoje como nos mostra o texto da filha de Reich de 1998²⁰. A biografia de Myron Sharaf, de 1983, traz uma luz para esse problema, por seu cuidado com a história de Reich. Além de usar as referências

²⁰ O texto da psicanalista Lore Reich Rubim, segunda filha de Reich, "Wilhelm Reich e Anna Freud: sua expulsão da psicanálise", publicado em 1998, é basicamente uma resposta pontual as acusações acerca da saúde de mental de Reich, em especial ao papel de Anne Freud na expulsão de Reich da Associação Psicanalítica Internacional. A resposta, muitas vezes, é desmerecer as acusações como reações de pessoas cujas neuroses teriam sido profundamente afetadas pelas formulações reichianas. "Havia também contratransferências ocultas em Anna Freud que a levaram ao seu intento de se ver livre de Wilhelm Reich. Na verdade nos círculos de Viena ela era conhecida como a 'dama de ferro' e algumas vezes a 'virgem de ferro'. Ela não tinha nenhum parceiro sexual conhecido na época em que Reich a conheceu. (...) A ênfase de Anna era nas defesas contra o instinto. Portanto estou certa de que ela sentiu-se pessoalmente atacada por Reich, que estava dizendo que se não tivesse um organismo completo, você era neurótico e mais, que um orgasmo incompleto era causa da neurose. Aqui temos uma mulher que não tinha orgasmo." (RUBIM, 1998, p.13-14).

reichianas, Sharaf fez entrevistas com diversas pessoas que conviveram com Reich durante o seu período e faz questão de apontar quando há contradições entre as partes. Por isso, decidi utilizar o livro *People in Trouble* (REICH, 1953), mas empregar o livro de Sharaf como referência central para as informações biográficas.

Por fim, inspirado no conceito de repetição com variação, é importante analisar o percurso intelectual reichiano na produção desse período e como há uma relação de diálogo nos diversos materiais escritos por Reich. Esse diálogo não deve ser pensado dentro dos três modos mais tradicionais de analisar a obra de um autor: o da continuidade progressiva e linear da obra; o da descontinuidade marcado por rupturas epistemológicas construindo fases distintas; e o da síntese dialética, no qual cada estágio eleva o anterior a um novo patamar superior. A proposta é perceber os diálogos internos na própria obra reichiana desse período e como a construção desta é marcada por desenvolvimentos desiguais, repetições e deslocamentos textuais e conceituais. Além disso, a obra reichiana utilizou a repetição de ideias como ferramenta narrativa, às vezes com alterações marcantes dependendo do contexto de escrita e do público leitor. Tentarei seguir esse processo de repetição, mas destacando como ele ocorre marcado por deslocamentos. Isso nos remete também à discussão sobre as diversas classificações possíveis dos textos já que Reich teve uma formação eclética e circulava num universo de referências intelectuais bem amplo.

Em certa medida, a metodologia e os elementos da prática reichiana nesse período de cerca de sete anos (1927-1934) acabam girando em torno da ideia das condições sociais da liberdade humana. Nesse momento, ao articular a teoria marxista, a ideia de democracia social e a de saúde mental, constrói uma

resposta interessante e complicada. Como outros que enfrentaram a dura questão da liberdade, Reich articulou o governo de si ao governo dos outros. Não seria possível uma sociedade sem opressão, saudável, capaz de satisfazer suas necessidades vitais, se os homens não fossem capazes de viver e compreender por si próprios essas necessidades. Entretanto, esse cuidado de si só poderia ser construído numa relação delicada com o outro, no caso a direção revolucionária.

Ao longo da discussão proposta sobre a obra de Reich entre 1927 e 1934, partindo-se de uma análise genealógica do livro *O que é a consciência de classe?* (REICH, 1934/1976), estabelecer-se-á um diálogo tendo como referência teórica a discussão de LaCapra e como objeto esses problemas criados na interseção entre o governo de si e o governo dos outros para pensar a ação política e a construção da consciência de classe propostas por Reich. Entendo que essa costura metodológica pode possibilitar uma leitura mais atenta às potencialidades e aos problemas da obra de Reich nesse período de militância marxista. Leitura que possa compreender e questionar visões como a encontrada na tradução da introdução à edição inglesa do *O que é a consciência de classe?* (REICH, 1934/1976). Nela, o autor desconhecido afirma que a relação entre sexualidade e liberdade humana proposta por Reich era utópica e mecanicista em diferentes aspectos, apesar da força de suas análises. Talvez, haja mais do que um antidogmatismo ferrenho e corajoso ou um marxista utópico. Talvez, seu uso de Freud, Marx, Lênin, Engels e outros autores não seja mecanicista e sim singular. Talvez, sua obra tenha adiantado algumas questões próprias da década de 1960 com sua aversão ao autoritarismo e à burocracia intelectual. Talvez, sua obra seja interessante para pensar esse mundo contemporâneo que quer esquecer a ideia de transformação para além das parafernálias tecnológicas.

Esse estudo se insere num fluxo maior de trabalhos preocupados com a sistematização intelectual e acadêmica da obra reichiana no Brasil. Desde os trabalhos iniciais do psiquiatra José Angelo Gaiarsa (1920-2010), ampliou-se significativamente o espaço das teorias reichianas na área clínica no Brasil, em especial a partir da década de 1960 na área da terapia corporal. Todavia, apesar desse crescimento marcado por um curso de Reich-Gestalt no Instituto Sedes Sapientiae (1975), um curso sobre Reich na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e encontros anuais no Rio de Janeiro, pouco foi produzido na academia até a década de 1980²¹. Na USP, no Instituto de Psicologia, a partir de 1989, o professor Paulo Albertini começou a ministrar a disciplina a “Psicologia de Wilhelm Reich”, fruto de suas pesquisas sobre o autor desde 1978, quando ingressou na instituição. Como resultado desse trabalho, em 1992, Albertini publicou o seu doutorado *Uma contribuição ao conhecimento das ideias de Reich: desenvolvimento histórico e formulações para a educação* (ALBERTINI, 1992), primeira tese dedicada inteiramente ao estudo do pensamento de Reich no Brasil (ALBERTINI, 2011).

A partir desse período, alargou-se o interesse acadêmico sobre Reich com um aumento constante de mestrados e doutorados tratando diretamente da obra reichiana. Na Universidade de São Paulo, o professor Paulo Albertini tem orientado pesquisadores interessados tanto no aprofundamento da compreensão da obra reichiana (SILVA, 2001; RAMALHO, 2001; REGO, 2005; BEDANI, 2007; GARCIA, 2010; ALMEIDA, 2012; BEDANI, 2013), quanto nos diálogos de Reich com outros autores e com as questões contemporâneas (TOLEDO, 2009; NOGUEIRA, 2010; AVILA, 2010; RAMALHO, 2010; FARIA, 2012).

²¹ Sobre o assunto, ver MATTHIESEN, 2012 e OLIVEIRA E SILVA, 2001.

Há mais um contexto importante. Minha entrada nesse projeto está ligada à minha história acadêmica. Na monografia de graduação em História na UNICAMP, trabalhei o discurso do reverendo Martin Luther King Jr. para entender como estava articulada a não-violência à questão racial sob a orientação da professora Dra. Celia Maria Marinho de Azevedo. O objetivo de King não era lutar apenas contra o racismo, mas usar a não-violência para resolver o problema central da injustiça: a cegueira do homem frente à sua relação com os outros homens, desrespeitando a irmandade da humanidade. Ou seja, a luta ia além das injustiças da sociedade estadunidense contra o negro. Sonhava-se em reformular esta sociedade a partir dos ideais cristãos, através da não violência e, assim, construir a Nova Era. Este novo tempo teria como princípios o amor e o perdão cristão, envolvendo não apenas os Estados Unidos, mas toda a humanidade, vista aqui como uma “grande corrente”. King era um excelente articulador político ao conseguir unir em seu discurso referências de outros grupos, como católicos, judeus e correntes contrárias ao segregacionismo para transformar a causa dos direitos civis para os negros numa causa de toda a nação²².

No mestrado em História, também na UNICAMP e novamente com a orientação da professora Azevedo, analisei a construção discursiva da identidade negra nas páginas do jornal *A Voz da Raça*. Publicado entre os anos de 1933 e 1937, em São Paulo, era o periódico oficial da Frente Negra Brasileira (1931-1937). Em suas páginas foi edificada a “Gente Negra Nacional” a partir da articulação de uma enorme diversidade de posicionamentos políticos e memórias históricas. Apesar desta multiplicidade, a “Gente Negra Nacional” era uma

²² OLIVEIRA, A. C. *A Espada que Cura. Martin Luther King, Jr. e a Não-violência (décadas de 1950 e 1960)*. Monografia orientada pela professora Celia M. M. de Azevedo, UNICAMP, 2001.

identidade fechada e enraizada em conceitos metafísicos de raça e nação organizados por uma concepção orgânica, eugênica e religiosa de sociedade. Unidos em torno do modelo do brasileiro como a união das três raças, negros, brancos e índios, os fretenegrinos lutavam contra o preconceito e a exclusão social, marcada pela preferência dos imigrantes europeus nos trabalhos urbanos em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e na Bahia. Seu campo de ação ia desde a construção de espaços comunitários de mútua ajuda, como escolas e bailes, até a crítica direta aos episódios de racismo no cotidiano²³.

Apesar das diferenças entre os dois objetos de estudo, há uma aproximação na preocupação em entender como em cada caso se articulou, de maneira singular, uma identidade e uma proposta de ação em nome de justiça social. Uma identidade religiosa e universal, pautada pela não-violência em Luther King, uma identidade fascista, pautada pelo discurso nacional e racial na Frente Negra, ambas em choque contra a discriminação racial e a exclusão social. Apesar das enormes diferenças no campo político, há uma rede discursiva acerca dos ideais de sociedade, igualdade, justiça, liberdade e transformação ligando essas diferentes histórias. Este é o contexto da minha análise da obra reichiana desse período, o que é importante para compreender os recortes que faço e os caminhos que proponho.

Essa tese está organizada em quatro partes: essa apresentação, na qual foi estabelecido o cenário, tanto na delimitação da obra de Reich que estudarei, como na definição da abordagem que será utilizada; na segunda parte, a partir do

²³ OLIVEIRA, A.C., *Quem é a Gente Negra Nacional? Frente Negra Brasileira e A Voz da Raça (1933-1937)*. Tese (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

livro *O que é a consciência de classe?* (REICH, 1934/1976), analisarei o terreno sobre o qual se edificou a proposta de Reich para reverter a situação na Alemanha e se chegar à revolução; na terceira analisarei a proposta de Reich dentro do contexto construído na segunda parte; e na quarta, sistematizarei as conclusões apresentadas ao longo do texto.

2. Dogmatismo x política revolucionária

A grande questão consiste em saber porque é que as nossas organizações se esclerosaram, porque é que a burocracia nos sufocou, porque é que as massas agiram contra o seu próprio interesse levando Hitler ao poder (REICH, 1934/1976, p.10-11).

O nosso completo fracasso na compreensão e animação das amplas massas é a razão essencial de numerosas lacunas, grandes e pequenas, do movimento operário, do apego dos social-democratas ao seu partido, do ressentimento e da humilhação de muitos dirigentes proletários, dos nossos hábitos de disputas fáceis e de marxistas escolásticos (REICH, 1934/1976, p.11).

As duas citações extraídas de *O que é a consciência de classe?* (REICH, 1934/1976) são uma amostra das posições de Reich nas discussões sobre a ascensão de Hitler ao poder na década de 1930. Na obra publicada em 1934, a vitória dos nazistas é compreendida a partir de um duplo distanciamento da “vida” por parte da direção revolucionária. Na visão de Reich, “vida” seria entendida como o cotidiano das pessoas, como a própria materialidade da realidade. Esse distanciamento seria a desconsideração da direção revolucionária com o cotidiano das massas e sua teoria mecanicista construída sem preocupação com a prática. Ao distanciar-se dessa materialidade, a teoria estaria “esclerosada”, perderia a característica central do materialismo dialético, utilizada como ferramenta para

compreender a própria realidade. É importante, antes de continuar, compreendermos como o materialismo dialético é usado por Reich para repensar a psicanálise freudiana para depois continuarmos com a discussão sobre esclerose.

Citando os livros *Teses sobre Feuerbach* de Marx (MARX, 1888) *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica* de Engels (ENGELS, 1886) e *Materialismo e Empiriocrítica* de Lênin (LENIN, 1909)²⁴, Reich explica sua visão em duas partes do livro *Materialismo Dialético e Psicanálise* (REICH, 1929/1977). No capítulo “A dialética do psiquismo”, Reich explica o que é a dialética materialista de Marx como a inversão do edifício hegeliano que postulava “a dialética dos conceitos como o fator primordial do desenvolvimento histórico e considerava o mundo real como simples reflexo das ideias ou conceitos que se desenvolvem dialeticamente” (REICH, 1929/1977, p.67). Dessa maneira, do ponto de vista materialista de Marx, as ideias e, por tanto, a própria psique, estariam subordinados ao fenômeno material. No referido texto, Reich apresenta sete pontos do materialismo dialético:

1. A dialética não é apenas uma forma do pensamento; existe na matéria independente do pensamento; por outras palavras, o movimento da matéria é objectivamente dialético. [...]

2. O desenvolvimento, não só da sociedade, mas também de todos os outros fenômenos, incluindo os fenômenos naturais [...]

²⁴ As três obras, além de outras muitas desses e outros autores de esquerda, podem ser encontradas traduzidas em diversas línguas no site <<http://www.marxists.org/>>.

resulta de uma contradição interna, de contradições contidas na matéria, de um conflito entre estas contradições; conflito que não pode ser resolvido no actual modo de existência da matéria, de forma que as contradições o destroem para criar outro, no qual novas contradições surgem assim por diante. [...]

3. Objectivamente, aquilo que engendra o desenvolvimento dialético não é bom nem mau, mas sim necessário. No entanto, aquilo que começou por favorecer o desenvolvimento pode acabar por paralisá-lo. [...]

4. O desenvolvimento dialético, resultante de contradições, faz com que nada seja durável; tudo o que nasce traz em si o germe da sua desapareção. [...]

5. Todo desenvolvimento é expressão e a consequência de uma dupla negação: negação da negação. [...]

6. As contradições não são absolutas mas interpenetram-se mutuamente. [...]

7 O desenvolvimento dialético é progressivo, mas em certos momentos progride por saltos (REICH, 1929/1977, p.68-74).

Articulando os sete pontos, Reich explica o funcionamento dialético da neurose descrito pela primeira vez por Freud. O sintoma neurótico nasce entre o conflito do eu socialmente subjugado e uma moção pulsional. O eu se defende e recalca a pulsão. O recalçamento ainda em si não é um sintoma, é preciso antes

que a pulsão recalcada rompa o recalque e reapareça na forma de sintoma. O sintoma é uma formação que contém a moção pulsional e a defesa do eu subjugado socialmente. Como mostram os pontos um e dois, a contradição dialética entre a moção pulsional e a defesa do eu é percebida na própria matéria, no próprio indivíduo. Como afirma o ponto três, a pulsão que engendra o movimento dialético não é má nem boa, apenas parte do funcionamento do corpo. Todavia, origem do movimento, a pulsão agora paralisa o indivíduo na incapacidade do recalque de manter o controle da pulsão e aparece como sintoma. Nascido do conflito entre o eu e a pulsão, o recalque traz em si o germe de sua própria destruição, nesse segundo conflito, ao constituir uma estase de energia pulsional que rompe o recalque ao se libertar, como estabelece o ponto quatro. Tanta a defesa quanto a pulsão recalcada estão no sintoma, os elementos iniciais do conflito encontram-se agora unidos no mesmo e novo fenômeno. A dupla negação apresentada no ponto cinco aparece neste sistema psíquico: negação da pulsão pelo eu socialmente subjugado e negação do recalque pela moção pulsional em estase criando a neurose (REICH, 1929/1977).

No capítulo, “Os conhecimentos materialistas da psicanálise e algumas interpretações idealistas”, do livro *Materialismo dialético e Psicanálise* (REICH, 1929/1977), Reich explica como a psicanálise trouxe um enorme progresso para o materialismo ao ajudar a compreender o psiquismo humano. Ao invés de fazer um materialismo mecanicista e derivar a psique humano da realidade, Reich resgata Marx, Engels e Lênin para defender que a atividade psíquica tem origem no orgânico, mas não deriva suas leis da leis orgânicas. Ou seja, haveria uma ancoragem no real que deveria ser investigada de maneira dialética. No capítulo seguinte “A teoria psicanalítica das pulsões”, ele argumenta como as teorias da

psicanálise como o funcionamento das pulsões e o princípio de realidade de Freud podem ser compreendidas como descobertas materialistas na medida que permitem relacionar à realidade o funcionamento da psique²⁵. É isso que Reich faz ao mostrar como a neurose tem um funcionamento dialético, como seria resultado da articulação dos sete princípios essenciais explicados no capítulo “A dialética do psiquismo”.

A noção de esclerose aparece com frequência ao longo do livro *O que a é consciência de classe?* (REICH, 1934/1976). Procurando observar se o sentido utilizado na tradução portuguesa pode se manter frente a uma análise mais cuidadosa da tradução do texto em alemão, descobri que mais de um termo foi traduzido por essa palavra. Dois exemplos de palavras traduzidas como esclerose na tradução portuguesa: *Arterienverkalkung* e *verkalkten*, aterosclerose e calcificação, ambas ligadas ao sentido de obstrução e impedimento natural da circulação. Transpondo a discussão para o livro, uma direção esclerosada não permite a circulação de ideias e análises necessária para manter o movimento revolucionário vivo e, por consequência, se afasta e afasta as pessoas de quem precisava se aproximar.

Essa ideia de vida como movimento é fruto das leituras de Reich no período da faculdade de medicina. Ailton Bedani fez um estudo aprofundado dessas leituras (BEDANI, 2007). Bedani mostra como, na época, havia um vivo debate nas ciências biológicas entre mecanicistas e vitalistas. Para os vitalistas, a vida não poderia ser entendida apenas na compreensão da soma mecânica de suas

²⁵ “Mas o modo de funcionamento das duas necessidades humanas fundamentais só reveste a sua forma específica na existência social do indivíduo: com efeito, esta limita a satisfação das pulsões.” (REICH, 1929/1977, p.46).

partes. Para os mecanicistas, o estudo das partes e das reações físico-químicas dos seres vivos em detalhes nos faria compreender o funcionamento da vida. Na faculdade, Reich estudou as obras de Hans Driesch (1867-1941), biólogo e filósofo que investigou a filosofia vitalista dentro do campo das ciências biológicas. Essas e outras leituras sobre o assunto alimentaram uma concepção, evidente em toda obra reichiana, de movimentos espontâneos e instintivos da matéria viva²⁶.

Além de ler as obras de Driesch, Reich teve aulas com o biólogo vitalista Paul Kammerer (1880-1926), grande crítico das visões metafísicas dentro do vitalismo. Para Kammerer, haveria uma energia biológica específica formadora da vida, que transformaria o inorgânico em orgânico (BEDANI, 2007). Outra leitura vitalista importante para Reich foi a do filósofo Henri Bergson (1859-1941) e seu conceito de *élan vital*. O *élan vital* bergsoniano, na visão de Reich, se evidenciava na maneira como a vida funcionava. Apesar de se incomodar com a distância da ciência biológica das concepções de Bergson e da dependência de noções tradicionais sobre energia dos vitalistas, Reich foi profundamente marcado por essas concepções (BEDANI, 2007). Foi com Freud, autor fora do campo vitalista, que Reich encontrou uma concepção de energia mais ancorada na ciência tradicional, mas que era acompanhada de uma discussão sobre sexualidade em torno das ideias de libido, pulsão e dinâmica psíquica. Além disso, Reich também trabalhou com as concepções de Wagner-Jauregg, profundo crítico da psicanálise, e outros psiquiatras preocupados em compreender o funcionamento

²⁶ O doutorado *A relação entre sensação e produção de conhecimento na obra de Wilhelm Reich*, de Ailton Bedani, explora com mais profundidade essa discussão ao analisar o tema da sensação na obra de Reich (BEDANI, 2013).

do cérebro (BEDANI, 2007). Foi nesse cenário de forte discussão sobre a vida que Reich construiu essa concepção de vida como movimento ao longo da década de 1920.

Em 1934, Reich estabelece que a derrota para o nazismo foi fruto desse distanciamento da direção revolucionária do cotidiano da vida das massas. O resultado seria o sectarismo político dos revolucionários e a incapacidade desse movimento de conquistar as massas, ao mesmo tempo em que foi incapaz de enfrentar a capacidade dos nazistas de explorar e manipular a seu favor os anseios e necessidades de boa parte da população alemã. Portanto, esse duplo distanciamento da vida seria o grande problema para a direção revolucionária enfrentar e poder reverter a situação na Alemanha. É importante definir o que Reich estabelece como necessidades vitais e massas.

Quando Reich remete a necessidades vitais há uma costura entre sua concepção de vida, discutida anteriormente, sua noção de potência orgástica e as suas leituras marxistas. No artigo *Política e sexualidade na trajetória de Wilhelm Reich: Viena (1927-1930)*, Ailton Bedani e Paulo Albertini analisam como as formulações sobre potência orgástica de Reich, a partir de 1923, foram se desenvolvendo para formular o campo da Economia Sexual (ALBERTINI; BEDANI, 2006). No seio da psicanálise da década de 1920, Reich elaborou a ideia de potência orgástica. Preocupado em compreender a origem da neurose, em suas experiências na Policlínica Psicanalítica de Viena, Reich articulou sua formação médica, suas leituras vitalistas e freudianas para defender a tese da relação fundamental entre a neurose e a descarga genital da excitação sexual. A recuperação da função genital propiciaria o desaparecimento ou uma significativa diminuição dos sintomas neuróticos (ALBERTINI; BEDANI, 2006). Dessa maneira,

a regulação dessa energia sexual, a Economia Sexual como denominou Reich, seria fundamental para a saúde do indivíduo. A partir dessa discussão, Reich definiu dois tipos básicos de estruturas psíquicas: o caráter neurótico e o caráter genital. A diferença estaria exatamente na maneira pela qual essa energia sexual circularia no aparelho psíquico. Assim, com o caráter genital, Reich estabelece uma definição de saúde a ser alcançada²⁷.

Essa concepção de potência orgástica como parte estrutural da natureza humana e não apenas da sexualidade humana foi deslocada de maneira singular no encontro das discussões marxistas acerca das necessidades materiais e suas construções históricas. No livro *Psicologia de Massas do Fascismo* (REICH, 1933/1974), Reich extrapola essas observações sobre o caráter neurótico para compreender o funcionamento da ideologia fascista. No seu mestrado sobre o livro, Simone Ramalho explica como se dá essa relação (RAMALHO, 2001). O caráter neurótico, formado pela inibição de uma sociedade repressiva e marcado pela impotência orgástica, criaria indivíduos incapazes de viver a própria vida e, portanto, submisso, tolerantes com as misérias e humilhações sociais. Essa relação com a vida política corresponderia à relação do caráter neurótico com sua própria energia sexual e o automatismo do comportamento neurótico. Dessa maneira, as instituições da sociedade repressiva, como a família e a igreja, teriam papel fundamental na construção do indivíduo neurótico e na conservação de sua obediência ao poder vigente (RAMALHO, 2001).

²⁷ Sobre a construção histórica das concepções reichianas do orgasmo como regulador da Economia Sexual, pode-se ler o item “Viena: 1918-1930. Encontro – e desencontro – com Freud” do livro de Paulo Albertini, *Reich: história das ideias e formulações para a educação* (ALBERTINI, 1994, p.25-50).

Cabe notar que, tanto Reich quanto Marx usam a mesma palavra em alemão para necessidade: *Bedürfnis*. Na “Nota à edição” dos *Manuscritos econômicos-filosóficos* de Marx (MARX, 1932/2001), feita por Jesus Ranieri, argumenta-se que a tradução para o português dessa palavra como necessidade não contempla a diferença estabelecida pelo próprio Marx entre carência (*Bedürfnis*) e necessidade (*Notwendigkeit*). Carência teria uma origem direta na condição biológica do ser humano, enquanto necessidade já pressuporia uma lógica oposta à contingência²⁸. A leitura marxista permite ampliar o escopo dessas carências que impediriam a descarga genital satisfatória da excitação sexual para além do espaço clínico, criando a ponte entre os problemas pessoais dos pacientes e suas condições materiais dentro de uma sociedade capitalista (ALBERTINI; BEDANI, 2006). Assim, para Reich, necessidades vitais seriam aquelas que determinam a saúde humana, tanto física como mental, quando satisfeitas da maneira correta,

²⁸ “Também optei por discernir carência (*Bedürfnis*) de necessidade (*Notwendigkeit*), uma vez que a distinção é operada pelo próprio Marx. *Bedürfnis* é uma carência cuja base está posta na condição biológica do ser humano (comer, beber, dormir, habitar), o que a vincula a uma falta, assim como também a um desejo, ou seja, a carência se revela como um componente que, uma vez satisfeito, pode dar, inclusive, origem à positividade de novas carências, mais sofisticadas. Por outro lado, justamente por causa dessa positividade, algumas vezes preponderou a opção por verter *Bedürfnis* por necessidade, ao invés de carência, uma vez que, em português, soa estranho esperar que carências possam ter um conteúdo positivo. Porém, na penúltima parte do terceiro dos Manuscritos, “Propriedade privada e carências”, o leitor notará que a opção de verter *Bedürfnis* por carência generalizou-se pelo texto inteiro, a fim de que se tornasse manifesta justamente a insistência de Marx em estabelecer, a partir de uma exposição das carências humanas, a insuficiência da reflexão teórica da economia política sobre o trabalho humano, elemento este que, para ela, não passa de mais um componente da produção. Por sua vez, *Notwendigkeit* está vinculada à necessidade lógica, oposta à contingência, que aparece como possibilidade efetiva de realização a partir da satisfação histórica das carências.” RANIERI, J. Nota à Edição. In MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010.

ou seja, as condições necessárias não só para a sobrevivência do corpo, mas também para o seu funcionamento natural do ponto de vista da Economia Sexual.

Vale também esclarecer que quando usa a palavra massa, Reich está falando da população que ainda não compreendeu como o capitalismo a oprime e impede a realização das suas necessidades vitais, de seguir o movimento natural da vida. Seria a parte da população ainda não possuidora de consciência de classe, mas detentora da energia da vida represada pela opressão capitalista. Dessa maneira, deveria ser o foco do trabalho revolucionário. Há uma aproximação aqui, mas ao mesmo tempo, um distanciamento, da concepção clássica de massa pensada por Hannah Arendt, uma década depois no livro *Origens do Totalitarismo*²⁹. Nesse livro, a autora argumenta a importância do apoio das massas na ascensão de Hitler e de Stalin e define o que entende por massa. A semelhança com Reich vem no sentido da massa como o grupo de pessoas a qual falta uma consciência de interesses comuns ou de uma articulação de classe organizada em torno de um objetivo específico³⁰. Todavia, há uma enorme diferença entre a visão de Arendt da massa como fruto de uma sociedade de massas, na qual a estrutura de classes é destruída e o indivíduo é

²⁹ ARENDT, H. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 356; 360; 361; 1989.

³⁰ “Os movimentos totalitários são possíveis onde quer que existam massas que, por um motivo ou outro, desenvolveram certo gosto pela organização política. As massas não se unem pela consciência de um interesse comum e falta-lhes aquela específica articulação de classes que se expressa em objetivos determinados, limitados e atingíveis. O termo massa só se aplica quando lidamos com pessoas que, simplesmente devido ao seu número, ou à sua indiferença, ou a uma mistura de ambos, não se podem integrar numa organização baseada no interesse comum, seja partido político, organização profissional ou sindicato de trabalhadores. Potencialmente, as massas existem em qualquer país e constituem a maioria das pessoas neutras e politicamente indiferentes, que nunca se filiam a um partido e raramente exercem o poder de voto.” (ARENDT, 1951/1989, p.360).

atomizado e alienado de suas relações com o outro por uma cultura de massas transformando-se numa força destrutiva³¹ e da massa como potência viva de Reich. Para Reich, a massa, como vida oprimida, tem potencial revolucionário. Por isso o papel da direção revolucionária seria ajudar as massas a compreender e libertar sua potência e fazer a revolução.

Entre 1926 e 1927, Reich havia escrito dois textos sobre as técnicas de interpretação para a Análise do Caráter cujo eixo condutor é algo semelhante a essa discussão do livro *O que é a consciência de classe?* (REICH, 1934/1976): a preocupação com a atenção do analista nas observações do paciente e na formulação das interpretações³². Reich destaca a importância da sistematicidade das observações e da atenção à forma pela qual o conteúdo é apresentado pelo

³¹ BAEHR, P. *The "Masses" in Hannah Arendt's Theory of Totalitarianism*. In: *The Good Society*, v. 16, n.2, p. 12-18, 2007.

³² Os dois textos foram incorporados no livro *Análise do Caráter* de 1933. O primeiro foi um artigo apresentado no Seminário para a Terapia Psicanalítica (Viena, 1926). O segundo foi apresentado no X Congresso Psicanalítico Internacional em Innsbruck, em 1927. Os dois foram publicados na *Revista Internacional de Psicanálise*. Os originais dessa revista estão disponíveis generosamente e gratuitamente no site da Universidade de Berlim, The Collection Of The International Psychoanalytic University Berlin:

<<http://archive.org/details/CollectionOfTheInternationalPsychoanalyticUniversityBerlin>>

REICH, W. *Zur Technik der Deutung und der Widerstandsanalyse*. *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*. V. XIII, p.142-159, 1927. Em Português, REICH, W. *Sobre a técnica de interpretação e de análise da resistência*. In: REICH, W. *Análise do caráter*. 2ª Ed. Trad. Maria Lizette Branco e Maria Manuela Pecegheiro, ver. Ricardo do Amaral Rego. São Paulo: Martins Fontes, p. 33-50, 1995.

REICH, W. *Über Charakteranalyse*. *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*. V. XIV, p.180, 1928. Em Português, REICH, W. *Sobre a técnica de análise do caráter*. In: REICH, W. *Análise do caráter*. 2ª Ed. Trad. Maria Lizette Branco e Maria Manuela Pecegheiro, ver. Ricardo do Amaral Rego. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p.51-89.

paciente no texto “Sobre a técnica de interpretação e de análise de resistência” (REICH, 1927/1995, p.33-50). Grosso modo, seriam quatro pontos a partir dos quais poder-se-ia organizar os problemas e os fracassos de boa parte dos atendimentos psicanalíticos: uma interpretação prematura do material observado; uma interpretação assistemática do sentido, não respeitando a estrutura da neurose; uma interpretação assistemática da resistência; e uma interpretação inconsistente da resistência (REICH, 1927/1995). A proposta de Reich é que o analista deveria adaptar as suas técnicas e teorias para atender as particularidades de cada caso. Ou seja, deveria atentar para a realidade de seu paciente e como ela se expressa no atendimento e, só então, formular uma interpretação e uma ação na análise condizente.

A mesma preocupação aparece no ano seguinte, no texto “Sobre a técnica de análise do caráter” (REICH, 1928/1995, p.51-89)³³. Em busca de uma ligação afetiva do paciente com suas recordações da primeira infância que o permitiria avançar no tratamento, Reich continua a discussão sobre a necessidade de se seguir o que seria a regra básica da análise: a franqueza do paciente com o analista e com suas próprias memórias. Franqueza aqui não é uma questão moral, a obrigação de dizer a verdade, mas sim uma questão técnica de análise na qual o paciente precisa se abrir para o analista e, com a ajuda do processo analítico, atravessar as defesas neuróticas e estabelecer uma relação afetiva real

³³ Sobre a noção de caráter na obra de Reich, ver SILVA, J. R. O. *O desenvolvimento da noção de caráter no pensamento de Reich*. Tese (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

com a sua própria neurose e com os eventos na infância que a iniciaram³⁴. Ao mesmo tempo, Reich destaca o cuidado do analista com suas próprias reações na análise que poderiam impedir sua observação, afastando-o de uma análise e de um tratamento capaz de ajudar o paciente. Sem essa dupla aproximação da vida do paciente, tanto de suas recordações quanto do analista e suas análises, seria impossível continuar e avançar com o tratamento. Somente experiências clínicas afetivas e uma teoria que respeitasse as particularidades do paciente observadas no atendimento poderiam garantir o sucesso no tratamento³⁵.

³⁴ “Dissemos que a análise de caráter começa com o isolamento e a análise consistente da resistência de caráter. Isso não significa exigir do paciente que não seja agressivo, não minta, não fale de maneira incoerente, que siga a regra básica etc., o que seria não só contrário ao procedimento analítico, mas sobretudo inútil. Deve-se frisar que aquilo que descrevemos aqui nada tem a ver com a chamada educação do paciente ou coisas semelhantes. Na análise do caráter interrogamo-nos por que o paciente engana, fala de maneira incoerente, está bloqueado emocionalmente etc.; procuramos despertar-lhe o interesse para as particularidades de seu caráter a fim de elucidar, com seu auxílio, seu significado e sua origem. Em outras palavras, apenas isolamos, da órbita da personalidade, o traço do caráter de onde provém a resistência principal e mostramos ao paciente, se possível, a relação aparente entre caráter e os sintomas.” (REICH, 1928/1995, p.62).

³⁵ Em 1933, ao publicar esse texto no livro *Análise do Caráter* (REICH, 1933/1995, p.51-89), foi somada uma introdução que deixa bem demarcada essa relação entre as propostas de Reich e o respeito às observações e à realidade do paciente: “Nosso método terapêutico está baseado nos seguintes conceitos teóricos básicos: o ponto de vista *topográfico* determina o princípio de técnica no sentido de que o inconsciente tem de ser tornado consciente; o ponto de vista *dinâmico* estabelece que esse tornar consciente o inconsciente não deve ser realizado diretamente, mas mediante a análise da resistência; o ponto de vista *econômico* e o conhecimento da *estrutura* impõem que, na análise da resistência, cada caso individual requer um plano definido que deve ser deduzido a partir do próprio caso.” (REICH, 1933/1995, p.51, *itálico do autor*).

A meu ver, essa preocupação com a realidade do paciente pauta o trabalho e as análises de Reich no campo da ação política e mostra a importância de sua formação e experiência junto ao movimento psicanalítico, em especial no Seminário de Técnica e na Policlínica. É nesse espaço que Reich solidifica sua visão da importância das discussões teóricas estarem intimamente ligadas à prática. Ao mesmo tempo, essa experiência dá vazão às concepções vitalistas reichianas e a construção de uma teoria que não pode existir fora da prática. Entretanto, o que Reich está propondo não é uma formação clínica para a direção revolucionária, não é formação de um revolucionário profissional, mas sim o mesmo cuidado no trabalho com o paciente e com as massas. Era necessário se aproximar do paciente e, para isso, pensar uma técnica capaz de permitir esta aproximação.

De acordo com o seu livro de 1934 (REICH, 1934/1976), uma direção mecanicista e distante das massas seria incapaz de realizar a verdadeira tarefa de uma direção revolucionária postulada por Lênin: favorecer e acelerar a mudança nos homens necessária para o surgimento da consciência de classe e, assim, conduzir ao socialismo. Reich cita Lênin sem referência a uma obra específica para argumentar a necessidade de a direção revolucionária ajudar a consciência embrionária dos operários, unidos em torno de reivindicações comuns, a se tornar uma consciência de classe. Sem esse apoio da direção revolucionária, os operários não teriam o suficiente para abalar o capitalismo (REICH, 1934/1976).

Ao investigar as obras de Lênin em busca dessa citação, me deparei com o livro *O que fazer?* de 1902³⁶. Acredito que, por uma série de razões, Reich se identificou com o Lênin de 1902, exilado e esperançoso na defesa da necessidade de uma reorganização do movimento revolucionário russo. As semelhanças entre os dois textos foram tão marcantes que nos obriga a esmiuçar com mais cuidado essa relação.

2.1 Otimismo, organização e revolução

Por isso, a atividade essencial de nosso Partido, o palco de sua atividade, deve consistir em um trabalho que seja possível e necessário tanto nos períodos de explosões mais violentas como nos de calma absoluta, isto é, deve consistir em um trabalho de agitação política unificada para toda a Rússia, que ilumine todos os aspectos de vida e dirija-se às massas em geral.

Lênin, *O que fazer?* 1902/1979, p.102.

Em 1902, no exílio, inspirado pela social democracia alemã, Lênin escreve o livro *O que fazer? As questões palpitantes do nosso movimento*. Seu objetivo pode ser compreendido dentro do momento da esquerda russa, em especial do

³⁶ O trecho de Lênin citado por Reich encontra-se no segundo capítulo “A Espontaneidade das Massas e a Consciência da Social-Democracia” do livro de LÊNIN, V. I. *Que Fazer? As questões palpitantes do nosso movimento*. São Paulo: Editora Hucitec, p. 23, 1979.

movimento social democrata russo. Sobre o governo do czar Nicolau II (1868-1918), muitos ativistas haviam sido presos, exilados ou mortos. Do exílio, da clandestinidade ou presos, todos concordavam com o grande objetivo para reverter a situação: semear entre os operários as ideias da social democracia que os acelerariam rumo à revolução. Mas havia muita discussão sobre como fazê-lo, o que funcionaria, quais as condições necessárias e como consegui-las.

A análise apresentada aqui sobre essa obra de Lênin em particular segue o livro de Lars T. Lih, *Lenin Rediscovered: What is to be done? in context*³⁷. Nessa extensa discussão sobre *O que fazer?*, acompanhada por uma nova tradução para o inglês direta do russo, Lih propõe uma releitura do livro que é um clássico marxista. Sua tese é que há uma leitura tradicional – a qual intitula de *textbook interpretation* (interpretação de manual) – que coloca o escrito de Lênin como o pai de um centralismo político e da desconfiança da capacidade das massas em fazer a revolução. De acordo com essa tradição, nesse trabalho, Lênin teria defendido a formação de uma direção profissional para governar e guiar as massas. Para Lih, essa interpretação é fruto de uma descontextualização e de más traduções de termos centrais do texto como espontaneidade, conspiração, revolucionário profissional e sindicalismo. Na visão de Lih, a proposta de Lênin no período era exatamente ao contrário de um centralismo político e estava profundamente enraizada na tradição Social Democrata europeia, em especial à alemã.

³⁷ LIH, L. T. *Lenin Rediscovered: What is to be done? in context*. Brill Leiden, 2006. Uma resposta à tese de Lih, pode ser lida no artigo de Paul Le Blanc, *Rediscovering Lenin*, In: *Historical Materialism*, Issue 3, n. 18, p.90-107, 2010. Disponível em: <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/67221/mod_resource/content/1/Le_Blanc_Lih_Lenin.pdf> Acesso em: 10 de jan. 2014.

Essa tradição Social Democrata europeia é formada por diversas histórias e pensadores, Lih argumenta que para Lênin, ela foi lida a partir do *Efurt Programme* de Karl Kautsky (1854-1938)³⁸. Escrito em 1891 como a parte teórica do programa do Partido Social Democrata alemão (SPD), aparece como a fórmula comum nas obras de Lênin de que a Social Democracia é a fusão do socialismo com o movimento dos operários (LIH, 2006).

De acordo com Lih, a obra de Kautsky construiu um modelo no qual há uma força quase que automática dentro do operário, o espírito da resistência. Naturalmente, essa força levaria à revolução socialista numa sequência lógica de inevitabilidades, indo da resistência dos operários à exploração capitalista, passando pela formação de um movimento de operários que se organizará num partido nacional, que tomará o poder do Estado e adotará o socialismo, já que essa é a única maneira de proteger seus interesses. Essa sequência, apesar de vista como natural, pressupõe um caminho tortuoso e cheio de sacrifícios. O importante é que essa força natural deixaria os operários também receptíveis às “boas novas” da Social Democracia. Dessa maneira, a Social Democracia é a força ativa que transforma o movimento operário ao expandir sua consciência, transformando a força de resistência em força de revolução. Por isso, o seu foco, seu terreno ideal, é o proletariado militante. A Social Democracia, nessa visão, não é o fruto natural do movimento operário, mas a força particular das reflexões de Marx e Engels. Ou seja, para realizar a sua missão socialista, a classe

³⁸ Karl Kautsky foi um importante intelectual marxista na virada do século XIX para o XX. Teve um papel central na consolidação do marxismo como disciplina intelectual, em especial com a publicação da primeira revista marxista sistematicamente publicada *Die Neue Zeit* a partir de 1883. Além disso, foi um dos principais escritores do *Efurt Programme* de 1891 (BOTTOMORE, 2001).

trabalhadora precisa entendê-la e se tornar capaz de vencer qualquer resistência para o seu sucesso. A Social Democracia acelera esse processo ao unir a força natural advinda da resistência do operário à exploração com a força do pensamento teórico³⁹.

Essa é a missão de Lênin como Social Democrata: levar as boas novas da Social Democracia aos operários russos e acelerar o processo natural revolucionário. A estrutura do texto *O que fazer?* é organizada a partir das críticas feitas às publicações do jornal *Rabochee delo*, o maior rival do jornal *Iskra* do qual Lênin fazia parte. Todavia, não era esse seu objetivo central. Lênin usa o embate com o grupo rival para apresentar sua proposta do que fazer para levar a revolução à Rússia ainda sob um regime absolutista. As proposições giravam em torno da urgência de se repensar a técnica de agitação política, de se transcender as limitações “artesaniais” nas organizações do partido e de usar um jornal como ferramenta para costurar os grupos locais existentes numa organização nacional efetiva. O texto é marcado, apesar das ácidas e duras críticas ao grupo rival, por um senso de oportunidade (LIH, 2006).

As semelhanças entre o enfoque de Lênin, em 1902, e o livro de Reich *O que é a consciência de classe?*, em 1934, são impressionantes. Também exilado, Reich utiliza suas críticas aos grupos de esquerda alemães como cenário de uma proposta de ação política pautada por um repensar das técnicas de ação, de unificar os esforços e da criação de um veículo capaz de ajudar no processo de conscientização das forças revolucionárias das massas. A partir dos resultados de seu trabalho ambulatorial em Viena e Berlim, Reich acreditava que o caminho

³⁹ Essa argumentação é desenvolvida ao longo do capítulo 1 do livro de Lih, em especial no item “Kautsky and class leadership” (LIH, 2006).

seria sua proposta de política sexual. Apesar da diferença entre o jornal proposto por Lênin e o trabalho político de Reich, seus objetivos são o mesmo: levar conhecimento para as massas numa linguagem acessível e, assim, ajudá-las a transformar sua revolta comum em uma revolução socialista.

Assim como Lênin em relação às derrotas contra o tzar no final do século XIX, Reich defendia que a derrota para o nazismo, na década de 1930, era fruto da falha da direção revolucionária de agir e conseguir transformar o descontentamento das massas em consciência de classe que possibilitaria a revolução. Em *O que fazer?*, Lênin se pergunta:

Por que o operário russo ainda manifesta tão pouco sua atividade revolucionária face às violências selvagens exercidas pela polícia contra o povo, face à perseguição das seitas, às punições físicas aos camponeses, aos abusos escandalosos da censura, às torturas infligidas aos soldados, à guerra feita às iniciativas mais inofensivas em matéria de cultura, e assim por diante? (LÊNIN, 1902/1979, p.47)

A resposta é enfática e muito semelhante à de Reich:

Até agora, não soubemos organizar campanhas de denúncias suficientemente amplas, ruidosas e rápidas contra todas essas infâmias; a culpa é nossa, de nosso atraso em relação ao

movimento de massas. E se o fizermos (devemos e podemos fazê-lo), o operário mais atrasado compreenderá ou sentirá que o estudante e o membro de uma seita, o mujique e o escritor estão expostos às injúrias e à arbitrariedade da mesma força tenebrosa que o oprime e pesa sobre ele a cada passo, durante toda sua vida; e, tendo sentido isso, desejará, desejará irresistivelmente e saberá ele próprio reagir; hoje, ele fará "arruaças" contra os censores, amanhã fará manifestações diante da casa do governador, que terá reprimido uma revolta camponesa, depois de amanhã castigará os policiais de sotaina que fazem o trabalho da santa inquisição etc. Até agora fizemos muito pouco, quase nada, para lançar entre as massas operárias revelações sobre todos os aspectos da atualidade (LÊNIN, 1902/1979, p.47).

Lênin propôs que a esquerda russa, a partir dos seus erros, repensasse sua prática e teoria de ação política para possibilitar o levantamento das massas, na percepção de sua unidade sob a opressão czarista. Seguindo o modelo Social Democrata do período, esse trabalho de conscientização teria que transpor o espaço da fábrica para atingir todos os grupos sociais descontentes com o czar e fugir das limitações das demandas sindicais. Para tanto, seria necessário a construção de uma ação sistemática e madura, ou seja, com teorias e práticas sólidas, para transpor a ação artesanal e amadora dos grupos de esquerda dispersos pela Rússia.

Em geral, essas operações conduzem ao fracasso imediato e completo, desde o seu início. Imediato e completo, porque essas operações militares não eram o resultado de um plano sistemático, preparado de antemão e estabelecido a longo termo, mas, simplesmente o desenvolvimento espontâneo de um trabalho de círculo conforme sua tradição; porque a polícia, como é natural, conhecia quase sempre todos os principais militantes do movimento local, que já "tinham dado o que falar" nos bancos da Universidade, e, aguardando o momento mais propício para uma invasão, deixa, propositadamente, o círculo alargar-se e estender-se para ter um *corpus delicti* tangível, e a cada vez deixa, de caso pensado, alguns indivíduos "para semente" (é a expressão técnica empregada, pelo que sei, tanto pelos nossos como pelos da polícia). Não se pode deixar de comparar essa guerra a uma marcha de bandos de camponeses armados de bordões, contra um exército moderno. E não se pode deixar de admirar a vitalidade de um movimento que aumentava, estendia-se, e obtinha vitórias, apesar de uma ausência completa de preparação entre os combatentes (LÊNIN, 1902/1979, p.63).

Dessa maneira, ao trazer as análises marxistas numa linguagem adequada sobre a realidade, o que Lênin chamou de propaganda, e usá-las para organizar a ação revolucionária, se conseguiria atingir toda a população, aumentando o tamanho do movimento operário. Esse aumento do movimento operário forneceria com maior frequência líderes de melhor qualidade, ampliando a base de

revolucionários treinados para enfrentar a ação da repressão no processo de liderança. Era preciso transpor essa falta de sistematicidade e reflexão sobre a prática. Era preciso abandonar o artesanal e construir uma geração de líderes bem treinados.

Essa referência a dirigentes bem treinados é um dos pontos de discussão de Lih com a tradição de leitura da obra *O que fazer?* (LÊNIN, 1902/1979). A ideia do revolucionário treinado de Lênin teria sido deturpada com a tradução feita para revolucionário profissional (*revolutionary by trade x professional revolutionary*). Eu decidi traduzir *by trade* por treinado ou por ofício (*trade* em inglês) ao compreender a argumentação de Lih sobre o assunto. Em russo, Lênin usa duas cunhagens: *revoliutsioner por professii* ou *professional'nyi revoliutsioner*. No período que Lênin escreveu, *professiia* significava ofício, ou seja, uma categoria especializada da economia. O termo englobava todas as categorias, como os diversos operários por setor fabril. Lih fornece o exemplo de sindicato, que seria *professional'nye soiuzy* e *trade union* em inglês (LIH, 2006, pp.459-469).

Com a metáfora do revolucionário por ofício, Lênin remete à camaradagem de trabalhadores com a mesma habilidade no controle de seu próprio trabalho. Simultaneamente, dá um sentido de profissionalismo na ação revolucionária, corrigindo o problema da prática artesanal considerada tão danosa. A diferença entre revolucionário profissional e por ofício também está na comparação por oposição entre um profissional que vende os seus serviços, como um mercenário, indo de confusão em confusão, como um médico ou advogado que vende seus serviços aos trabalhadores ignorantes dando-lhes ordens.

Além disso, há de se levar em conta o contexto específico da ilegalidade da oposição russa no período, para pensar qual é exatamente a habilidade necessária para esses revolucionários. Lênin falava da capacidade de sobreviver como parte de um movimento ilegal, por tanto conhecedor da arte da *konspiratsiia*. Essa palavra em russo teria sido traduzida erroneamente para conspiração o que reforçaria o caráter excludente das propostas de Lênin, de acordo com a “interpretação de manual” criticada por Lih. *Konspiratsiia* seria a capacidade de não ser preso e de lutar contra a polícia política. Não há o sentido de um golpe secreto feito por poucos contra algo ou alguém que temos na palavra conspiração.

Dessa maneira, *professiia*, *trade* e ofício remetem à discussão da construção de um movimento clandestino na Rússia czarista que havia impedido a ação política livre da esquerda. Lênin, como já mencionado, criticava a prática artesanal dos revolucionários, para ele, tal prática facilitava a reação feita pelas forças de segurança do czar. De acordo com Lih, quando Lênin usa o termo *professiia* está se referindo a um conjunto de habilidades e conhecimentos necessários para se fazer um bom trabalho de agitação política. Também remete à necessidade de maior empenho e comprometimento dos ativistas com a causa (LIH, 2006).

Esse revolucionário por ofício não necessariamente deveria ser um intelectual e nem menos dever-se-ia impedir a presença de operários nessa função. A questão é exatamente ao contrário: a prioridade central de toda essa discussão é o recrutamento de operários para esse ofício. O papel do operário nessa obra é central. Ele é a classe social revolucionária por excelência por vivenciar, dentro do espaço fabril, o processo de exploração capitalista. É a partir

dele que se forma o movimento dos operários, a parte dos trabalhadores animada pelo espírito de resistência, que será transformado pela Social Democracia (LIH, 2006).

No trecho a seguir, Lênin apresenta sua crítica ao trabalho revolucionário de linguagem inapropriada e que subestima a capacidade das massas.

Nossa "atividade" de operários, atividade que os senhores obstinam-se a querer apoiar lançando reivindicações concretas, que prometem resultados tangíveis, já existe entre nós; e em nossa ação profissional ordinária, de todos os dias, apresentamos nós próprios essas reivindicações concretas, a maior parte das vezes sem qualquer ajuda dos intelectuais. Mas essa atividade não nos satisfaz; não somos crianças que podem ser alimentadas apenas com a "sopinha" da política "econômica"; queremos saber tudo o que os outros sabem, queremos conhecer em detalhe todos os aspectos da vida política e participar ativamente de cada acontecimento político. Para isso, é necessário que os intelectuais nos repitam um pouco menos do que já sabemos, e que nos dêem um pouco mais do que ainda ignoramos, daquilo que nossa experiência "econômica", na fábrica, jamais nos ensinará: os conhecimentos políticos. Esses conhecimentos apenas os senhores, intelectuais, podem adquirir, é seu dever fornecer-nos tais conhecimentos em quantidades cem, mil vezes maior do que o fizeram até agora, e não apenas sob a forma de raciocínios, folhetos

e artigos (os quais freqüentemente costumam ser - perdoem a franqueza! - maçantes), mas - e isto é imperioso - sob a forma de revelações vivas sobre o que fazem nosso governo e nossas classes dominantes exatamente no momento atual, em todos os aspectos da vida (LÊNIN, 1902/1979, p.48-49).

Esse trecho apresenta com clareza a síntese entre a força natural de resistência dos operários à exploração com a força das teorias marxistas, se expressadas com clareza, numa linguagem próxima das pessoas. A meu ver, é esse o espírito das propostas de intervenções de Reich, tanto em Viena quanto em Berlim. Há uma semelhança com a linha adotada por Lênin: ajudar as massas a compreender o seu papel histórico e fomentar a consciência de classe para acelerar o processo revolucionário. Essa semelhança na crença e no otimismo dos dois autores com a força revolucionária dos operários e das massas em geral e com a sua capacidade de entender as questões intelectuais se expostas com clareza é fundamental. Essa crença, esse otimismo da capacidade revolucionária da população oprimida, é o eixo em torno do qual Lênin justifica a necessidade de levar às massas e aos operários as ideias socialistas através de um jornal. É o eixo em torno do qual Reich propõe seu trabalho de aconselhamento sexual revolucionário.

Em Reich, o otimismo leninista/social democrata ganha um deslocamento inspirado pelas concepções vitalistas. Não seria o operariado o revolucionário por natureza, mas a própria vida tenderia à revolução por seu caráter de movimento livre. Em sua tese de doutorado, Simone Ramalho retoma esse aspecto da obra

reichiana ao analisar a trajetória da *Ala Loucos pela X*, do Grêmio Cultural Escola de Samba X-9 Paulistana. Ao refletir sobre a experiência dessa ala formada por pacientes da rede municipal de saúde de São Paulo, Ramalho defende o aspecto da vida como potência na obra reichiana. Potência que teria ganhado fôlego ao ser relida pela ótica do materialismo dialético (RAMALHO, 2010).

Há um grande debate na literatura marxista sobre a naturalidade ou não, tanto do papel do proletariado, quanto do advento do socialismo. A própria pesquisa de Lih faz parte desse debate, ao questionar a tradição sobre a leitura de Lênin. Como seria formada a consciência de classe necessária para a revolução? Seria natural a partir do próprio processo de exploração capitalista? Seria necessária uma força externa que ajudasse ou causasse o processo? No livro *Teoria Crítica e Psicanálise*, Sérgio Rouanet mostra que essa discussão marca a esquerda a partir das derrotas políticas pós Revolução Russa. Entender o papel da ideologia no apoio das massas a líderes e programas políticos contrários ao seu interesse foi uma questão central. Nesse contexto, a psicanálise como ciência da psique poderia servir para compreender o problema (ROUANET, 1998).

O importante é compreender que tanto para o Lênin de 1902, como para o Reich de 1934, essa força é sim natural e revolucionária. E que o papel da direção revolucionária seria ajudar os operários a formar sua consciência de classe e acelerar o processo revolucionário. Essa formação, que ampliaria os horizontes, o tamanho do movimento operário e sua capacidade de ação, só poderia acontecer se os operários fossem ensinados a entender isso em todos aspectos cotidianos.

Assim como Lênin, Reich acredita nessa força e argumenta que a construção da consciência de classe, a consciência dessa força e de sua missão revolucionária, seria o objetivo central do movimento socialista, pois seria a primeira condição para a ação revolucionária. O movimento operário precisa dessas ferramentas para liderar a revolução. Todavia, de acordo com Reich, uma direção esclerosada em concepções mecanicistas, imobilizada por seu distanciamento da vida, seria incapaz de reconhecer os elementos necessários a serem trabalhados para a formação da consciência de classe e, ao mesmo tempo, não seria reconhecida pelas massas. Vejamos um trecho de cada um dos autores criticando esse distanciamento e propondo a aproximação da vida, do cotidiano. Em Reich:

O partido revolucionário não realiza sua tarefa mais importante que é a de elaborar a consciência de classe a partir de suas formas elementares, clarificá-la e fazê-la progredir (REICH, 1934/1976, p.18).

De maneira muito semelhante, em Lênin:

E uma das condições básicas para a extensão necessária da agitação política é organizar as revelações políticas em todos os aspectos. As massas não podem ser educadas na consciência política e na atividade revolucionária senão nas bases desses pontos

[não se limitar a agitação política apenas na perspectiva econômica]. Por isso essa atividade é uma das funções mais importantes de toda a social-democracia internacional, pois mesmo a liberdade política não elimina absolutamente as revelações; apenas modifica um pouco sua direção (LÊNIN, 1902, *apud* LIH, 2006, p.736-737, tradução minha)⁴⁰.

Cabe observar que esse trecho de Lênin, na tradução em português, é um bom exemplo do problema apontado por Lih quanto à tradução de algumas palavras do russo. Em português o texto dá a entender que a direção revolucionária é necessária para a formação da consciência de classe. Lih argumenta que essa visão se deve muito a erros na tradução e a leituras específicas e descontextualizadas de Lênin. Dessa maneira, alternarei entre as duas traduções quando o problema ocorrer, traduzindo para o português e deixando em inglês, em nota, a tradução de Lih. Comparando as duas traduções há realmente diferenças enormes. A citação acima, na edição em português, aparece como:

⁴⁰. Em inglês, na tradução de Lih: "And one of the basic conditions of the necessary widening of political agitation is the organization of all-sided political indictments. The masses cannot be educated in political awareness and revolutionary activeness other than on basis of these indictments. Therefore this kind of activity is one of the most important functions of international Social Democracy as a whole, since political freedom in no way eliminates but only somewhat shifts the scope of these indictments." (LIH, 2006, p.736-737).

Ora, uma das condições essenciais para a extensão necessária da agitação política é organizar as revelações políticas em todos os aspectos. Somente essas revelações podem formar a consciência política e suscitar a atividade revolucionária das massas. Por isso essa atividade é uma das funções mais importantes de toda a social-democracia internacional, pois mesmo a liberdade política não elimina absolutamente as revelações; apenas modifica um pouco sua direção (LÊNIN, 1902/1979, p.46).

Na tradução em português, o trabalho revolucionário aparece como “essencial”. Somente através de suas revelações formar-se-ia a consciência de classe. Enquanto na tradução de Lih, o que temos é o trabalho revolucionário como parte do necessário para aumentar a agitação política. Além disso, na tradução de Lih, o papel da social democracia é educativo e preparatório das massas, ao invés, de um papel apenas de liderança centralizado na direção revolucionária.

Nesse ponto, vemos outro aspecto importante dos dois autores, Lênin e Reich: o tom democrático. A missão histórica revolucionária é dos operários na sua luta contra a exploração. A Social Democracia de Lênin e a direção revolucionária de Reich são uma força de apoio, de direção, de formação e não liderança. Vale pontuar que a Social Democracia de Lênin não é a mesma de Reich. Durante a década de 1920 e 1930, os partidos sociais democratas austríaco e alemão haviam adotado um discurso reformista a favor de reformas

graduais, sem revolução⁴¹. Reich era profundamente crítico a essa postura como veremos no item adiante (2.2). Todavia, ambos compartilham essa visão de que somente o operariado instrumentalizado pelas ideias socialistas poderia fazer a revolução. É aqui que entram a proposta de jornal de Lênin e a proposta do livro *O que é consciência de Classe?* (REICH, 1934/1976). A meu ver, tanto Lênin quanto Reich acreditam que o papel de conscientização é fundamental, pois sem essa consciência de classe o operariado não transporia os limites da fábrica e de seu grupo profissional específico, não poderia liderar a revolução de todos os trabalhadores. Vejamos essa perspectiva nas palavras de Lênin:

A consciência da classe operária não pode ser uma consciência de classe genuína, se os operários não forem ensinados a responder para *cada e toda* ocorrência de abuso de poder e opressão, violência e arbitrariedade, *não importa a classe* atingida; - e, ao fazê-lo, responder precisamente com um ponto de vista Social Democrata e nenhum outro. A consciência das massas operárias não pode ser uma consciência de classe genuína se os operários não aprenderem, nas bases eventos e fatos políticos concretos e pontuais (isso é essencial), a analisar *cada uma* das outras classes sociais em *todas* manifestações de suas vidas intelectuais, morais e políticas - se não aprenderem a aplicar na prática a análise e o critério materialista a *todas* as formas da atividade e da vida de

⁴¹ Sobre o reformismo na esquerda, ver BOTTOMORE, 2001, p.313-314.

*todas as classes, categorias e grupos de população (LÊNIN, 1902, apud LIH, 2006, p.737, itálico do autor, tradução minha)*⁴².

Apesar das citações feitas por Reich sobre o Lênin ao longo do *O que é a consciência de classe?* (REICH, 1934/1976), não há em nenhum momento uma referência mais precisa a esse paralelo com a obra de Lênin. A minha hipótese é que a semelhança entre as duas propostas é fruto de uma dupla combinação: por um lado, os contextos dos dois marxistas é muito parecido (exílio, enfrentamento com grupos da esquerda, governos autocráticos), por outro, o livro *O que fazer?* fazia parte da cultura de esquerda da época e da própria tradição social democrata. Seria natural que Reich o utilizasse para reforçar sua posição frente às críticas que recebia da direção do KPD. Ou seja, a meu ver, Reich usa deliberadamente essa semelhança para reforçar suas críticas e sua proposta política. Além disso, em 1929, no livro *Materialismo Dialético e Psicanálise* (REICH, 1929/1977), Reich havia estabelecido sua meta como psicanalista materialista dialético: ajudar numa revisão revolucionária científica da sociedade, destruindo os antigos valores no domínio psicológico. Essa orientação aparece, por exemplo, quando afirma:

⁴² Em inglês: “The awareness of the worker class is not genuine political awareness if the workers are not taught to respond to each and every occurrence of abuse of power and oppression, violence and malfeasance, no matter which class is affected; — and, in so doing, respond precisely with a Social-Democratic point of view and no other. The awareness of the worker masses cannot be a genuine class awareness if the workers do not learn, on the basis of concrete and (this is essential) topical political facts and events, to observe each of the other social classes in all the manifestations of their intellectual, moral and political life — if they do not learn to apply in practice a materialist analysis and a materialist evaluation of all sides of the activity and life of all classes, strata and groups of the population.” (LIH, 2006, p.737).

(...) ela [psicanálise] implica uma revisão de valores; aplicada na prática a indivíduo, destrói a religião, a ideologia sexual burguesa e liberta a sexualidade. Ora estas são precisamente as funções ideológicas do marxismo (REICH, 1929/1977).

Acredito que há uma aproximação entre as discussões iniciadas em 1926 e que seguem o trabalho de Reich durante todo o seu período como militante comunista. A direção revolucionária foi criticada exatamente na sua incapacidade de compreender as massas no processo desenvolvimento da consciência revolucionária. Como já apresentado, a mesma perspectiva de fundo das discussões de Reich na psicanálise sobre o analista que deveria evitar abordagens mecânicas ao buscar se aproximar da realidade de seu paciente. Contudo, temos que tomar cuidado com uma relação direta entre o trabalho do clínico e o da direção revolucionária. Reich não está propondo um tecnicismo para salvar o trabalho diretivo revolucionário, não está propondo um revolucionário psicanalista. Isso seria o modo da ciência burguesa de agir. É exatamente ao contrário: aproximar teoria da prática, direção revolucionária das massas, permitindo o processo de democratização do conhecimento revolucionário.

Para Reich, a direção revolucionária com suas análises mecanicistas, esclerosadas, distantes, seria incapaz de atentar para as particularidades das massas e, portanto, incapaz de alcançar uma ligação entre a recordação (compreensão da exploração capitalista) e o afeto (percepção dessa exploração

no próprio cotidiano). O resultado seria o choque dos quadros dirigentes com o resto do grupo e o refreamento da própria construção de consciência. Por isso, para apresentar sua proposta do trabalho revolucionário de formação da consciência de classe, Reich analisa esse processo de esclerosamento da vida.

2.2 O esclerosamento da vida (burocratização e política burguesa)

(...) uma direção que não precede as massas na avaliação dos fatos e dos processos, que não prevê, não é uma direção mas um aparelho que refreia a evolução social (REICH, 1934/1976, p.70, *itálico do autor*).

A crítica de Reich à política dos partidos comunistas estrutura-se nesse duplo afastamento da vida, pelo mecanicismo e pela distância das massas. O efeito seria a burocratização tanto da ação quanto da discussão teórica a partir dos modelos burgueses de política e ciência. Sobre esse ponto ele afirma:

Ao examinar a evolução da política dos partidos comunistas desde a morte de Lenine, verifica-se que o princípio do constante apelo às massas foi cada vez mais abandonado e que a burocratização se instalou com a imitação das formas burguesas de política dentro e fora do partido (REICH, 1934/1976, p.62).

De acordo com Reich, a política burguesa seria definida pela sua demagogia: apesar de se decretar representante do povo não pode cumprir suas promessas, pois representa apenas um grupo político, a própria burguesia. Em suas palavras:

É evidente para quem tem uma formação marxista que a política burguesa só pode ser demagógica, porque só pode fazer promessas às massas sem nunca as materializar. Passa-se ao contrário com a política revolucionária, porque pode dar às massas o que promete, de modo não demagógico em princípio. Quando é demagógico, podemos concluir, com certeza, que abandonou os princípios revolucionários (REICH, 1934/1976, p.52).

Toda sua prática é marcada pelo fetichismo em torno da ação e da linguagem política, pelo sectarismo interno e pela distância entre dirigentes e massa. O conceito de fetiche é importante nas obras marxistas e também na teoria freudiana. Apesar da idealização do objeto acontecer nas duas concepções de fetiche, a concepção de Freud analisa, dentro da psicanálise, a reorganização da realidade pela descoberta da não existência do pênis materno, enquanto em Marx o conceito de economia política de fetichismo faz parte do processo de criação de valor, na medida em que os objetos ganham certas características que

passam a ser vistas como naturais no jogo das relações sociais. O valor existe como realidade social e não como substituto estabilizador do psiquismo⁴³.

Para criticar a ação política dos grupos comunistas, Reich explora o conceito de Marx de fetichismo da mercadoria quando um objeto ganha um novo valor que lhe parece natural pelo seu papel nas relações sociais. Reich mostra como o fetichismo da política lhes constrói um valor social que favorece o reacionarismo ao permitir três movimentos: limitar a política às ações dos políticos profissionais e das potências decidindo o destino da humanidade; a visão da política como a construção de pactos entre amigos e inimigos; e como o engodo, a enganação ou a manipulação. A reação das massas é sempre a mesma: uma desconfiança e não compreensão da política, cercados por temor e respeito. O resultado final do processo é o distanciamento das massas das decisões políticas. Sem nenhuma compreensão, desconfiadas, sobra às massas participar como figurantes ou adotar uma atitude apolítica (REICH, 1934/1976).

No livro *Psicologia de massa do fascismo* (REICH, 1933/1974), Reich define o que seria esse comportamento apolítico. A massa que age de maneira apolítica não estaria num estado psíquico passivo, ao contrário, seria um comportamento ativo de defesa contra a política burguesa. Essa defesa existiria em dois grupos diferentes da massa apolítica: em um deles, o universo político está associado inconscientemente ao perigo e à violência causando “uma forte angústia que lhes proíbe de orientar-se em função da realidade” (REICH, 1933/1974, p.177). No

⁴³ O conceito de fetichismo de Freud é desenvolvido na obra de 1927, *O fetichismo*. In: *Biblioteca Nueva*, vol. II, p. 2993, 1981. Marx desenvolve o conceito de fetichismo da mercadoria no capítulo I de *O Capital*. (Marx, K. *O capital. Crítica da economia política*, 1867. Livro I, v. 1. São Paulo: Nova Cultural, 1988).

outro grupo, maior em número, a massa está preso em seus próprios conflitos sexuais. A massa que alimentou a ascensão nazista seria oriunda dos dois grupos por serem facilmente capturados pela propaganda e pelo alívio momentâneo de suas tensões internas ao entregarem-se ao partido nazista e seu grande líder (REICH, 1933/1974). Em ambos os casos, os comunistas foram incapazes de perceber a necessidade de uma linguagem capaz de politizar a vida sexual dessa massa apolítica e, portanto, perderam espaço para o discurso fascista⁴⁴.

Vale mencionar uma repetição variada do conceito de massa no *Psicologia de massa do fascismo* de 1933 e no *O que é a consciência de classe?* de 1934. Em 1933, o enfoque era compreender como a reação havia se apossado da força das massas, portanto, o objetivo era investigar tanto a propaganda nazista quanto a estrutura mental que havia permitido o seu sucesso. Dessa maneira, destaca-se como a moralidade sexual e familiar haviam criado indivíduos em sintonia com o conservadorismo político. Isso não desqualificaria a força revolucionária das massas, mas sim nos ajudaria a entender como essa energia era usada pela reação para controlar a própria população. Já em 1934, o ângulo de discussão era o das possibilidades revolucionárias, isso mesmo frente aos reveses políticos da década de 1930. Assim, em 1934, Reich propõe uma maneira de potencializar

⁴⁴ “Devemos conhecer a vida, tal como decorre nos bastidores, desses cinco milhões de pequenos-burgueses apolíticos, que determinam o resultado das lutas, para compreender que papel subterrâneo, silencioso, a vida privada, ou seja essencialmente a vida sexual, desempenha na grande política ruidosa. (...) O apolítico é a pessoa absorvida em conflitos sexuais. Querer conquistá-la eliminando a sexualidade, como aconteceu até agora, não só não tem saída como é o meio mais seguro de a lançar nos braços da reação política que explora maravilhosamente as consequências da sua situação social e sexual.” (REICH, 1974, p.178).

a força revolucionária das massas a partir do seu conhecimento prático dos problemas da vida cotidiana. Temos, portanto, dois cenários analíticos distintos, nos quais a mesma visão das massas, discutida anteriormente nesta tese, ganha enfoques diferentes.

Para Reich, a formação moral conservadora burguesa da sociedade capitalista fundamenta essa prática política burguesa. No final da década de 1920 e nos primeiros anos de 1930, os textos de Reich gradualmente ampliam a discussão sobre o impacto da sociedade na formação das neuroses e a crítica a uma educação sexual negativa para a percepção da moralidade como burguesa e ferramenta da opressão capitalista sobre o trabalhador. Dessa maneira, estabelece uma relação direta entre a moral sexual e a formação do indivíduo para o capitalismo e sua estrutura social. O seu afastamento gradual de Freud e da Associação Psicanalítica Internacional faz parte desse processo e foi reforçado tanto pela reação conservadora de não enfrentamento de Freud com os movimentos fascistas ascendentes, como pelo aprofundamento da concepção de pulsão de morte na obra freudiana.

No livro *Irrupção da moral sexual repressiva* (REICH, 1932/s.d., p.31), Reich vai além ao usar as pesquisas do antropólogo Bronislaw K. Malinowski (1884-1942) com os nativos das Ilhas Trobriand, entre 1915 e 1918⁴⁵, para aprofundar sua crítica a uma psicologia burguesa que tinha dificuldades de aceitar que a cura

⁴⁵ São três os livros citados em REICH (s.d.) de Malinowski: *La sexualité et sa répression dans les sociétés primitives*, Paris: Petite Bibliothèque Payot, 95, D. L. 1927; *La Vie sexuelle des sauvages du nord-ouest de la Mélanésie*. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 156. 1929; *Crime and Custom in Savage Society*. London: Routledge & Kegan Paul. (Trad. franç. par S. Jankélévitch, « Le Crime et la coutume dans les sociétés primitives », in *Trois essais sur la vie sociale des primitifs*. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 109. 1926).

da neurose pressupõe a superação da moral social em vigor (REICH, 1932/s.d.). Ao relacionar as observações de Malinowski às discussões acerca do surgimento da propriedade privada a partir do viés marxista⁴⁶, Reich defende como a moral sexual conservadora, negativa no sentido de negar a sexualidade natural, está ligada ao surgimento da propriedade privada e ao surgimento das classes sociais. Essa ideia não era nova para Reich naquele momento. No texto *O beco sem saída da educação sexual* (REICH, 1928/1979), ao discutir a possibilidade de uma reforma da moral sexual, Reich já apontava o quão inocente era a tese de que seria possível transformá-la sem alterar a moral burguesa como um todo⁴⁷. Portanto, tanto a política burguesa, como a moral conservadora burguesa, serviriam para reproduzir as condições necessárias para a existência do capitalismo⁴⁸.

⁴⁶ Reich cita a partir da edição francesa do livro *O capital* de Karl Marx e *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* de Friedrich Engels (ENGELS, F. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979).

⁴⁷ “Como a educação baseada na moral sexual está indissolúvelmente ligada, na história humana, à aparição do interesse pela propriedade privada e se desenvolve paralelamente a este, as neuroses são fenômenos ligados à ordem social patriarcal, baseada na propriedade privada.” (REICH, W. *O beco sem saída da educação sexual – A influência da moral sexual conservadora*. In: *A Revolução Sexual*, Trad. Ary Blaustein. Rio de Janeiro: Zahar, p. 94-103, 1979.).

⁴⁸ “Não necessitamos acrescentar aqui quaisquer provas sobre o fato de os representantes da sociedade, materialmente interessada na manutenção da ordem presente, toleram, ou mesmo fomentam, as aspirações reformadoras, como se fossem passatempos sem importância, mas que se tornam imediatamente brutos, logo que verificam tratar-se de propósitos sérios de abalar a existência de seus valores materiais e os valores ideais que deles fazem parte, empregando para impedir isso os meios profusos que dispõem.” (REICH, 1928/1979, p.100).

Para ilustrar suas críticas e a diferenciação entre política burguesa e revolucionária, Reich compara as ações políticas do diplomata Maxim Litvinov⁴⁹, em Genebra, nas conversações sobre desarmamento que precederam a Segunda Guerra Mundial, com a maneira pela qual Lênin se dirigia às massas e fazia política (REICH, 1934/1976). Nas negociações, Litvinov defendia a necessidade de acordos com a França. Usando uma análise do órgão trotskysta *Nossa Palavra*⁵⁰, Reich afirma que essa escolha diplomática servia apenas à reação, já que essas alianças colocariam numa guerra operários russos e franceses contra operários alemães e ingleses. A ação política revolucionária teria sido dirigir-se às vastas massas das nações imperialistas e apresentar “de maneira clara e franca, inteligível para todos” (REICH, 1934/1976, p.57-58) que não é a política burguesa que acabará com as guerras ou as impedirá, mas apenas a ação solidária dos trabalhadores desses países imperialistas. Dessa maneira, a diplomacia soviética na Liga das Nações seria demagógica, como a política burguesa, ao propor algo que não poderia cumprir.

O sectarismo político seria outro reflexo desse processo de emburguesamento da política revolucionária. O fetichismo da política transforma o partido revolucionário no espaço da luta pelo poder, disfarçada de diferentes

⁴⁹ Maxim Litvinov (1876-1951): em 1930 ocupou o cargo de comissário soviético de Assuntos Exteriores sendo substituído em 1939. Foi embaixador nos Estados Unidos de 1941 a 1943. No período a que Reich faz referência, como Comissário do Povo para os Negócios Estrangeiros, Litvinov foi o responsável pelo acordo no qual o EUA reconheceu a URSS e sua entrada na Liga das Nações.

⁵⁰ Periódico, em russo (*Nache Slovo*), publicado por Leon Trotsky (1879-1940) entre 1914 e 1916, na França onde estava refugiado. Trotsky foi um dos principais líderes da Revolução de Outubro de 1917 e um dos organizadores do exército vermelho. Perseguido pelo stalinismo, foi morto no México em 1940 (BOTTOMORE, 2001).

propostas revolucionárias e em nome da verdadeira teoria marxista. O resultado seria novamente uma direção revolucionária distante das massas as quais deveria guiar e estimular no processo revolucionário. Nas palavras do autor:

O vazio, a escolástica, o imobilismo, o afastamento das massas, são o resultado, precisamente, de cada organização existente se considerar como a eleita dos deuses para dirigir a revolução próxima, e nesta base cada uma tenta estigmatizar as outras como contra-revolucionárias (REICH, 1934/1976, p.72).

A direção revolucionária ocuparia, assim, o lugar dos políticos burgueses no papel de profissionais da política, únicos capazes de decidir o futuro dos trabalhadores. Ou seja, ao invés de propiciar a formação da consciência de classe, a direção revolucionária, cuja ação está pautada pelos moldes burgueses de política, acaba aumentando a apatia e o distanciamento, excluindo as massas das decisões políticas fundamentais para a construção do seu próprio cotidiano. Sobre esse ponto, de forma categórica, Reich afirma:

Em vez disso, praticava-se a “alta política”, a “estratégia” e a “tática”, sem as massas, contra elas, e excluía-se todos os que queriam e praticavam a política revolucionária (REICH, 1934/1976, p.62).

Para Reich, o papel de uma política revolucionária seria o oposto dessa política burguesa fetichizada: ao invés de esconder e dificultar a compreensão e a participação das massas de maneira demagógica, a política revolucionária deveria pretender mudar a estrutura social e atender as massas em suas necessidades ao fazê-las compreender e participar do processo de tomadas decisões.

As massas atendidas em suas necessidades físicas e psíquicas participariam na política de maneira a apresentar resultado exatamente o oposto da apatia política do universo político burguês. Conscientes de suas necessidades e capazes de tomar decisões, a massa seria capaz de se governar. O exemplo de política revolucionária seria a maneira como Lênin compreendia a participação das massas e o papel da direção revolucionária. A verdadeira democracia social só passaria a existir no momento em que a simplificação da política e da administração permitisse a qualquer trabalhador gerir o Estado. Como podemos observar nos dois textos:

Em Reich:

A frase de Lênin segundo a qual qualquer cozinheiro deveria poder gerir o Estado, graças a simplificação da política e da administração, contém em esboço a ideia fundamental da democracia social (REICH, 1934/1976, p.59).

E, em Lênin:

Nós não somos utopistas. Sabemos que qualquer operário não qualificado e qualquer cozinheira não são capazes neste momento de começar a dirigir o Estado. Nisso estamos de acordo tanto com os democratas-constitucionalistas como com Brechkóvskaia e com Tseretéli. Mas diferenciamo-nos destes cidadãos em que exigimos a ruptura imediata com o preconceito de que administrar o Estado, levar a cabo o trabalho diário, quotidiano de administração, é coisa que só podem fazer os ricos ou funcionários provenientes de famílias ricas. Nós exigimos que a aprendizagem dos assuntos da administração do Estado seja realizada pelos operários e soldados conscientes e que ela seja iniciada imediatamente, isto é, que imediatamente se comece a fazer participar nesta aprendizagem todos os trabalhadores, todos os pobres (LÊNIN, 1917).

Essa afirmação encontra-se no texto *Conservarão os bolcheviques o poder do Estado?* de 1917. No texto, Lênin afirma que sem dúvida os mais simples operários não estariam prontos para governar o Estado, mas poderiam fazê-lo, se preparados. Como discutido anteriormente (item 2.1), seguindo essa fé de Lênin na potência revolucionária dos trabalhadores, para Reich a única maneira de politizar e mobilizar a população seria dirigir-se com clareza e franqueza, sem escamotear, na sua própria linguagem, se afastando da política burguesa tradicional para, ao tornar acessível à tomada de decisões, democratizar a ação política.

Esse processo de democratização da política só seria possível se a direção revolucionária permanecesse próxima das massas e fosse capaz de compreender e explicar as contradições a emperrar a revolução em seu cotidiano. Pudessem colocar em movimento a vida, a revolução. Esse modelo entrou em choque com o processo de tomada de decisões centralizado imposto por Josef Stalin ao *Komintern* a partir de 1923, com a morte de Lênin.

Em 1917, com a vitória na Rússia, Lênin, então líder do Partido Comunista da União Soviética, funda a Terceira Internacional, também chamada de Internacional Comunista ou *Komintern* que vigorará de 1919 até 1943. O objetivo era unificar os partidos comunistas de todos os países. Sob o comando de Lênin, os encontros eram anuais. Entretanto, com Stalin foram apenas dois congressos: o VI, em 1928 e o VII e último em 1935, antes de ser dissolvido em 1943. Com o fracasso de uma revolução alemã em 1923 e sob o comando de Josef Stalin (1878-1953), a ideia de internacionalizar o movimento foi destruída e seus opositores, como Trotsky (1879-1940), foram perseguidos e expurgados⁵¹. As mudanças de política da direção comunista alemã quanto à aliança com os sociais democratas de 1928 e de 1933, de aliados, para inimigos e novamente para aliados foram duramente criticadas por Reich como política burguesa e responsável por distanciar as massas. Foi esse o episódio da frente única, de 1933, muitas vezes mencionado por Reich no *O que é a consciência de classe?* (REICH, 1934/1976).

A história da esquerda alemã durante a República de Weimar (1919-1933) foi marcada por constantes conflitos internos e a formação de novos grupos.

⁵¹ Para mais detalhes sobre o *Komintern* ver BOTTOMORE, 2001, p.197-199.

Essas divisões haviam ganhado força com as discussões acerca do que deveria ser a posição do Partido Social Democrata (SPD) em relação à participação alemã na Primeira Guerra Mundial. A maior parte do SPD defendia a participação da Alemanha na guerra, enquanto os grupos mais radicais eram contrários a qualquer apoio ao conflito. Nessa divisão, surgiu a Liga Espartaquista, em 1915, fundada por Rosa Luxemburgo (1871-1919) e Karl Liebknecht (1871-1919). Com o fim do Império e o começo da República de Weimar (1919-1933) essas divisões foram ampliadas pela participação do SPD na nova república e a adoção de um projeto socialista por reformas. A Liga Espartaquista se uniu ao *Komintern* e criou o Partido Comunista Alemão, o KPD. A tentativa de revolta, em 1918, levou à prisão e à morte de vários de seus líderes e marca a ruptura definitiva entre o SPD e o KPD. Para se manter no poder, o SPD distanciou-se cada vez mais dos outros grupos de esquerda, dependendo constantemente da direita e dos militares (MILLER, 1974).

Ao longo da década de 1920, o KPD passou por muitas transformações, em especial, seguindo os conflitos internos por poder do Partido Comunista da URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas). Isso piorou o conflito com o SPD, já que a linha de ação soviética era sabotar e destruir os sociais democratas. Ao mesmo tempo, o alinhamento à URSS levou a uma burocratização do partido e a subida ao poder de uma liderança muito mais por sua fidelidade às diretrizes soviéticas do que por sua relação com o movimento operário na Alemanha. O aumento da adesão ao nazismo, no começo da década de 1930, levou a um

conflito entre as três partes. Os grupos paramilitares do KPD, do SPD e nazistas se enfrentavam abertamente⁵².

É a essa história de sectarismo político e de burocratização que Reich responde com *O que é a consciência de classe?* (REICH, 1934/1976). Para Reich, uma direção afastada do cotidiano das massas, seja por sua teoria mecanicista ou sua política burguesa, não seria capaz de precedê-la nas análises e nas ações capazes de levá-la à revolução. Estaria esclerosando a “vida”, ou seja, com decisões pautadas na burocracia do partido, distantes do cotidiano, atrapalharia a conscientização das massas, impediria, refrearia, portanto, a evolução do operariado em direção à revolução.

A meu ver, é possível supor que a ideia de vida esclerosada deriva das discussões de Reich sobre o caráter neurótico e sobre a couraça presentes no livro *Análise do Caráter* (REICH, 1933/1995)⁵³. Nessa obra, Reich postula que os pacientes cujas neuroses organizam-se de forma caraterial atingem um bloqueio da afetividade e desenvolvem um comportamento automático, transformam-se

⁵² Na dissertação de mestrado de Miller (MILLER, F.A. *Left-wing splinter parties in the Weimar Republic*. Tese (Mestrado em História) – Department of History, The University of British Columbia, 1974) há uma descrição detalhada das várias dissidências dentro da esquerda. Seu foco é, em especial, o período da República de Weimar para compreender o impacto dessa fragmentação nos fracassos de evitar a ascensão nazista e fazer a Revolução Socialista na Alemanha. Miller faz a ressalva que essa fragmentação não era exclusividade da esquerda alemã, mas do cenário político do momento.

⁵³ Sobre a noção de couraça desenvolvida nesse período, ver ALMEIDA, B. H. P. *A noção de couraça na obra de Wilhelm Reich: origens e considerações sobre o desenvolvimento humano*. Tese (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

numa espécie de “máquina viva”⁵⁴. O caráter neurótico do paciente apareceria na análise como um compacto mecanismo de defesa, uma verdadeira couraça com funções econômicas definidas: proteção narcísica do ego contra o mundo e controlar a libido. Apesar de fortalecer o ego, o caráter, ao mesmo tempo, diminui sua habilidade para agir e sua liberdade de movimento (REICH, 1933/1995). O resultado é uma resistência a qualquer ação que desequilibre essa defesa, como a análise na terapia (REICH, 1933/1995). O objetivo da Análise do Caráter seria ajudar o paciente a compreender a relação entre os sintomas sentidos e o caráter observado. Dessa maneira, seria possível o paciente conscientizar-se desses traços de caráter e impedir que a defesa narcísica atrapalhe o atendimento. Como discutido anteriormente aqui (item 2 “Dogmatismo x política revolucionária”), o objetivo seria o paciente ultrapassar suas próprias resistências, conseguir estabelecer uma ligação afetiva com suas próprias memórias e avançar no processo de cura. Nas palavras de Reich:

Fundamentalmente, nosso procedimento aqui não é diferente do que seguimos na análise de um sintoma; na análise do caráter acresce apenas que temos de mostrar ao paciente o traço de caráter *isolado*, e isso *muitas vezes* até que ele consiga se libertar dele e encará-lo de maneira semelhante à que faria com um sintoma compulsivo importuno. Ao libertar-se e ao objetivar o traço de caráter neurótico, ele começa a senti-lo como algo que lhe é

⁵⁴ “Além dos sintomas, um paciente compulsivo distinguia-se por apresentar um *bloqueio afetivo total*. Uma espécie de máquina viva, ele não era acessível nem ao prazer nem ao *desprazer*.” (REICH, 1995, p.191, itálico do autor).

estranho e, finalmente, obtém uma compreensão da sua natureza (REICH, 1933/1995, p.62, *itálico do autor*).

De certa maneira, esse pano de fundo de preocupação com as barreiras que impedem os pacientes de terem uma vida plena, se repete nas críticas aos dirigentes comunistas da época. Frente a uma direção burocratizada e distante da vida, a solução seria se reaproximar da vida, do cotidiano das massas e, em conjunto, reconstruir as teorias a partir da prática. Essa reaproximação é fundamental na medida em que possibilita compreender os problemas e as necessidades dos trabalhadores e construir uma linguagem e teorias adequadas, tanto a essa realidade, como ao próprio trabalhador⁵⁵.

Para Reich, não seria de se estranhar, portanto, o desinteresse dos trabalhadores pelas palavras de ordem da direção revolucionária. Os trabalhadores no seu cotidiano conseguem perceber muitas das contradições inerentes à sua realidade e como estão distantes das decisões da direção burocratizada⁵⁶. Retoma-se o que Reich entende como a proposta de Lênin sobre o papel da direção revolucionária como capaz de analisar as contradições da realidade e, de maneira clara, ao ajudar os trabalhadores compreendê-las,

⁵⁵ “Ou a política revolucionária exprime, pelo seu conteúdo e linguagem, a existência simples, rude, próxima da vida, das vastas massas, ou então não faz mais que chamar-se revolucionária sendo, de fato, ineficaz e reacionária. Mesmo se diz as coisas certas, permanece incompreendida pelas massas e atua num sentido objetivamente contra-revolucionário.” (REICH, 1934/1976, p.56).

⁵⁶ “A experiência prática do partido mostrou-nos que quando o quadro médio não seguia as diretivas do partido, é porque ele instintivamente via e pensava com maior correção que os responsáveis de cúpula.” (REICH, 1934/1976, p.70-71).

alimentar e direcionar a formação da consciência de classe. Para isso, seria necessário formular uma ciência revolucionária, ou seja, materialista dialética. Isso só seria possível se a ciência, livre de suas concepções burguesas ou mecanicistas, fosse construída na ação, na prática, a partir da reaproximação da direção revolucionária do cotidiano das massas. Assim, é importante compreender como Reich pensou essa relação entre prática e teoria no processo revolucionário.

2.3 A ação/prática como espaço da construção da teoria - a dialética da revolução e a ciência revolucionária.

Dar vida ao marxismo vivo é a tarefa imediata, sobretudo na análise da realidade e na discussão (REICH, 1934/1976, p.10).

Os grupos de elite da revolução social, isto é, os trabalhadores da indústria e dos transportes ‘ainda não’ pertencem ao partido comunista. Hoje, como dantes, os membros do partido fazem todos os esforços para os conquistarem mas coragem e a vontade subjectivas não bastam. Para conseguir é preciso, também, conhecer os melhores meios (REICH, 1934/1976, p.69).

Para realizar a tarefa de construir uma ciência revolucionária a cargo da direção era necessário um duplo deslocamento a partir da crítica materialista dialética da ciência burguesa e da ação revolucionária na ciência. Ao longo do

livro *O que é a consciência de classe?* (REICH, 1934/1977), constrói-se uma oposição entre o campo revolucionário e o burguês. A adjetivação do burguês e da revolução faz parte de um discurso tanto intelectual como militante. Dessa maneira, como burguesa, teríamos a ciência produzida na sociedade capitalista e controlada pela burguesia. Para Reich, seria necessário romper com essa ciência burguesa e construir uma ciência revolucionária capaz de reorganizar o movimento de esquerda e a sua ação.

Todavia, a ciência marxista teria, assim como a direção revolucionária, perdido o seu contato com a prática, no caso, com a pesquisa e com o questionamento da ciência burguesa. Ou era abstrata demais ou apenas colocava palavras de ordem revolucionária na ciência burguesa. Naufragou, esclerosou, diria Reich, um corpo incapaz de agir na vida e responder-lhe a altura (REICH, 1934/1976). A direção revolucionária precisava reconstruir sua investigação a partir da prática científica, através do materialismo dialético, enfrentando a ciência burguesa na pesquisa e não só no debate.

A ação científica revolucionária teria que seguir o caminho dialético da crítica das representações à realidade, da ciência burguesa à ciência marxista. O primeiro passo seria examinar a estrutura da ciência burguesa, compreender a sua estrutura fragmentada, individualista, carreirista e elitista, afastada da vida. O segundo passo seria mostrar como e quando a ciência burguesa entrava o conhecimento. Como no caso do alcoolismo, a ciência burguesa conhecia a fundo os efeitos sob o tecido do cérebro, mas pouca atenção dedicava a estudar as circunstâncias sociais que fazem de um homem um alcoólatra (REICH, 1934/1976). Feita materialmente, a crítica dialética, a ciência revolucionária precisaria desenvolver-se a partir dos problemas e dos resultados de cada

domínio científico e, só depois elaborar a ligação de seu campo com o problema da luta de classes no plano econômico.

Essa distinção já havia sido esboçada quando Reich defendeu a posição da psicanálise na ciência marxista no livro *Materialismo Dialético e Psicanálise* (REICH, 1929/1977, p.29-36 e 115-134). Para tal, demonstrou a materialidade do psiquismo e fez uma crítica às concepções idealistas e mecanicistas da psicanálise. Somente uma psicanálise de base materialista dialética seria capaz de vencer a resistência da ciência burguesa de reconhecer o princípio de realidade daquele momento como o capitalista. Só ela seria capaz de mostrar a massa de trabalhadores o que lhe impede a formação da consciência de classe. Nas palavras de Reich:

Mas a definição do princípio de realidade como exigência da sociedade permanece formal se não acrescentar concretamente que o princípio da realidade, sob a forma que reveste para nós actualmente, é o princípio da sociedade capitalista, baseada na economia privada. São numerosos os desvios idealistas em psicanálise quanto à maneira de conceber o princípio da realidade. Assim, ele é muitas vezes apresentado como um dado absoluto. Por adaptação à realidade entende-se simplesmente à adaptação à sociedade, o que, na pedagogia como na terapia das neuroses, constitui inegavelmente uma formulação conservadora. Concretamente: o princípio da realidade na época capitalista impõe ao proletário uma extrema limitação das suas necessidades, não

sem invocar para este fim as obrigações religiosas de humildade e de modéstia (REICH, 1929/1975, p.47-48).

É com esse modelo de ciência revolucionária como libertadora e construída a partir da vida que Reich analisou Freud e a discussão da profilaxia das neuroses. Para o autor, as descobertas freudianas deveriam ter levado o problema das neuroses ao centro da psicanálise. Todavia, a ciência burguesa, presa ao modelo burguês de compreensão do mundo, era incapaz de perceber a ligação de sua economia sexual, construída em torno da repressão sexual, e o aumento dos doentes mentais no período. Portanto, distante da vida, esclerosada e burguesa ao impedir uma ação revolucionária sobre a economia sexual capaz de libertar as pessoas das neuroses. Ao contrário, fixou-se no tratamento individual abandonando a profilaxia. De acordo com Reich, a própria dificuldade encontrada de se discutir o problema da profilaxia nos meios psicanalíticos da época, só foi resolvida com essa percepção da relação entre a ciência burguesa e a incapacidade de compreender as influências do meio. No prefácio à primeira edição do livro *Irrupção da moral sexual repressiva* (REICH, 1930/s.d.) há uma espécie de síntese da trajetória de Reich até 1930, no qual Reich justifica o porquê estudar a formação das bases da economia sexual burguesa, foco do livro.

E perante isso, recuava-se; no entanto, a verificação repetida e prosseguida ao longo dos anos da fórmula terapêutica dava sempre o mesmo resultado: a neurose é produto do recalçamento sexual e

da estase da energia sexual, a sua cura pressupõe a anulação do recalçamento e uma vida sexual sã; e tudo aquilo com que se chocava na vida social contradizia a aplicação prática dessa fórmula rigorosa. (...) Resumia-se tudo pois à pergunta: como é possível impedir as neuroses? A psicopatologia oficial mantinha como antigamente, apesar de Freud, a tese da primazia da etiologia hereditária. Que essa visão falsa e estéril se baseia sociologicamente na necessidade para a ciência burguesa – e mais particularmente para a genética – de desviar a atenção das influências do meio, tornou-se perfeitamente claro mais tarde, para mim, com o estudo da sociologia marxista (REICH, 1930/s.d., p. XII-XIII, *itálico do autor*).

Nesse contexto, no qual não haveria como negar o peso das questões sociais no desenvolvimento e tratamento das neuroses, qual seria o papel da ciência revolucionária? Empreender a análise materialista dialética das descobertas de Freud e compreender suas contradições, seus aspectos revolucionários e seus aspectos reacionários⁵⁷. Assim, perceber o quão revolucionário foi a descoberta de Freud sobre o funcionamento das neuroses e o quão reacionário foi o tratamento individualizado proposto. Na nota 56 do livro *Materialismo dialético e Psicanálise* (REICH, 1929/1977), adicionada na edição de 1934, Reich sintetiza sua relação com as descobertas e limitações de Freud

⁵⁷ “O verdadeiro e frutuoso trabalho revolucionário a realizar é o de mostrar positivamente em que é que Freud é um sábio genial e em que é que ele é um filósofo burguês da mais velha escola.” (REICH, 1934/1976, p.79).

naquele momento. O interessante é perceber que em 1929, quando o livro foi publicado, os apontamentos são bem diretos quanto à limitação burguesa da psicanálise e a necessidade de uma crítica materialista dialética sobre suas descobertas. Entretanto, na nota adicionada em 1934, depois da ruptura com a Associação Psicanalítica Internacional, o próprio Freud foi repreendido em limitar o alcance de suas descobertas como podemos observar na nota 56 reproduzida abaixo:

Os que mais combateram ou combaterem as teorias freudianas do inconsciente, do desenvolvimento sexual infantil, etc., agem inconscientemente como órgãos de execução de interesses sociais reacionários, mesmo no caso de serem marxistas. A repressão sexual está ao serviço da dominação de classes. Esta reproduziu-se ideológica e estruturalmente nos dominados, e sob esta forma constitui o mais forte poder, ainda desconhecido, de qualquer espécie de repressão. A sociedade burguesa voltou-se contra Freud porque ele parecia ameaçar extremamente a existência do seu aparelho ideológico. O próprio Freud nunca reconheceu esta razão, além de que nem sequer se deu conta do alcance da sua descoberta. A economia sexual continua a função da psicanálise do ponto de vista social, precisamente no aspecto em que ela é rejeitada pelos representantes da psicanálise (REICH, 1929/1977, p.119-120).

O prefácio à primeira edição de 1933, do livro *Análise do Caráter* (REICH, 1933/1995, p.1-8), defende de maneira muito clara a relação entre a necessidade de uma mudança social radical e a profilaxia das neuroses. Sem enfrentar as contradições da sociedade capitalista, ou seja, sem uma revolução, não seria possível a profilaxia das neuroses. Nas palavras do autor:

Esforcei-me por demonstrar que as neuroses são o resultado de uma educação familiar patriarcal e repressiva no que se refere a questões sexuais; que, além disso, o que interessa de fato é a profilaxia das neuroses, objetivo para cuja realização prática, no moderno sistema social, faltam todas as condições prévias; que, em suma, só a mudança radical das instituições e ideologias sociais (mudança que depende do êxito das lutas políticas de nosso século) criará as condições necessárias a uma ampla profilaxia das neuroses (REICH, 1933/1995, p.3).

A meu ver, a discussão sobre a ciência revolucionária segue, de certa maneira, a mesma crítica à direção revolucionária apresentada anteriormente. Para Reich era preciso libertar-se do modo de pensar e agir burguês para poder desenvolver uma verdadeira prática revolucionária. A direção e a ciência revolucionária do período estavam presas à política e à ciência burguesa, apenas mudando o vocabulário com a introdução de palavras de ordem revolucionária ou com a ideia de luta de classes. De acordo com Reich, apoiado nas suas formulações sobre materialismo dialético e psicanálise e nas suas experiências

como militante de esquerda na Alemanha do começo dos anos de 1930, o prisma revolucionário ganharia uma nova dimensão quando escapa do escopo da mudança política e da leitura economicista da ciência a partir da luta de classes. Esse prisma revolucionário marca a diferença entre a proposta de Reich para as policlínicas psicanalíticas e as de Freud e outras lideranças da Associação Psicanalítica Internacional no final da década de 1920. A mesma crítica, portanto, servia também ao movimento psicanalítico, que presos a uma moralidade e à ciência burguesa não cumpriam toda a sua potência transformadora, impedindo a realização de seu próprio objetivo de higiene mental.

A verdadeira revolução deveria ser construída pelas massas e conduzida por uma direção capaz de antecipar suas necessidades e mostrar onde e porque esta estava submissa. Para além de sua filiação com a leitura leninista, há um deslocamento que amplia a associação de revolucionário com verdade científica e com liberdade. No livro *Psicologia de massa do fascismo* (REICH, 1933/1974) essa relação entre uma ciência materialista, construída na prática e pela prática, e a formação da consciência de classe, aparece como um dos problemas para a prática da política sexual:

A pesquisa burguesa académica exige a separação do ser e do dever-ser, do conhecimento e da acção. E por isso que ela se julga “apolítica”, alheia à política. A ciência lógica chega a afirmar que o dever-ser nunca pode ser deduzido do ser. Vemos aí uma limitação que tem por finalidade permitir aplicarmo-nos calmamente à pesquisa académica sem sermos obrigados a tirar daí as

consequências que qualquer descoberta científica séria implica, consequências que são geralmente progressistas, muitas vezes até revolucionárias. Aos nossos olhos, a constituição de pontos de vista teóricos não procede unicamente das necessidades da vida concreta, da dificuldade em que nos encontramos para resolver os problemas práticos da nossa existência; o ponto de vista teórico não só deve limitar a promover um modo de ação e um domínio das novas tarefas práticas, melhores e mais adequadas; vamos mais longe uma teoria não tem valor a nossos olhos senão quando ela se verifica na e pela prática. Deixamos tudo o resto aos escamoteadores do espírito, aos garantes da ordem dos valores burgueses (REICH, 1933/1974, p.149).

Para Reich, examinar a vida de maneira imparcial, livre e sem preconceitos seria revolucionário, seria libertador ao permitir a compreensão da realidade e, nesse processo, a libertação do homem do jugo capitalista e a construção de uma sociedade de homens livres e mentalmente sadios⁵⁸. Nessa proposta, vemos a mistura entre o projeto higienista de construção de um novo homem, mas profundamente transformada pela proposta de Lênin de educar as massas para a revolução. Ao mesmo tempo, a psicanálise materialista dialética seria a ciência que fornecerá os meios para isso ser realizado. A proposta de Reich no livro O

⁵⁸ Ao criticar as companhias de teatro revolucionário, Reich mostra como elas poderiam utilizar a realidade a partir da premissa materialista, sem grandes discussões abstratas para fazer avançar a consciência de classe. “Pode fazer-se isto sem muita ‘ciência’, examinando a vida de modo imparcial, livre, sem preconceitos, revolucionário portanto.” (REICH, 1934/1976, p.75).

que é a consciência de classe? (REICH, 1934/1976) é exatamente esta. A partir de sua prática militante junto às massas, Reich formulou uma proposta de intervenção e ação para a direção revolucionária aproximar-se das massas, reconstruir o movimento operário e reverter a derrota para o nazismo.

3. As organizações revolucionárias próximas às massas na construção da consciência de classe.

A existência e as condições de existência dos homens refletem-se, incrustam-se e reproduzem-se na sua estrutura mental, à qual dão forma. É só através desta estrutura mental que este processo objetivo nos é acessível, que podemos entravá-lo, favorecê-lo ou dominá-lo. Só por intermédio da cabeça do homem, da sua vontade de trabalho, da sua procura da alegria de viver, em resumo, da sua existência psíquica, que nós criamos, consumimos, transformamos o mundo (REICH, 1934/1976, p.19).

Frente às críticas à falta de conhecimento dos revolucionários sobre a constituição da consciência de classe e de sua importância no processo revolucionário, Reich teceu uma proposta de como compreender e desenvolver essa consciência para permitir a revolução. A base deveria ser a psicanálise revista de maneira crítica pelo materialismo dialético. A psicanálise, pensada como ciência materialista, teria seus elementos reacionários identificados e poderia se desenvolver numa psicanálise revolucionária capaz de conduzir a massa na formação de sua consciência de classe⁵⁹.

⁵⁹ “Portanto, se é verdade que a revolução social tem por condição subjetiva (primeira) o acordo entre um certo estado psíquico da massa com a consciência mais elevada da direção revolucionária, cada vez se torna mais necessário responder à pergunta ‘O que é a consciência de classe?’” (REICH, 1934/1976, p.16).

Para Reich, a direção do KPD não conseguia compreender como existia e funcionava a consciência de classe dos trabalhadores alemães. Ele menciona uma reunião na qual interpela um dirigente para que enumere cinco elementos da consciência de classe e cinco fatores que atrapalhassem o seu desenvolvimento. O dirigente fica um pouco surpreso com a questão e tenta usar a fome como resposta, argumento padrão do KPD na época, o que Reich mostra como insuficiente⁶⁰. Definir o que é a consciência de classe passaria, portanto, pela crítica do trabalho dos diferentes grupos de esquerda no período. Era necessário analisar o processo de consciência de classe, que

[...] apresenta-se antes sob a forma de elementos concretos que em si próprios ainda não são a consciência de classe (a fome, por exemplo) mas que poderiam produzi-la ao reunirem-se; estes elementos também não estão presentes no estado puro, mas misturados e impregnados de forças e representações (REICH, 1934/1976, p.18).

Era necessário estudar as representações em sua contradição material para conseguir traçar as melhores estratégias para que a direção revolucionária pudesse cumprir seu papel de desenvolver e guiar as massas no seu potencial transformador. Esse trabalho deveria ser pensado a partir de uma psicologia de

⁶⁰ “A política marxista revolucionária tem até agora partido do princípio de que existe uma consciência de classe perfeita no proletariado, pronta a se manifestar, sem ser capaz de a analisar em pormenor e concretamente.” (REICH, 1934/1976, p.17).

massa de cunho marxista, o que não estava sendo feito, como afirma Reich: “Aqueles que citam Marx e Lenin contra essas ideias não são capazes de definir cinco elementos concretos da consciência de classe e cinco obstáculos à sua formação” (REICH, 1934/1976, p. 19-20).

O primeiro passo seria compreender que a consciência de classe deve ser diferente na direção revolucionária e na massa, mas diferenças que deveriam convergir e concordar para que o processo revolucionário se forme. Num dos itens do *O que é a consciência de classe?* (REICH, 1934/1976), denominado “Conclusão”, Reich enumera os cinco pontos necessários para compreender a consciência de classe da massa e sua diferença com a da direção revolucionária. Para melhor compreendê-los, segue a citação completa, com os dois tipos de consciência de classe, da direção revolucionária e a das massas:

A consciência de *classe das massas* não é o conhecimento das leis históricas ou econômicas que regem *a vida dos homens*, mas o conhecimento:

1 – Das necessidades vitais de cada um em todos os domínios;

2 – Das vias e possibilidades de satisfação dessas necessidades;

3 - Dos obstáculos que lhe são postos pela sociedade de economia privada;

4 – Das inibições e ansiedades que impedem cada um de ver claro nas exigências da sua própria vida (a fórmula: “O inimigo está no seu próprio campo” é particularmente verdadeira a propósito da inibição mental de cada oprimido);

5 – Da invencibilidade da sua própria força contra dos opressores por pouco que ela se una em movimento de massas.

A consciência de classe da direção revolucionária (do partido revolucionário) nada mais é que a soma do saber e das aptidões que permitem exprimir para a massa o que ela própria não pode exprimir; e a eliminação revolucionária do julgo do capital e a ação global que nasce da consciência das massas plenamente desenvolvida, quando a direção revolucionária tiver compreendido as massas em todos os domínios (REICH, 1934/1976, p.94, *itálico do autor*).

Nesses cinco pontos ficam claras as relações estabelecidas por Reich entre a tradição da classe operária como detentora de uma força revolucionária natural e a saúde mental compreendida como a capacidade e a possibilidade do indivíduo compreender e lidar com as suas necessidades vitais em todos os domínios. Necessidades essas que foram ampliadas a partir da própria experiência de Reich na Viena Vermelha e suas ações no campo da saúde inspiradas pelo higienismo, tanto na Policlínica psicanalítica de Viena como nos seus projetos próprios de higiene mental em Viena e na Alemanha.

Na massa, encontraríamos um tipo pessoal, alheia às teorias e aos processos históricos, nascida e formada a partir das experiências cotidianas banais e imediatas e que atinge menos de uma ínfima parcela de trabalhadores revolucionários⁶¹. Ou seja, apesar de não ser teórica, tem a sua validade na experiência, na prática cotidiana, na própria percepção vivida dos contrastes do capitalismo. Em contrapartida, a consciência de classe do dirigente revolucionário seria formada a partir do conhecimento teórico e da apreensão dos processos históricos objetivos, longe do tipo pessoal da massa. Todavia, na massa temos a potência do conhecimento da vida e das opressões do sistema capitalista. Conhecimento, também, de sua própria força natural, desde que unida pela consciência de classe contra o opressor.

Na comparação entre as consciências das massas e da direção revolucionária podemos perceber o alinhamento com as propostas de Lênin de uma direção revolucionária munida do “saber e das aptidões” necessárias para ajudar a massa a exprimir sua revolta e fazer a revolução. Sua relação seria clara para Reich: a direção é a responsável por exprimir as próprias necessidades vitais da massa, percebidas, mas incapazes de serem organizadas de maneira revolucionária, de maneira livre. A direção é um guia num processo de construção de uma liberdade para a massa capaz de aproximá-la das suas próprias necessidades, de sua própria vida, livrando-a dos “obstáculos” da “sociedade de economia privada”, do “julgo do capital”. A psicanálise materialista dialética tem essa função teórica/prática de servir a esse processo revolucionário e terapêutico

⁶¹ “[...] está orientada para os reflexos, incrustações e efeitos deste mecanismo objetivo na subjetividade sob a forma das inúmeras pequenas questões da vida quotidiana.” (REICH, 1934/1976, p.19).

de libertação coletiva. Seria a realização revolucionária do projeto profilático das Policlínicas Psicanalíticas pensado por Freud, em 1918, do ponto de vista marxista de Reich.

Esse processo só pode se realizar se as diferenças forem compreendidas pela direção revolucionária e, dessa maneira, acabar com a distância entre o que um fala e o outro ouve⁶². Todavia, vale lembrar que a proposta não é a formação de psicanalistas revolucionários, de um grupo técnico separado da população, nos moldes burguês, mas sim o uso de um saber construído a partir do materialismo dialético e que pode ser acessível a todos. Dessa maneira, só poder-se-ia atingir a massa ao perceber na sua consciência limitada, os embriões ou elementos do que se chama consciência de classe. Para se aproximar da massa seria preciso observar o seu cotidiano, analisá-lo em suas contradições e a partir deste construir uma teoria viva – ou seja, próxima do cotidiano e revolucionária/materialista dialética – e uma linguagem capaz de atingir a massa e realizar o trabalho revolucionário da construção da consciência de classe. Por isso, precisamos agora compreender o que significa para Reich a observação do cotidiano e a análise de suas contradições.

⁶² “O partido revolucionário não realiza sua tarefa mais importante que é a de elaborar a consciência de classe a partir de suas formas elementares, clarificá-la e fazê-la progredir.” (REICH, 1934/1976, p.18).

3.1 A observação do cotidiano e a análise de suas contradições - elementos reacionários x revolucionários

A energia revolucionária está acumulada na vida quotidiana!
(REICH, 1934/1976, p.97).

A única coisa que a organização revolucionária teria podido levar às massas sem temer concorrência, e que com efeito não levou, a única coisa que poderia ter retido as massas que afluíam e atrair outras, teria sido saber o que o próprio escravo do capitalismo desejava sem ter plena consciência disso, ele que era ignorante, oprimido, que aspirava simultaneamente à liberdade à proteção autoritária; formular e exprimir isto na sua linguagem em vez dele, pensá-lo em vez dele (REICH, 1934/1976, p.31-32).

Dentro desse contexto de crítica ao dogmatismo do KPD e a comunistas mecanicistas do período e da proposta de uma ciência revolucionária como a construção da teoria a partir da prática, as organizações revolucionárias só poderiam formular suas propostas de ação dentro da observação do cotidiano da massa. Aproximar-se da vida. Assim como para Lênin em 1902, essa é a resposta de Reich para os problemas dos grupos de esquerda do período. Uma teoria revolucionária elaborada a partir da massa daria vida ao movimento e o livraria dos males de uma organização burguesa: o sectarismo e a burocratização. A

observação do cotidiano da massa, de sua vida, teria três objetivos: compreender suas necessidades, distinguir em suas contradições seus elementos reacionários e revolucionários e aprender sua linguagem.

A compreensão das necessidades reais da massa era fundamental para Reich na medida em que a construção da consciência de classe passava pela análise materialista dialética reveladora das opressões sociais apresentadas nos cinco pontos anteriormente⁶³. Por meio da dialética, Reich propõe a formação da consciência de classe a partir da crítica da aparência das relações sociais que justificam a situação de “inibições e ansiedades que impedem cada um de ver claro nas exigências da sua própria vida” (item 4). Com essa crítica dialética, a massa poderia começar a compreender os “obstáculos que lhe são postos pela sociedade de economia privada” (item 3) e enfrentá-los. Passados esses obstáculos, a massa seria capaz de enxergar “necessidades vitais de cada um em todos os domínios” (item 1), podendo, nesse processo, fazer um duplo movimento de pensar as “vias e possibilidades de satisfação dessas necessidades” (item 2) e compreender a “invencibilidade da sua própria força contra dos opressores por pouco que ela se una em movimento de massas” (item 5) (REICH, 1934/1976, p.94).

A sequência da formação da consciência de classe é semelhante ao processo proposto para a análise de um caráter neurótico no livro *Análise do Caráter* (REICH, 1933/1995, p.51-52). Reich propõe um processo terapêutico que não focasse apenas o material apresentado na análise, mas também como e com

⁶³ “Se a política geral [...] se ela quer permanecer marxista, deve ir ao encontro da vida quotidiana, humilde, banal, primitiva e simples das mais vastas massas em toda a sua diversidade geográfica e social.” (REICH, 1934/1976, p.20).

qual intensidade esse material foi exposto pelo paciente. Essa seria a única maneira de ultrapassar as defesas narcísicas e conseguir transformar o processo de recordação e interpretação do material analítico numa possibilidade do paciente encontrar o caminho da cura ao se conscientizar de sua neurose. Se essas preocupações não fossem levadas em conta, o processo de análise não conseguiria criar o vínculo afetivo entre o paciente e sua recordação, impedindo o analista de alcançar a neurose na sua formação infantil inicial. Ou seja, no caso a formação da consciência de classe só teria efeito caso fosse acompanhado pela preocupação com o reconhecimento afetivo e efetivo das massas dos obstáculos que lhe são impostos na vida. Todavia, isso só aconteceria se a direção revolucionária compreendesse e respeitasse a realidade da massa, ajudando-a a enxergar suas necessidades vitais e a compreender suas capacidades de realizá-las.

A tomada de consciência de classe, nesse esquema reichiano, é uma libertação da vida e a sua construção a partir de uma compreensão da saúde mental como uma vida livre das neuroses provocadas pela moral social burguesa e mais alinhada com a própria natureza do homem, com a satisfação de suas necessidades vitais⁶⁴. Aqui há uma aproximação entre o “esclerosamento” da teoria observado na direção revolucionário pautada pelos modos burgueses de organização e a inibição da vida da massa por obstáculos da sociedade de economia privada. Em ambos os casos, o funcionamento natural é impedido por

⁶⁴ “Tudo o que hoje se chama moral ou ética serve para oprimir a humanidade trabalhadora.” (REICH, 1934/1976, p.24). “Este exemplo, entre tantos, bastará para provar que não se pode atingir o objectivo final, o socialismo, sem passar pela satisfação de objectivos menores e imediatos dos indivíduos mediante um vigoroso aumento da satisfação das suas necessidades.” (*Ibidem*, p.22-23).

um modo de organização não condizente com a vida, com a própria realidade, que mantém o homem distante da satisfação de suas necessidades vitais. Em ambos os casos, o movimento natural da vida é impedido e uma relação neurótica com a realidade é estabelecida.

Dessa maneira, para atingir o socialismo seria preciso, além de conhecer as forças objetivas sociais, entender o que se passa na cabeça, na estrutura mental dos homens submetidos a essas forças. Entender suas necessidades vitais. Reich lembra a comparação entre Lênin e os revolucionários húngaros quanto à questão da coletivização dos campos⁶⁵. Lênin havia percebido que os camponeses participaram da revolução em nome do acesso a terra e que a coletivização os colocaria contra o novo regime. Por isso, prometeu as terras dos grandes proprietários para os camponeses. Compreendia suas necessidades, fez a revolução com os camponeses e não contra eles. Já os revolucionários húngaros, conhecedores das necessidades históricas e não sensíveis às necessidades dos camponeses, fizeram a coletivização e perderam o apoio dos camponeses e a revolução. Ou seja, munido do materialismo dialético, Lênin, sem nenhuma formação psicanalítica, se aproximou dos camponeses e compreendeu suas

⁶⁵ Provavelmente Reich faz referência à formação da República Soviética Húngara, sob o comando indireto de Béla Kun, em 1919. As confusões militares do final da I Guerra Mundial abriram espaço para uma aliança com os sociais-democratas. O novo governo decidiu estatizar todas as propriedades privadas do país, inclusive na área rural. Todavia, apesar dos conselhos contrários do próprio Lênin e de outros bolsheviks, as propriedades rurais nacionalizadas não foram redistribuídas entre os camponeses, o que destruiu seu importante apoio ao novo governo. Sem o apoio do campo, Kun foi obrigado a usar cada vez mais da força para controlar os insatisfeitos, o que acabou com sua base de governo. Outro fator importante foi a impossibilidade da ajuda militar soviética. A experiência durou 133 dias e terminou com a invasão e conquista de Budapeste pelos Romenos.

necessidades, usando uma linguagem e um caminho adequado para ajudá-las no seu processo de formação de consciência de classe.

Alcançar os trabalhadores seria compreender suas necessidades. A reação política (fascismo e igreja) exigia a renúncia da felicidade terrena, compreendia como funciona a mentalidade do trabalhador. Apoiava-se no sentimento de culpa e humildade. Erguia uma privação aceita de maneira dócil. Engordava a partir do cumprimento dessas exigências pela massa. Pedia ao trabalhador a inibição de suas necessidades em nome do amor ao *Führer*, à Pátria ou a Deus. Para Reich, a revolução socialista passaria pelo caminho da satisfação das necessidades na construção de uma vida livre, plena, sem as renúncias exigidas em nome de um futuro distante. A economia socialista, controlada pelos trabalhadores para os trabalhadores, não poderia trazer os mesmos infortúnios, deveria se mostrar superior⁶⁶.

Essa concepção de vida livre, influenciada pelas teorias vitalistas, pela experiência de Reich na Policlínica vienense e reorganizada pelas leituras marxistas, precisa ser compreendida com mais cuidado. No livro *a Função do Orgasmo* (REICH, 1942/1975), escrito no começo da década de 1940, Reich esclarece a sua concepção de alegria de viver ao responder críticas a sua visão. Para Reich, a vida livre não seria um paraíso na terra, mas a possibilidade dos indivíduos serem capazes de lidar com os prazeres e desprazeres da vida de maneira menos esclerosada, bloqueada, encoraçada. Ou seja, o indivíduo não

⁶⁶ “Ao princípio de renúncia apresentada pela reação é preciso opor o princípio da felicidade terrena. [...] A humildade das pessoas ‘simples’ que é virtude para a Igreja e para o fascismo, é o maior erro do ponto de vista socialista, é um dos múltiplos fatores que jogam contra a consciência de classe.” (REICH, 1934/1976, p.21).

deveria renunciar a sua própria vida, nem menos aceitar que o movimento natural do processo psíquico saudável, fosse interrompido. Como afirma Reich:

Fui acusado de ser um utopista, de querer eliminar do mundo a insatisfação e salvaguardar apenas o prazer. Entretanto pus e preto no branco ao afirmar que a educação convencional torna as pessoas incapazes para o prazer — encorajando-as contra o desprazer. O prazer e a alegria da vida são inconcebíveis sem luta, sem experiências dolorosas e desagradáveis auto-avaliações. A saúde psíquica se caracteriza não pela teoria do Nirvana dos iogues e budistas, nem pelo hedonismo dos epicuristas ou pela renúncia do monasticismo; caracteriza-se pela alternância entre a luta desagradável e a felicidade, entre o erro e a verdade, entre a derivação e a volta ao rumo, entre o ódio racional e o amor racional; em suma, pelo fato de se estar plenamente vivo em todas as situações da vida. (...) A capacidade de suportar o desprazer e a dor sem se tornar amargurado e sem procurar o refúgio no encorajamento caminha lado a lado com a capacidade de receber a felicidade e de dar o amor. Como salientou Nietzsche, aquele que poderia ‘exaltar-se até atingir as culminâncias do céu’ deve estar preparado para ‘ser mergulhado na morte’. Entretanto, a nossa educação e filosofia social européias tornaram os adolescentes, conforme a sua situação social, ou em frágeis bonecos, ou em máquinas de indústria ou de ‘negócios’ — secas, insensíveis,

portadoras de melancolia crônica e incapazes para o prazer
(REICH, 1942/1975, p.103-104).

É nessa articulação entre as concepções do campo da higiene mental, das suas leituras vitalistas e da sua formação freudiana e marxista que Reich constrói uma crítica à moral, à ciência burguesa e à direção revolucionária para propor um rumo para o movimento operário e sua direção em 1934. Para compreender as necessidades das massas, associar a satisfação destas com a revolução e fomentar a formação da consciência de classe seria preciso empreender, num processo materialista dialético, uma análise das contradições da vida das massas nos seus detalhes cotidianos. O caminho seria o uso das descobertas da psicologia relidas a partir da crítica dialética. Era essa falta de uma teoria revolucionária psicológica a dificuldade das direções revolucionárias “esclerosadas” para compreender as necessidades das massas. Assim como na crítica à ciência burguesa, dever-se-ia observar os elementos reacionários e revolucionários na vida das massas. Como reacionário, Reich elenca todos os fatores que impõe algum obstáculo às satisfações das necessidades vitais e, portanto, que alimentam as neuroses, a obediência e a submissão das massas. Como revolucionário os fatores que alimentam a revolução ao estimular a luta das massas contra os obstáculos às suas necessidades vitais⁶⁷. Dessa maneira, Reich elabora duas perguntas para o observador revolucionário:

⁶⁷ “Pode considerar-se como factores da consciência de classe tudo o que se opõe à ordem burguesa, tudo o que contém germes de revolta. Inversamente, consideramos como obstáculo à consciência de classe tudo o que se liga à ordem burguesa, a apoia e lhe dá força.” (REICH, 1934/1976, p.24).

a) Quais as ideias e desejos progressistas existentes nas diferentes camadas, profissões, classes etárias e sexos;

b) Quais os desejos, angústias e ideias que entravam o desenvolvimento do aspecto progressista (‘fixações tradicionais’) (REICH, 1934/1976, p.18).

Para exemplificar sua proposta, Reich toca a polêmica questão do roubo: quem tem mais elementos de consciência de classe, o operário que se resigna ou aquele que rouba? A polêmica está exatamente na moralidade envolvendo a relação com a propriedade privada e a exploração do trabalhador. Ele observa que boa parte dos operários alemães condenaria o operário ladrão sem perceber a contradição de eleger como exemplo aquele que se resigna e se entrega “docilmente ao matadouro capitalista” (REICH, 1934/1976, p.23). A ideia não é defender o roubo como um elemento da consciência de classe, mas mostrar que aquele que não se adapta as leis e rouba quando tem fome, tem “maior capacidade de revolta” (REICH, 1934/1976, p.23). Ou seja, a psicologia materialista dialética consegue perceber os elementos revolucionários da situação e ultrapassar a representação moralista de condenação do ladrão. A questão não seria mais compreender porque roubou o esfomeado, mas por que a maioria dos homens não o faz na mesma situação⁶⁸. O que impede a massa esfomeada de se revoltar e, portanto, funciona como elemento reacionário? Roubar não seria sinal

⁶⁸ “Mantemos a tese de que o problema fundamental de uma boa psicologia não é saber porque rouba o esfomeado mas, ao contrário, porque é que não rouba.” (REICH, 1934/1976, p.23).

de uma consciência de classe, mas um tijolo possível para construí-la desde que observada e orientada corretamente pela direção revolucionária.

Os fatores reacionários são tratados como as resistências de caráter no livro *Análise do Caráter* (REICH, 1933/1995). No caráter neurótico, a couraça, o sistema de defesa do ego, impede que o paciente consiga estabelecer uma relação afetiva com suas recordações e, portanto, conseguir realmente compreender como se deu a formação de sua neurose⁶⁹. O indivíduo internaliza a couraça e transforma o comportamento neurótico em características de sua personalidade. Quando essa couraça é ameaçada pela análise, ela oferece uma resistência para tentar se preservar. O resultado é que o paciente não consegue transpor a couraça sozinho e atingir o centro de sua neurose. O objetivo da análise é, a partir da observação e afrouxamento dessa resistência, conseguir alcançar a couraça e permitir ao paciente estabelecer uma relação afetiva com suas memórias. Na citação a seguir, Reich explica como o caráter se estabelece e qual sua função. Sem compreender esse aspecto, não é possível vencer sua resistência.

Economicamente, o caráter na vida diária e a resistência de caráter na análise servem como meio de evitar o que é desagradável (*Unlust*), de estabelecer e preservar um equilíbrio psíquico (ainda que neurótico) e, por fim, de consumir quantidades recalcadas de energia pulsional e/ou quantidades que escaparam a repressão. A

⁶⁹ “A couraça do caráter é a expressão concreta da *defesa narcísica* cronicamente implantada na estrutura psíquica.” (REICH, 1933/1995, p.59).

ligação da angústia que flui livremente, ou (o que dá no mesmo) a absorção de energia psíquica represada é uma das funções principais do caráter. O elemento histórico, isto é, infantil, é incorporado e continua a viver e a atuar no caráter, assim como o faz no sintoma neurótico. Isso explica por que o afrouxamento consistente da resistência de caráter fornece uma aproximação segura e direta ao conflito infantil central (REICH, 1933/1995, p.60, *itálico do autor*).

Dessa maneira, permite-se, assim, a continuidade do processo analítico na medida em que se libera a força afetiva ancorado na couraça do caráter construindo uma abertura para o conflito infantil. O importante é perceber a preocupação de Reich com a necessidade de se observar com cuidado o paciente para se compreender a estrutura da couraça. Sem essa observação seria impossível se aproximar do paciente e correr-se-ia o risco de ficar apenas na análise do conteúdo sem compreender a dinâmica de assimilação das experiências infantis. Sem essa compreensão não seria possível desarmar a couraça e ajudar o paciente. Nas palavras de Reich:

O resultado imediato do afrouxamento analítico da couraça de caráter e da ruptura do aparelho de defesa narcísico tem dupla face: 1) *a liberação dos afetos de suas ancoragens e disfarces*; 2) *o estabelecimento de uma entrada para a área central do conflito infantil – o complexo de Édipo e a angústia de castração*. Há uma

vantagem nesse procedimento que não deve ser subestimada: não se atinge apenas o conteúdo de experiências infantis; mais importante ainda, elas são trazidas diretamente à análise no contexto específico em que foram assimiladas, isto é, *na forma em que foram moldadas pelo ego*. Vê-se cada vez mais em análise que o valor dinâmico do mesmo elemento de material recalcado varia, dependendo do grau em que as defesas do ego foram afrouxadas. Em muitos casos, o investimento de afeto das experiências da infância foi absorvido pelo caráter como um mecanismo defensivo, de tal maneira que, simplesmente interpretando-se o conteúdo, chega-se às recordações, mas não aos afetos. Em tais casos, interpretar o material infantil antes de se liberarem os afetos assimilados no caráter é um grave erro (REICH, 1933/1995, p.60, *itálico do autor*).

Dessa maneira, apoiado na sua experiência clínica, Reich propõe que o objetivo da direção revolucionária deveria ser compreender essas resistências à formação da consciência de classe e perceber que elas são pontos de partida para alcançar a massa. Foi a incapacidade da direção revolucionária de enxergar e compreender as contradições da vida da massa que levou esses trabalhadores para o lado dos nazistas. Para desenvolver a consciência de classe deveria se pensar uma teoria revolucionária capaz de trabalhar essas contradições. Temos como exemplo, sua análise da S.A. nazista. Para Reich esse elemento revolucionário nos S.A. seria presente “de maneira impura e confusa, um fragmento da consciência de classe socialista, a que o trabalho revolucionário

poderia ter-se dedicado se tivesse começado por sua própria conta a tornar a questão clara.” (REICH, 1934/1976, p.37). Dessa maneira, poderia “mostrar claramente as contradições em vez de só ver o reacionário no membro das S.A. e só ver o revolucionário “que ainda não vê muito claro” no membro do S.P.D.” (REICH, 1934/1976, p.37).

Para vencer os movimentos reacionários e guiar a formação da consciência de classe das massas era preciso construir uma linguagem que pudesse ser compreendida, que pudesse fazer as massas entender as observações revolucionárias e perceber as contradições, as resistências, os fatores reacionários de seu comportamento⁷⁰. Retornamos à linha de Lênin. Para fazer a revolução era preciso refazer a linguagem revolucionária para se aproximar das massas e enfrentar o problema dos movimentos reacionários, assim, conseguindo atingir as pessoas desconfiadas das ideias revolucionárias. É o que afirma categoricamente Reich:

 Ou a política revolucionária exprime, pelo seu conteúdo e linguagem, a existência simples, rude, próxima da vida, das vastas massas, ou então não faz mais que chamar-se revolucionária sendo, de fato, ineficaz e reacionária. Mesmo se diz as coisas certas, permanece incompreendida pelas massas e atua num sentido objetivamente contra-revolucionário (REICH, 1934/1976, p.56).

⁷⁰ “Não seria difícil mostrar que não falamos a linguagem das grandes massas que são, em parte, apolíticas, em parte ideologicamente escravizadas e que acabaram por permitir o triunfo da reação.” (REICH, 1934/1976, p.11).

Por isso, pensar a consciência de classe como uma questão moral seria voltar a pensar dentro dos padrões burgueses cuja moralidade não vê contradição em si mesma. Seria esclerosar o processo de observação e destruí-lo ao afastar da realidade material. Erro cometido pela imprensa do *Komintern* nas análises sobre os nazistas, as quais não conseguiam ver nada mais nos nazistas do que um grupo a serviço da ordem do capital financeiro, perdendo o foco da energia revolucionária da massa afiliada a essa forma reacionária. A liquidação da S.A. em 1934 é a prova das contradições entre os aspectos revolucionários e reacionários unificados pela ideologia no fascismo⁷¹. Reich lembra que boa parte dos seus integrantes já havia feito parte de grupos do KPD, ou seja, haviam procurado alguma maneira de lidar com sua energia revolucionária, sua energia vital que procurava saídas para sua insatisfação (REICH, 1934/1976).

Com suas críticas à linguagem esclerosada da imprensa revolucionária, Reich mostrou como só se publicava os discursos do partido, sem estabelecer uma relação com a massa. Poderíamos dizer que não havia ligação afetiva entre o dito e o vivido. Dessa maneira, essa linguagem esclerosada não permite o trabalho materialista dialético de análise das contradições do cotidiano. Não se promove, portanto, a formação da consciência de classe. Uma verdadeira linguagem revolucionária não levaria ou transmitiria à massa a consciência de classe, mas sim desenvolveria as aspirações revolucionárias, mesmo no operário despolitizado, na pequena burguesia e no campesinato, como queria Lênin em

⁷¹ Em 1934, no episódio conhecido como “Noite das Facas Longas”, Hitler manda prender e executar os principais líderes da S.A. (Sturmabteilungen ou Divisões de Assalto), a milícia nazista com quase três milhões de homens. Hitler temia o crescente poder do grupo.

1902. Por isso, a importância da observação das necessidades e das contradições cotidianas para formular uma nova linguagem mais próxima da vida. Sobre esse tema, Reich afirma:

Se nos recusamos a dar atenção às manifestações menores da vida das massas, aparentemente fortuitas e acessórias, as massas não acreditarão – e terão razão – que nós as possamos compreender quando se tomar o poder (REICH, 1934/1976, p.84).

A rejeição à psicologia como contra-revolucionária impediu a direção revolucionária de usar uma linguagem capaz de ajudar a massa a compreender que as contradições que lhe entravam a vida são fruto da sociedade capitalista, afastando-a de suas fileiras⁷². Sem uma linguagem adequada, ou seja, construída de maneira materialista dialética a partir da observação das necessidades e das contradições cotidianas e capaz de ser compreendida, a direção revolucionária não poderia cumprir seu papel de pensar e falar pelas massas suas contradições e guiá-la rumo a uma consciência de classe e à revolução. Reich usa como exemplo a discussão com os jovens e a discussão sobre sexualidade para realçar a importância da proximidade entre direção e massas.

⁷² “Mas uma organização que rejeitava toda a psicologia como contra-revolucionária, não estava preparada para este gênero de trabalho.” (REICH, 1934/1976, p.32).

É um fato que hoje a juventude está em muitos aspectos muito mais avançada do que os seus ‘dirigentes’ que veem apenas um interesse ‘tático’ em coisas como a vida sexual que são evidentes para a juventude. Deveria ser o contrário: o dirigente deveria ser a encarnação da primeira espécie de consciência de classe e elaborar a segunda (REICH, 1934/1976, p.20).

Reich defende que se deveria usar uma escrita dupla na linguagem revolucionária: em marxismo e na linguagem das massas que não o compreendem, mas cuja força é fundamental para a ação revolucionária acontecer. Sem esse processo de observação materialista dialético, a linguagem revolucionária não expressaria as necessidades vitais das massas e nem lhe guiaria na construção de uma consciência revolucionária. Estaria esclerosada pela incapacidade da direção de compreender que a sua consciência de classe seria de outro tipo, de que sua linguagem exprime apenas os seus próprios pensamentos e não o das massas⁷³. Imitaria, assim, a ciência e a política burguesa em seu fetichismo, servindo apenas para esconder a realidade e manter as massas controladas.

⁷³ “Se nos deixarmos hipnotizar pela extrema brutalidade desta lei [Lei do trabalho de janeiro de 1934] que rouba tudo ao operário, esquecendo-nos que a vemos *com outros olhos*, de que a sentimos de *modo diferente* do operário preparado ideologicamente, exprimimos apenas os *nossos próprios pensamentos e contradições e não as suas* quando nos dirigimos a ele.” (REICH, 1934/1976, p.40-41, itálico do autor).

3.2 O franco falar

Eu próprio tinha participado numa reunião secreta entre dirigentes comunistas e social-democratas sobre a constituição da frente única. Ninguém devia sabê-lo nas células do partido. Isto é *política* burguesa. O contrário, justamente, é que teria sido revolucionário: dar aos comunistas a palavra de ordem de apoiar a manifestação social-democrata e anunciar à multidão através de auto-falantes que se estava a negociar a frente única. Quer dizer, fazer progredir as ideias das massas, deixá-las exprimir os seus desejos. Em vez disso, praticava-se a “alta política”, a “estratégia” e a “tática”, sem as massas, contra elas, e excluía-se todos os que queriam e praticavam a política revolucionária (REICH, 1934/1976, p.62, *itálico do autor*).

A segunda etapa na construção da consciência de classe é a franqueza na revelação da verdade descoberta pela observação materialista dialética. A revolução deveria ser franca, não deveria esconder nada, pois estava construindo uma nova sociedade cuja relação de si consigo mesmo e de si com os outros não seria mais pautada por relações sociais esclerosadas. A revolução como libertação das massas por si mesmas guiadas pela direção revolucionária era a readequação das relações sociais a uma espécie de naturalidade das próprias necessidades vitais. Era o fim da esclerose causada pelos modos burgueses de vida, de moral.

A meu ver, há uma proximidade entre esse quadro revolucionário e quadro clínico nos textos reichianos. No livro *Análise do Caráter* (REICH, 1933/1995), no atendimento analítico, Reich propõe a técnica de análise das resistências para ajudar o paciente a estabelecer uma relação afetiva com sua própria memória. Através da análise da resistência, o analista ajuda o paciente a estabelecer uma relação franca consigo e com o tratamento. Possibilitaria, assim, o paciente a lidar com seu inconsciente e com sua neurose. Na relação apresentada anteriormente entre o processo de formação da consciência de classe e atendimento clínico, seria a franqueza da direção revolucionária a única capaz de atingir a massa, vencendo a resistência da couraça rígida da massa explorada. A direção deveria ser franca por oposição à demagogia da política burguesa que tudo esconde das massas. A franqueza política seria a única linguagem capaz de mudar a ação apolítica da massa.

A linguagem franca, construída de maneira materialista dialética e fruto da observação do cotidiano, guiaria a massa num processo de retomar a sua habilidade de agir e sua liberdade de movimento, destruiria a couraça das massas. A transposição da defesa narcísica só poderia ser construída se o paciente conseguisse uma relação afetiva real consigo mesmo, o mesmo com a massa que só poderia transpor a exploração capitalista se fosse capaz de superar a moral burguesa num processo de tomada de consciência de classe. Retomaria, assim, sua habilidade de se governar.

A esse quadro oriundo da sua experiência de atendimento na Policlínica Vienense e suas ações com suas Clínicas de Higiene Sexual para Trabalhadores e Empregados, ele soma sua interpretação das discussões da etnologia sobre o patriarcado e sua moral sexual negativa. No livro já mencionado *Irrupção da moral*

sexual repressiva (REICH, 1932/s.d.), Reich usa a sociedade Trobriandesa para defender que uma vida sexual mais próxima das necessidades naturais, mas franca consigo mesma, construiria indivíduos mais livres, também entendidos como mais alegres, mais vivos. Alegria dentro desse contexto de uma vida plena, capaz de enfrentar as dificuldades do cotidiano livre das neuroses⁷⁴. No trecho a seguir, Reich apresenta a sua ideia citando um trecho do livro *A vida sexual dos selvagens no noroeste da Melanésia* (MALINOWSKI, 1929):

A cultura sexual tão evoluída dos trobriandeses tem a sua expressão mais típica nas manifestações em que o único fim é o desenvolvimento dos jogos sexuais e a consecutiva satisfação das necessidades genitais. Distinguem-se de manifestações semelhantes da juventude da sociedade burguesa pela franqueza com que ostentam a sua verdadeira finalidade, pela ausência de hipocrisia, de recusas interiores e de entraves exteriores a satisfação final, pela ausência de angústia sexual e dos sentimentos de culpa que minam a satisfação sexual dos nossos adolescentes, na medida em que estes aceitam a satisfação final – ‘A realização final dos desejos eróticos do jovem trobriandês não depende do acaso – obtêm-se por assim dizer por antecipação. Todos os costumes e disposições, todos os códigos de comportamento autorizam a ir direto ao fim, do

⁷⁴ No doutorado de Simone Ramalho, já mencionado aqui, a autora explora esse aspecto da concepção de vida em Reich no item 2.2 “*A ética da intensidade* em Reich e a afirmação da alegria de viver” (RAMALHO, 2010, p.73-92).

modo mais simples do mundo’ (MALINOWSKI, 1929, p.225, *Apud* REICH, 1932/s.d., p.19-20).

Reich conclui que entre os trobriandeses, citando Malinowski, a franqueza, a relação direta e sem sentimentalismo na vida sexual cria uma “vida feliz, livre, arcadiana, cheia de alegrias e de prazeres.” (REICH, 1932/s.d., p.13). É importante lembrar que a vida feliz, alegre e livre não dispensa os desprazeres, experiências dolorosas e desagradáveis auto-avaliações, apenas pressupõe um indivíduo preparado para lidar com as dificuldades da vida sem o processo de encorajamento. No livro *Maturidade sexual, abstinência, moral conjugal: crítica da reforma sexual burguesa*⁷⁵, Reich contrapõe uma vida regulada pela moralidade, portanto, pela falsidade e demagogia, a uma vida auto-regulada baseada no autogoverno sexual-econômico⁷⁶. Esse indivíduo, livre das neuroses de origem da sociedade burguesa e sexualmente auto-regulado, seria capaz de estabelecer uma relação franca com os outros indivíduos ao transpor sua relação

⁷⁵ O livro original é de 1930: REICH, W. *Geschlechtsreife, Enthaltsamkeit, Ehemoral: eine Kritik der bürgerlichen Sexualreform*. Wien: Münster, 1930. Em 1936, foi ampliado e passou a se chamar *A Revolução sexual*. Trad. Ary Blaustein. (I parte) Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

⁷⁶ “As observações de Malinowski e os seus estudos comparativos fornecem-nos a prova irrefutável dessas relações causais, assim como nos abrem a perspectiva da auto-regulação da vida sexual pela satisfação genital.” (REICH, 1932/s.d., p.31).

não-neurótica consigo mesmo para suas relações sociais⁷⁷. Seria capaz de fazer uma política sem demagogia.

Cabe um parênteses sobre esse ideal de saúde como o indivíduo de caráter genital, capaz de ter uma vida auto-regulada baseada no autogoverno sexual-econômico. No livro *Teoria Crítica e Psicanálise*, Rouanet chama esse modelo de saúde de uma espécie de “utopia genital”, na medida em que constrói um ideal que “enquanto utopia entra em choque com a ordem social que inibe sua realização histórica” (ROUANET, 1998, p.30). Todavia, Rouanet perde uma parte da força desse modelo ao focar em demasia o papel da sexualidade na obra de Reich desse período. É necessário perceber dois aspectos do papel discursivo do caráter genital na crítica e proposta política reichiana: primeiro, a discussão sobre o caráter genital não pode ser dissociada da sua concepção vitalista, ou seja, potência sexual não pode ser compreendida apartada da potência para com a vida. Segundo, para Reich, isso não era uma utopia, mas sim uma realidade médica, científica, comprovada por sua prática clínica e política. Na obra reichiana analisada aqui, esse modelo tem um papel estrutural ao organizar suas críticas à moralidade e à sociedade do período, ao mesmo tempo em que lhe permite se afastar do conceito de pulsão de morte freudiano. A concepção de caráter genital

⁷⁷ “Quando o convalescente eventualmente encontra o parceiro adequado para a vida sexual, fica patenteado que não somente perde ele todos os sintomas nervosos — mais do que isso, com espantosa facilidade consegue agora, coisa que lhe era desconhecida antes, ordenar sua vida, resolver conflitos de modo não-neurótico, e desenvolve uma segurança automática na orientação dos seus impulsos e das suas relações sociais. Com isso, segue absolutamente o princípio da alegria de viver. A simplificação de sua visão da vida, em estrutura, pensamento e sentimento, elimina muitas fontes de conflito da sua existência. Ao mesmo tempo, ele adquire uma posição crítica perante a ordem moral de hoje. O princípio da *regulamentação moral* contrapõe-se então ao do *autogoverno sexual-econômico*.” (REICH, 1930/1979, p.40, itálico do autor).

em sua potência para com a vida como um todo e não apenas com a sexualidade, portanto, é a força motriz do horizonte político e social reichiano.

Dessa maneira, a própria política como processo de transformação seria o espaço de revelação da verdade e de construção da vida. Por isso, na nova sociedade revolucionária o falar a verdade, o não esconder, o não falsear eram a base do uso da linguagem revolucionária e da própria revolução. Como Reich afirma categoricamente:

A política revolucionária nada tem a esconder às massas, o seu fim é tudo desvendar. A política burguesa não se pode permitir desvendar o que quer que seja; ela deve esconder tudo (REICH, 1934/1976, p.63).

A crítica feroz de Reich aos grupos de esquerda quanto a sua prática burguesa de política vinha dessa concepção, a saber, a tomada de consciência de classes só aconteceria de maneira sistemática quando a explicitação da verdade fosse efetuada por dirigentes capazes de entender a vida das massas pelo materialismo dialético. Sem a franqueza, entretanto, a relação entre a direção e as massas não mudaria, o que levaria a um novo distanciamento das massas, ao seu esclerosamento. Só o franco falar seria capaz de restituir a confiança das massas na direção e em si mesmas e prepará-las para liderar a revolução e governar a nova sociedade democrática. Como afirma Reich:

Não há senão uma possibilidade: cortar o nó górdio da política burguesa, abstendo-se de a imitar e opondo-lhe o princípio fundamental da política revolucionária: dirigir-se incessantemente, incansavelmente, simples e claramente às massas; exprimir os pensamentos explícitos e implícitos das massas, destruir seu respeito pela alta política, recusar tomar a sério o charlatanismo e denunciá-lo impiedosamente, falar a linguagem das massas, não tentar adaptar às massas à ‘alta política’, mas adaptar a política às massas, quer dizer, democratizá-la, simplificá-la, torná-la acessível a todos (REICH, 1934/1976, p.59).

Nesse projeto, a meta da higiene mental, lida por meio da experiência com a psicanálise e de sua ação política, transforma-se num projeto de revolução social. A ciência revolucionária era a ferramenta central nesse processo. Era a responsável por observar o cotidiano, analisar-lhe as contradições, teorizar e, na linguagem adequada e de maneira franca, esclarecer às massas a realidade⁷⁸. Todavia, essa ciência não era exclusividade da direção revolucionária, a não ser talvez no momento da formação da consciência de classe. De acordo com Reich, as massas precisariam saber e controlar tudo se é delas a revolução, inclusive a ciência revolucionária. Essa tomada de consciência, a partir do deixar a vida exprimir-se livremente, só poderia acontecer junto a uma ciência revolucionária

⁷⁸ “A primeira condição é, evidentemente, que a ciência revolucionária não leva às massas concepções falsas, burguesas, o que só poderia ajudar a reacção, mas que ela começa por clarificar, à sua conta, os princípios de uma ciência materialista dialéctica empírica, antes de se dirigir às massas.” (REICH, 1934/1976, p.80).

construída em sintonia com a própria realidade, com a própria vida, com a sinceridade de exame e a franqueza no falar, sem dogmatismo, sem o escamotear da ideologia burguesa⁷⁹. Era essa a única possibilidade de vencer a reação, de vencer a esclerose do movimento de esquerda e colocar na luta, na vanguarda da revolução, os indivíduos que se destacassem a partir das massas, a partir da prática revolucionária cotidiana, a partir da materialidade da vida⁸⁰.

Para atingir esse objetivo, caberia à direção revolucionária pensar uma prática capaz de ajudar as massas a compreender suas próprias contradições e atingir a consciência de classe. Portanto, caberia à direção formular, com a ajuda da psicologia de massas materialista dialética, ações de transformação e profiláticas para libertar as massas e prevenir qualquer possibilidade destas serem atingidas pela reação política burguesa. Novamente, vemos o objetivo traçado no *Materialismo Dialético e Psicanálise* (REICH, 1929/1977), de limpar a psicanálise de seus traços burgueses reacionários, construir uma ciência revolucionária e, de certa maneira realizar o projeto de Lênin, de 1902, de

⁷⁹ “A vida exprimia-se livremente em troca amigáveis de opiniões; não havia necessidade de quebrar a cabeça à procura de teorias; elas apareciam por si. A crescente participação e a vivacidade das discussões mostraram que as sessões de formação eram uma realização feliz (oportuna). Aí as pessoas podiam convencer-se de que a vida não se deixa deformar, mas que, pelo contrário, se exprime de maneira clara e simples. Bastava deixar cada membro da organização (sem contar os participantes que não eram membros) falar francamente. A única dificuldade séria era sempre a deformação de espírito devido às ideias falsas da ideologia burguesa, que, no entanto, se esvaneciam à luz de um exame sincero e não dogmático, próximo da vida.” (REICH, 1934/1976, p.67-68).

⁸⁰ “Os socialistas dos países capitalistas não deviam esperar instruções; deviam tomar posição segundo as suas convicções mais profundas pelo que lhes parece justo e útil e contra o que é injusto e nos prejudica.” (REICH, 1934/1976, p.47).

transpor o amadorismo das técnicas de organização e ação para fazer a revolução.

3.3 A construção da consciência de classe: ações de transformação e as ações profiláticas

A direção não deve ‘levar o programa comunista às massas’ ou ‘transformar a massa em militantes dotados de consciência de classe’, mas deve, depois de ter analisado o processo histórico objectivo, dedicar-se sobretudo *a desenvolver* nas massas a aspiração revolucionária *que já existe nelas, mesmo* no proletariado despolitizado, na pequena burguesia e no campesinato (REICH, 1934/1976, p.73, *itálico do autor*).

É evidente, já que a questão da profilaxia das neuroses arrasta toda a ordem sexual burguesa e a da existência da religião e da moral (REICH, 1934/1976, p.79).

O trabalho sindical ou trabalho com as massas deveria ser precedido por um preparo da direção revolucionária sobre as deformações ideológicas no cotidiano das massas⁸¹. É exatamente isso que Reich propõe em 1934. Depois de analisar

⁸¹ “O operário sente bem a ação que foi dirigida contra ele, o que é um elemento importante de sua consciência de classe, mas dispõe imediatamente de pensamentos e sentimentos que o impedem de tomar consciência de toda a gravidade da sua situação, que não domina, e fica assim sujeito às ilusões.” (REICH, 1934/1976, p.41).

a questão da consciência de classe em vários contextos e apresentar a conclusão sobre o que é a consciência de classe (discutida aqui anteriormente), Reich, de forma conclusiva, estabelece 35 princípios para o debate sobre reconstrução do movimento operário (REICH, 1934/1976). Os princípios estão divididos em três grupos: os concernentes ao trabalho de observação e análise do cotidiano (“Para julgar o acontecimento político”); os que especificam a metodologia de trabalho com as massas (“Sobre o método de trabalho”); e os dirigidos ao partido revolucionário e à crítica de sua estrutura (Nós próprios – o Partido). Para pensar as ações dos revolucionários como guia das massas é a segunda parte que deve ser analisada. Nesta há 11 princípios (do 7 ao 17) que pensam a ação tanto do campo terapêutico, como profilático.

Todavia o foco do trabalho de Reich naquele momento era a ação transformadora, já que o objetivo era destruir os obstáculos psicológicos que freavam a formulação da consciência de classe. Esses princípios podem ser divididos entre preocupações quanto à teoria da prática, quanto à relação com as massas e quanto aos aspectos comuns do trabalho. Para compreender melhor a análise feita sobre esses princípios, faz-se necessário citar os referentes ao método de trabalho:

SOBRE O MÉTODO DE TRABALHO

7 - A sugestão como meio de atrair as massas, apenas tem valor para a reacção política; o movimento revolucionário não tem que insinuar, mas que dizer tudo às massas, que adivinhar e formular os

desejos não expressos e confusos das massas (a teoria da escalada revolucionária é insinuação).

8 - A diplomacia secreta é a forma de política da reacção; a política revolucionária consiste sempre em dirigir-se às massas, em rejeitar a política secreta (cf. o discurso de Litvinov na última sessão da conferência do desarmamento).

9 - Se se transfere para as massas os desejos próprios de quem analisa e se se não julga a situação *real independentemente* dos seus próprios desejos, desprezam-se os desejos que seriam mais fáceis de satisfazer (projectão sobre as massas da situação tal como a vê um grupúsculo).

10 - O economicismo conduz ao fracasso: é o homem e não a máquina quem faz a história; o homem serve-se da máquina. A economia não se transforma imediatamente em consciência, mas existem numerosos elos intermediários, assim como contradições (por exemplo: o trabalhador cristão, a mulher pobre favorável aos nazis, etc....).

11 - Que as massas se revoltem contra a miséria material e sexual, não é problema; considerar sempre que o verdadeiro problema está em que as massas possam agir *contra* o seu próprio interesse ('comportamento irracional'); por exemplo: que as mulheres defendam o casamento, mesmo quando é uma carga, que os operários esqueçam a exploração quando a empresa é próspera, que os jovens se ponham ao lado da repressão sexual.

12 - Não querer levar a consciência de classe às massas em cursos magistrais, mas desenvolvê-la a partir da vida das massas. Politização de todas as necessidades.

13 - Fazer compreender claramente que quando o proletariado defende os seus próprios interesses, defende simultaneamente o interesse de todos os trabalhadores. Não fazer oposição entre proletariado e classes médias. O proletariado industrial é numericamente minoritário no capitalismo avançado e, além disso, está emburguesado.

14 - E sobretudo nada de panfletos (ou outras formas de agitação) se são maus. Cuidado com a desilusão das massas! O que é decisivo, não são as intenções mas o impacto sobre as massas! Estabelecer a confiança antes de qualquer tentativa para influenciar as massas: por exemplo: admitir que se ignora isto ou aquilo.

15 - Pedir às massas apenas o que elas possam realizar. Agir progressivamente! Fazer um trabalho de base e a longo prazo mas estar preparada para acontecimentos imprevistos!

16 - São as largas massas apolíticas que determinam sempre o destino da revolução. Por conseguinte, politizar a vida privada, a vida corrente dos lugares públicos, dancings, cinemas, mercados, quartos de dormir, estalagens, agências de apostas! A energia revolucionária está acumulada na vida quotidiana!

17 - Pensar de um ponto de vista internacional e não nacional (não nos interessamos, na Alemanha, pela frente única em França e

no Sarre, ou pela revolução chinesa) (REICH, 1934/1976, p.95-100, *itálico do autor*).

Os princípios 10, 12 e 16 retomam que a teoria deve ser elaborada na prática, ou seja, de que a teoria só é válida quando ajuda a responder e a compreender a realidade de forma materialista dialética. Por isso, o trabalho revolucionário deve evitar o economicismo e compreender os elos intermediários entre a economia e a consciência. Sem perceber que o seu objetivo é desenvolver a consciência de classe a partir da vida das massas, a teoria não seria capaz de libertar a energia revolucionária acumulada na vida cotidiana e trazer para a revolução as largas massas apolíticas.

Para que isso aconteça, a relação com as massas deve ser pautada por uma linguagem adequada, pela franqueza absoluta e pelo cuidado no trabalho transformador e profilático. É disso que tratam os princípios 7, 8, 11, 14 e 15. As ações devem fugir da sugestão, do segredo e da insinuação. Devem, de maneira franca, observar e formular os desejos não expressos e confusos das massas, ajudando-as a compreender as contradições em sua vida, suas ações que seriam contrárias aos seus próprios interesses, em seus próprios termos, em sua própria linguagem. Só assim seria possível construir um elo de confiança com as massas, sem promessas demagógicas que as desiludem e as afastam.

Por fim, no trabalho revolucionário, os princípios 9, 13 e 17 retomam alguns aspectos comuns que devem ser levados em conta. O revolucionário deve tomar

cuidado para que seus desejos não sejam projetados sobre as massas⁸². Não haveria público ideal, o trabalho revolucionário deve atingir todos os trabalhadores, sejam eles operários ou da classe média, sejam eles alemães, franceses ou ingleses. Lembrando que a maior parte das massas teria se tornado apolítica pelo emburguesamento de suas vidas e pela própria ação da política burguesa.

Dessa maneira, o trabalho revolucionário, orientado pela psicologia de massas de base materialista dialética, deveria agir num duplo eixo: de um lado, observando e compreendendo as contradições que impedem o desenvolvimento da consciência de classe e, do outro, apontando em quais domínios da vida social e como deveria desenvolver-se iniciativas para atingir esse fim. Contudo, esse trabalho só seria frutífero caso abandonasse os modelos burgueses de ação política e substituísse toda a propaganda mecânica, esclerosada e vazia dos grupos revolucionários por uma linguagem franca revolucionária⁸³. Nas palavras de Reich:

⁸² A discussão sobre a projeção na relação entre o terapeuta e o paciente deslocada por Reich para a relação entre direção revolucionária e massas merece um pouco mais de atenção. De acordo com o *Dicionário de Psicanálise*, o conceito de projeção definiria o mecanismo da paranoia para Freud a partir de 1895. O termo ganhou maior amplitude para “designar um modo de defesa primário, comum à psicose, à neurose e à perversão, pelo qual o sujeito projeta num outro sujeito ou num objeto desejos que provêm dele, mas cuja origem ele desconhece, atribuindo-os a uma alteridade que lhe é externa” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p.603). O importante é perceber que o mecanismo é inconsciente. A meu ver Reich usa o termo de maneira coloquial para chamar atenção para o perigo da direção revolucionária projetar sobre as massas o seu desejo ao invés de ouvi-las.

⁸³ “Substituir-se-ia assim facilmente a propaganda cheia de ilusões pela verdade, a atoarda política inútil pelo domínio efetivo da situação.” (REICH, 1934/1976, p.43).

Em vez de repetir que as organizações de base devem ter a iniciativa, é preciso sobretudo indicar em que domínios da vida social se podem desenvolver iniciativas. Para isso é preciso derrubar sistematicamente todos os nossos métodos de propaganda, substituir a propaganda de papelada por uma propaganda viva, e o medo de cometer erros, fonte de apatia, pela coragem de cometer erros e de os corrigir depois (REICH, 1934/1976, p.47-48).

Sem a psicanálise materialista dialética, sem as suas ferramentas científicas, deformados pelas ideias burguesas na medicina e na pedagogia, a direção revolucionária não seria capaz de entender e se relacionar com a massa, de ajudá-la a nesse processo de libertação revolucionário⁸⁴. Usando a juventude como exemplo, Reich mostra que a revolução social só acontecerá no momento em que as pessoas fossem libertadas dos ideais de submissão da sociedade capitalista, disfarçados em moralidade e nacionalismo, e assumir suas próprias vidas. Isso só seria possível na medida em que consigam a compreensão da

⁸⁴ “Podemos dizer que se as massas chegassem a viver salutarmente, tendo acesso à satisfação sexual, a questão de saber se os males psíquicos são a expressão de uma economia sexual transtornada se resolveria por si própria, mesmo para os defensores da moral burguesa no interior do campo marxista, para os médicos e pedagogos socialistas deformados pelas ideias burguesas que ‘creem não poder aceitar a psicanálise’, porque não percebem nada disso.” (REICH, 1934/1976, p.80).

opressão e sejam capazes de agir de acordo com suas necessidades, com seus interesses, tornando-se maduras, atingindo a consciência de classe⁸⁵.

3.4. SexPol: aproximação, psicologia de massas e revolução

Qual o papel da vanguarda na ilegalidade? Aqui mesmo é que ele se situa! Nos conteúdos concretos da democracia proletária, e não nas palavras ou no slogan de democracia proletária, que para noventa por cento dos indivíduos não representam nada de concreto. [...] Trata-se de pôr as questões fundamentais que interessam toda a gente, sem programa prévio, a partir da vida dos homens e das suas relações espontâneas. [...] A revolução só pode desenvolver-se a partir das contradições da vida atual e não a partir dos antagonismos americano-japoneses nem a partir de incitamentos a manifestações e greves que ninguém pode conduzir a bom termo. Também não é estigmatizando os nazis como criminosos e sádicos, mas confrontando apenas a sua vontade

⁸⁵ *“O ideal da juventude não pode ser de modo algum servir cegamente um “Führer” e morrer por interesses capitalistas apresentados como “interesses da pátria”, mas sim compreender a sua própria vida e organizá-la como entender. A juventude só pode ser responsável por si mesma – é então que desaparecerá o fosso que separa a sociedade da juventude. Quando esta tiver compreendido as razões deste fosso, compreenderá que está oprimida e tornar-se-á madura para a revolução social. Quando tiver suprimido praticamente este fosso, modificado a ordem social conforme as suas necessidades, dado à sua tendência para a liberdade uma saída real concreta e objetiva, ter-se-á tornado a executora da revolução social.”* (REICH, 1934/1976, p.29, itálico do autor).

subjetiva com a sua incapacidade para resolver os problemas (REICH, 1934/1976, p.38-39).

A citação acima sintetiza o projeto reichiano explicitado no *O que é a consciência de classe?* (REICH, 1934/1976). A base é o otimismo vitalista e social democrata reichiano na capacidade espontânea revolucionária da vida e dos indivíduos. Aqui se ressalta a diferença entre as discussões clínicas e políticas nas obras desse período. Na clínica, a Análise do Caráter propõe um terapeuta capaz de ajudar o indivíduo a vencer suas próprias defesas para reestabelecer relações afetivas consigo e com a vida. No espaço político, o dirigente é um educador capaz de ajudar a construção de um processo de autonomia das massas. Isso só seria possível se o educador acreditasse nessa capacidade e respeitasse a realidade das massas. Por isso, o enfoque na democracia, não como projeto, mas como uma concretude prática e teórica. A ideia era partir da realidade dos educandos, instrumentalizando-os para a construção de uma nova sociedade. Uma pedagogia da autonomia.

A proposta de Reich para enfrentar esse quadro de derrota para os nazistas foi construída exatamente a partir da crítica materialista dialética. Reich percebe as contradições do movimento revolucionário. Contradições que impediram e impediriam a tomada de poder na Alemanha. A direção revolucionária, apesar de suas intenções, estava presa na maneira de fazer política e ciência de moldes burgueses. Essa contradição a impedia de compreender a realidade da massa, de observar as suas necessidades. Distanciava-se, pois suas mensagens e a sua linguagem não se faziam entender. Distante, agia à revelia da massa, não era

capaz de guiar de maneira franca os trabalhadores. Distanciada da realidade, presa em modelos burgueses de ação e incapaz de atingir as pessoas, a direção revolucionária estava esclerosada, não conseguia cumprir sua missão de ajudar as massas a se libertar e, com elas, fazer a revolução.

A única maneira de enfrentar o problema era a reorganização do movimento revolucionário. Essa mudança aconteceria por meio de uma reaproximação da vida das massas, para poder criar uma teoria e uma prática revolucionárias menos esclerosadas, ou seja, mais capaz de agir e fazer a revolução. Essa aproximação não era apenas uma técnica pedagógica. A direção precisava se aproximar para aprender com as massas, com sua luta cotidiana, com sua força revolucionária natural. A meu ver, Reich potencializou o otimismo social democrata e leninista no seu aspecto democrático. Caso as massas não tomassem posse do processo, a revolução não seria revolucionária na medida em que não permitiria às massas tornarem-se autônomas e se governar. Para isso acontecer seria necessário um processo pedagógico democrático, livre dos dogmatismos e dos mecanicismos da direção esclerosada. Esse era o objetivo da *SexPol*.

Todavia, a direção esclerosada era incapaz de perceber e se aproximar da vida cotidiana dos indivíduos. Seria necessário, para Reich, acabar com o furor contra a psicologia nos meios marxistas e conseguir construir “uma psicologia política marxista eficaz” (REICH, 1934/1976, p.11). Esse repúdio à psicologia teria causado uma lacuna no trabalho revolucionário que foi uma arma valiosa para o fascismo, que soube usar muito bem as “motivações efetivas profundas” (REICH, 1934/1976, p.12). Reich se pergunta por que milhares de trabalhadores teriam passado pelas organizações revolucionárias sem aderir a elas. Não havia

uniformes nem vantagens materiais, apenas um sentimento revolucionário. O problema era que a organização revolucionária não soube trabalhar esse sentimento. Dessa maneira, esses milhares foram empurrados para as associações burguesas, já que a sua estrutura demagógica não foi revelada e destruída pelo trabalho revolucionário.

Para Reich, o segredo não estava nos instrumentos utilizados pela direita, como o uniforme, as marchas e as canções militares. Aliás, não adiantaria assim o fazer, pois a direita o sabia fazer melhor. Era necessário construir um elo entre as massas e a direção revolucionária capaz de permitir uma intimidade e franqueza necessárias para a construção de um processo pedagógico democrático, única maneira de formar a consciência de classe. Esse elo, chamado por Reich de “adesão afetiva”, significava um dupla via de confiança e conhecimento, uma confiança comparável ao elo materno⁸⁶. Aqui vale uma ressalva, não um elo materno, mas uma relação afetiva real comparável à força do elo materno. A diferença reside na via de aprendizagem de mão dupla. Enquanto a direção ensinava às massas as ferramentas socialistas necessárias para melhor compreender os entraves sociais, a direção aprendia com as massas sobre o cotidiano e se alimentava de sua força natural revolucionária.

Isso só seria possível se a direção revolucionária enfrentasse a discussão sobre a psicologia de massas e as questões cotidianas, sobretudo a da economia

⁸⁶ “Tem de se obter adesão afetiva das massas, mas um elo afetivo implica que se saiba, como a criança em relação à mãe que a protege e o guia, que se será compreendido nas preocupações e desejos secretos, incluindo sobretudo o domínio mais secreto, o domínio sexual.” (REICH, 1934/1976, p.76).

sexual. É na junção entre essa crítica e o trabalho de atendimento gratuito a trabalhadores conduzido por Reich desde 1927 que surge a proposta do *SexPol*.

Como vimos, um objetivo central de Reich ao mudar-se para a Alemanha, em 1930, era ampliar seu trabalho revolucionário⁸⁷. Na Alemanha, encontrará dois contextos que potencializaram suas intenções. Havia naquele período uma enorme quantidade de grupos defendendo reformas nas leis e na moralidade sexual e muitos analistas ligados à Policlínica Psicanalítica de Berlim eram favoráveis às discussões reichianas, tanto em relação às aproximações teóricas freudianas e marxistas, quanto acerca do caráter (SHARAF, 1983).

Os grupos ligados às discussões de reforma social tinham as mais variadas origens. De maneira geral, haviam ganhado espaço com as fissuras da Primeira Guerra Mundial na moralidade tradicional quanto aos papéis de gênero. As vitórias políticas dos sociais democratas, na Alemanha e em outros lugares como Viena, ampliaram a abertura para o debate público e o questionamento cultural. Todavia, essa abertura entrava em contradição com a realidade da força da moralidade pré-guerra no cotidiano de boa parte da população. Essa ambivalência podia ser vista na velocidade em que as leis sobre prostituição ou aborto viraram temas dos debates políticos entre esquerda e direita (ROOS, 2006). Reich tentou unificá-los e orientá-los para suas concepções de que uma reforma sexual que não fizesse parte de uma transformação nas condições

⁸⁷ “Ainda em setembro de 1930, por razões de diversas ordens, quase sempre ligadas ao seu otimismo conceitual, Reich mudou-se para Berlim. Mais especificamente, essas razões diziam respeito à procura de um engajamento maior no trabalho social; ao interesse em ser analisado pelo psicanalista Sandor Rado; e ao desejo de encontrar um ambiente mais receptivo a suas ideias na própria psicanálise.” ALBERTINI, P. *Reich: história das ideias e formulações para a educação*. São Paulo: Ágora, p.42, 1994.

materiais da população seria irreal. Também, tentou convencê-los das diferenças entre uma sexualidade sadia e uma doente. Sua preocupação era mostrar que a necessidade de uma reforma sexual ia além da questão da liberdade sexual (SHARAF, 1983)⁸⁸.

Em 1930, Reich propôs para esses grupos a criação de uma frente única com o Partido Comunista Alemão. Formou-se, assim, a Associação Alemã para uma Política Sexual Proletária. Seu primeiro congresso em 1931, em Düsseldorf, contou com cerca de vinte mil participantes. Em pouco tempo, a *SexPol* se espalhou por outras cidades, chegando a contar com quarenta mil membros (SHARAF, 1983). No referido congresso, Reich apresentou o programa de sete pontos da *SexPol*:

1. Distribuição gratuita de contraceptivos para aqueles que não podem obtê-los através dos canais normais; propaganda massiva sobre controle de natalidade.
2. Abolição das leis contra aborto. Provisões para abortos gratuitos em clínicas públicas; proteções financeiras e médicas para grávidas e mães em aleitamento.
3. Abolição de qualquer distinção legal entre casados e não casados. Liberdade de divórcio. Eliminação da prostituição

⁸⁸ O artigo *Política e sexualidade na trajetória de Reich: Berlim (1930-1933)* de Ailton Bedani e Paulo Albertini (ALBERTINI; BEDANI, 2009) explora a ligação da produção reichiana do período com seus esforços na *SexPol*. A análise é feita num diálogo com as visões de Reich sobre o período escritas no seu livro *People in trouble* de 1953.

através de mudanças econômicas e sexual-econômicas para erradicar suas causas.

4. Eliminação das doenças venéreas por uma educação sexual completa.
5. Evitar-se neuroses e problemas sexuais através de uma educação afirmativa da vida. Estudo dos princípios da pedagogia sexual. Estabelecimento de clínicas terapêuticas.
6. Treinamento de doutores, professores, assistentes sociais e outros em todos os assuntos relevantes da higiene sexual.
7. Tratamento ao invés de punição para ofensas sexuais. Proteção das crianças e adolescentes contra sedução de adultos (SHARAF, 1983, p.162-163, tradução minha)⁸⁹.

A prática experimentada com os ambulatorios na periferia de Viena transforma-se no eixo programático. Educação sexual, políticas públicas para garanti-las e ligação dos problemas sexuais com a questão social marcam os sete

⁸⁹ Em inglês: "1. Free distribution of contraceptives to those who could not obtain them through normal channels; massive propaganda for birth control. 2. Abolition of laws against abortion. Provision for free abortions at public clinics; financial and medical safeguards for pregnant and nursing mothers. 3. Abolition of any legal distinctions between the married and the unmarried. Freedom of divorce. Elimination of prostitution through economic and sex-economic changes to eradicate its causes. 4. Elimination of venereal diseases by full sexual education. 5. Avoidance of neuroses and sexual problems by a life-affirmative education. Study of principles of sexual pedagogy. Establishment of therapeutic clinics. 6. Training of doctors, teachers, social workers, and so on, in all relevant matters of sexual hygiene. 7. Treatment rather than punishment for sexual offenses. Protection of children and adolescents against adult seduction." (SHARAF, 1983, p.162-163).

pontos do programa da *SexPol*. É preciso transformar as leis e enfrentar as questões econômicas que impedem a saúde mental. Nos encontros e palestras, Reich continua sua prática orientada por uma teoria articulada em quatro eixos: a importância das necessidades vitais, o trabalho materialista dialético de análise da realidade, um contato vivo entendido como franco-falar nas relações entre dirigente e as massas e a construção da consciência de classe das massas como único caminho para a sua libertação. A citação a seguir do livro *O que é a consciência de classe?* (REICH, 1934/1976), mostra a costura entre esses quatro eixos:

A *SexPol* alemã teve sempre como directriz que o grupo dirigente de uma actividade de massa nunca pode examinar tudo em pormenor e que, por outro lado, as massas nunca podem, sozinhas, compreender, formular, transformar em prática definida, os factos fundamentais e que é portanto, necessário um contacto vivo entre a direcção e as massas, em resumo: que a teoria deve ser criada a partir da vida das massas e ser-lhe restituída sob a forma de prática. A actividade do partido tinha lhe ensinado que os militantes do partido não devem ser órgãos de transmissão das decisões da direcção, mas unicamente intermediários entre a vida das massas e a direcção (REICH, 1934/1976, p.66-67).

A meu ver, essa aproximação entendida como contato vivo reforça esse papel da direção como educadora e a crítica a seu distanciamento da realidade

das massas. Com a *SexPol*, Reich traz para o centro das discussões dos grupos marxistas da época a psicologia de massa e sua relação com a política econômica. Fazer a revolução seria libertar a vida de seus obstáculos, destruir a esclerose que imobiliza a massa, construir uma sociedade na qual os indivíduos seriam livres de qualquer opressão psicológica ou econômica⁹⁰. Dessa maneira, qualquer teoria só faria sentido se fosse capaz de ajudar os indivíduos na compreensão de suas necessidades vitais e as melhores maneiras de satisfazê-las. A política econômica e todas outras teorias marxistas não deveriam mais ser lidas de maneira “esclerosada”, mecânica, como receitas para as massas, tal como seria o economicismo criticado por Reich. A teoria, inclusive a política econômica, na prática reichiana estaria a serviço da satisfação saudável das necessidades das pessoas. Ou seja, na lógica reichiana a direção, pautada por uma consciência de classe construída a partir do conhecimento científico, estava a serviço e necessitava das massas e de sua consciência de classe formada pela experiência cotidiana. Isso só poderia acontecer se o movimento revolucionário conhecesse e adotasse uma psicologia materialista dialética. Nas palavras de Reich:

Por outras palavras: o trabalho da psicologia de massas não deve estar sob a dependência da política econômica; é a política econômica que deve por-se a serviço de uma psicologia coletiva que compreenda e guie as massas. As necessidades do homem não estão ao serviço da política econômica, mas é, ao contrário, a

⁹⁰ “Desenvolver a sua própria iniciativa nada mais significa que ver a vida sem ‘antolhos’ e disso tirar as consequências.” (REICH, 1934/1976, p.100).

política econômica que está ao serviço da satisfação das necessidades (REICH, 1934/1976, p.60).

Esse era o problema de Reich: como fazer a revolução? Isso só seria possível se as massas se tornassem politicamente ativas, tomassem em suas mãos o processo revolucionário e o novo governo. Caberia, portanto, à direção articular e desenvolver os elementos revolucionários despertando a atividade latente, a força revolucionária das massas⁹¹. A proposta de Reich, seguindo essa linha de raciocínio, seria partir da própria vida, de seus problemas e contradições cotidianas, numa linguagem acessível, num diálogo franco com as massas. A teoria não poderia estar definida, deveria responder a esse trabalho prático de transformação. Nas palavras de Reich:

Vê-se por esta enumeração concreta o erro que não seria limitar e definir *à priori* o papel e o lugar da política sexual, nem um simples problema de reformismo em matéria sexual. Ela está sobretudo repartida por problemas concretos da vida que constituem umas vezes um fator favorável à consciência de classe,

⁹¹ “Para que as massas se tornem politicamente ativas, é preciso que elas se ponham a si próprias a questão fundamental da política revolucionária: Que queremos? [...] a revolução social, quer dizer faz participar realmente toda a população na prática, na política revolucionária e não nas manobras diplomáticas burguesas, e, não se contentando em ‘interessar’ as largas massas na organização da vida social lhe confia o essencial desta tarefa, resulta necessariamente que o trabalho revolucionário [...] mostrar que se pode, e como se pode, despertar a atividade latente das massas.” (REICH, 1934/1976, p.90).

como nos jovens, outras são um entrave à sua formação, como nas mulheres casadas, etc... Deve fazer necessariamente parte do trabalho revolucionário, em ligação estreita com os problemas não sexuais, puramente econômicos ou técnicos, e tão pouco separada deles do mesmo modo que a vida os não separa (REICH, 1934/1976, p.44-45).

As sessões de formação da *SexPol* trabalhavam nesses princípios. Numa espécie de reunião, os problemas do cotidiano eram lançados pelos participantes e discutidos junto com os militantes sem pauta, sem censura, sem dissimulação, sem medo, de maneira franca. Casamento, sexo, amizade, trabalho, educação, todos os temas era bem vindos. E, ao enfrentá-los, usando a psicologia materialista dialética, teorias eram construídas e respostas formuladas⁹². Ao enfrentar de maneira franca as questões que incomodavam os participantes com suas próprias participações, construía-se a consciência de classe. Ou seja, ao utilizar o materialismo dialético, numa linguagem acessível, para analisar os problemas cotidianos e formular com as massas novas teorias se construía a consciência de classe. Nesse processo os elementos reacionários e revolucionários eram trabalhados, novas práticas eram pensadas, ajudando os participantes a compreender e a lutar contra os entraves de sua vida e a entender a relação destes com a economia capitalista.

⁹² “[...] que a teoria deve ser criada a partir da vida das massas e ser-lhe restituída sob a forma de prática. A atividade do partido tinha lhe ensinado que os militantes do partido não devem ser órgãos de transmissão das decisões da direção, mas unicamente intermediários entre a vida das massas e a direção.” (REICH, 1934/1976, p.67).

Essa era a vantagem para o trabalho revolucionário da *SexPol*: ser obrigada a falar para as massas o tempo todo⁹³. Não corria o risco de aburguesamento ou de esclerosamento pela distância do cotidiano das massas. Construía-se, num processo de diálogo com as massas, a autonomia analítica necessária para as pessoas poderem compreender e governar sua própria vida. O problema da saúde sexual e da política sexual discutidas publicamente nessas reuniões tinha esse objetivo e foi a razão, de acordo com Reich, da popularidade da *SexPol*⁹⁴. Ao desenvolver a consciência de classe do debate em torno das necessidades subjetivas, Reich pretendia ajudar as massas a, por si próprias, identificar quais as necessidades deviam ser satisfeitas e como fazê-las. Conscientes de suas necessidades, as massas fortaleceriam o partido e, juntos, fariam a revolução. Isso seria o papel da direção revolucionária: preparar as massas para fazer a revolução e não para servir à revolução. Como afirma Reich retomando as ideias leninistas de formação de revolucionários por ofício:

O partido e as massas progridem pelas recíprocas contribuições; só desta íntima fusão e, ao mesmo tempo, desta seleção de quadros dirigentes a partir das massas, se cria o partido da massa, quer dizer, o partido, definido em qualidade e não em quantidade, que orienta as massas (REICH, 1934/1976, p.66).

⁹³ “A Sex-Pol não pode senão dirigir-se às massas ou deixar de existir.” (REICH, 1934/1976, p.63).

⁹⁴ “A Sex-Pol desenvolveu a exigência da revolução social a partir das necessidades subjetivas, derivou todos os problemas políticos do problema de saber quais as necessidades da massa que deviam ser satisfeitas e como fazê-lo, e despertou assim um extremo interesse entre os homens mais despolitizados de todos os meios.” (REICH, 1934/1976, p.86).

“Recíproca contribuição” necessária para juntar teoria e prática na formação da consciência de classe. Sem essa “íntima fusão” entre direção e massas não se formaria um verdadeiro partido de massas, única capaz de guiar a revolução. No período da *SexPol*, Reich produziu um conjunto de textos afinados com as demandas desse trabalho revolucionário. Entre 1930 e 1934, foram publicadas obras com esse caráter pedagógico político, como os livros *A Revolução Sexual* (REICH, 1930/1968), *O Combate Sexual da Juventude* (REICH, 1932/1978), *A Irrupção da moral sexual repressiva* (REICH, 1932/s.d.), *Psicologia de Massas do Fascismo* (REICH, 1933/1974), *Análise do Caráter* (REICH, 1933/1968), *O que é a consciência de classe?* (REICH, 1934/1976), além de inúmeros textos, muitas vezes incorporados nas reedições dos livros de Reich.

O livro *O Combate sexual da Juventude* (REICH, 1932/1978), talvez seja o mais emblemático dessa relação entre pedagogia, higiene sexual e revolução. O panfleto havia sido escrito e entregue a jovens para análise. Reich utilizou seus comentários para reescrever a obra. Numa linguagem clara, direta, franca, Reich descreve questões sexuais e as relacionas aos problemas políticos. Annie Reich produziu dois livros para a educação sexual infantil, o *Se teu filho pergunta* (REICH, A., 1932/1980), para mães, e *O triângulo de Giz*, para crianças.

Além do choque entre essa orientação extremamente democrática e a linha autoritária imposta pelo *Komintern* aos partidos comunistas a partir de 1923, essa ênfase no caráter indissociável entre a sexualidade e a política assustou o Partido Comunista Alemão. A direção do partido começou a se incomodar com suas falas polêmicas acerca da sexualidade. Havia um temor de afastar o eleitorado ao falar

de maneira tão aberta da temática sexual infantil e adolescente. Ao mesmo tempo, sua popularidade com os jovens dos movimentos de esquerda assustava os adultos e a direção do partido. Tendo a publicação de seu livro *O Combate Sexual da Juventude* (REICH, 1932/1978) negada pelo Partido Comunista Alemão e com dificuldades para publicar seus textos clínicos através da Associação de Psicanálise Internacional, Reich decide abrir sua própria editora em 1932, a *Verlag für Sexual-politik* (ALBERTINI, 1994). No final desse ano, depois do conflito em torno de uma resolução, apoiada por Reich, do movimento jovem comunista afirmando a sexualidade adolescente, o partido decide decretar as obras de Reich como contrárias à verdadeira educação marxista dos jovens. Apoiado pelos jovens, Reich acaba atraindo mais violência da direção do partido contra suas obras. Ao mesmo tempo, no começo de 1933, os nazistas chegam ao poder e começam a atacar o trabalho da *SexPol*. Temeroso por sua segurança, Reich foge para Viena e depois para a Dinamarca (SHARAF, 1983).

4. Conclusões

Ao longo deste trabalho tive por objetivo discutir as formulações de Reich sobre ação política e a construção da consciência de classe. Tendo como referência a discussão de Dominick LaCapra sobre os contextos interativos e a ideia de repetição variada (LACAPRA, 1980), utilizei o livro *O que é a consciência de classe?* (REICH, 1934/1976) como porta de entrada genealógico da obra de Reich. Procurei compreender como foram articuladas as experiências e leituras do seu período de estudante na Universidade de Viena, de sua formação psicanalítica na Policlínica de Viena e de sua militância, primeiro como social democrata, depois como comunista.

A repetição variada de LaCapra, como ferramenta de análise, ampliou a percepção de como os conceitos de Reich se desenvolveram ao longo desse período, sem delimitá-los a uma linha evolutiva marcada por continuidades e/ou rupturas. A repetição variada nos ajudou a acompanhar os deslocamentos conceituais de Reich ao longo de seu processo de produção e como esses conceitos ganham ou perdem espaço para responder os problemas de sua prática clínica e política. Assim, pudemos perceber como a concepção de vida como movimento foi reorganizada no encontro com as obras freudianas e com a sua experiência na psicanálise. Surge, assim, uma noção singular de saúde mental como a capacidade de manter o fluxo de energia do corpo em circulação. Dessa maneira, Reich estabelece um recorte e um diálogo diferente com as concepções freudianas sobre pulsão e as possibilidades de uma profilaxia da neurose.

As leituras marxistas potencializaram uma procura por cientificidade para essa dinâmica da vida, ao mesmo tempo, que fortaleceram a luta contra as obstruções sociais a uma vida plena. Novamente, esse outro encontro cria uma singularidade na tradição freudomarxista com a proposta de uma psicanálise revolucionária, pensada de maneira materialista dialética, capaz de ajudar o projeto educacional social democrata/leninista de transformação das massas e construção da consciência de classe.

Pensando esses encontros, podemos estabelecer três campos nos quais circulamos ao longo desta tese para compreender as propostas reichianas até 1934: a ciência como espaço da descoberta das leis naturais, sociais e históricas, portanto, a organizadora da compreensão e intervenção sobre a vida; as necessidades vitais ampliadas para além das fronteiras físicas da fome, sono e sede, para englobar a concepção da luta por uma vida plena baseada no fluxo natural de energia pelo corpo, o que só seria possível frente a uma relação franca, não moralista com a sexualidade e livre das opressões capitalistas; e a necessidade da aproximação entre o paciente e a sua vida, entre o paciente e o terapeuta e entre a direção revolucionária e as massas. O foco desta tese foi o terceiro campo construído em torno das discussões de Reich sobre a relação do indivíduo consigo mesmo e com os outros, seja como paciente, terapeuta, massas ou direção revolucionária.

Para sistematizarmos as discussões iniciadas de maneira genealógica a partir da obra *O que é consciência de classe?* (REICH, 1934/1977) faz se necessário estabelecer um ponto de fechamento. Acredito que o conceito chave de interligação entre a discussão clínica e política seja o de aproximação. Em 1934, Reich proferiu a palestra “Contato psíquico e corrente vegetativa: uma

contribuição à teoria dos afetos e à técnica caracteroanalítica” no XIII Congresso Psicanalítico Internacional, em Lucerna, Suíça⁹⁵. Essa palestra marcou a cisão de Reich com a Associação Psicanalítica Internacional e, ao mesmo tempo, promoveu um deslocamento conceitual da aproximação ao apresentar o conceito de contato. Essas duas particularidades, servirão, nessa conclusão, para costurar e demarcar as análises apresentadas aqui pela circulação dos três campos mencionados. Ao mesmo tempo, por se tratar de uma palestra feita para uma audiência de psicanalistas, reforça a importância das propostas apresentadas no livro *O que é a consciência de classe?* (REICH, 1934/1976), extrapolando seus alcances e retomando a delicada relação entre a clínica e a política na obra reichiana.

4.1 Ciência e revolução

A teoria e a prática estão interligadas de modo inseparável. *Uma atitude teórica incorreta conduz, necessariamente, a uma técnica incorreta, e uma técnica incorreta produz opiniões teóricas incorretas* (REICH, 1935/1995, p.270, itálico do autor).

A vivência de Reich na Policlínica Vienense, nos atendimentos ambulatoriais em Viena e Berlim e suas experiências políticas, tanto na social democracia,

⁹⁵ Essa palestra foi depois incorporada a uma nova edição do livro *Análise do Caráter* (REICH, 1933/1995).

como no comunismo, potencializaram um radicalismo quanto à relação entre teoria e prática. A citação acima encontrada no “Contato psíquico e corrente vegetativa: uma contribuição à teoria dos afetos e à técnica caracteroanalítica” (REICH, 1935/1995), é um exemplo de como essa relação atravessa a obra reichiana. Todavia, ela não foi continua. Ela ganha força com os vivos debates do Seminário de Técnica Psicanalítica de Viena. Nesse espaço, Reich percebe como a distância entre a teoria e a prática dos analistas e/ou a discussão teórica superficial sobre as experiências clínicas atrapalhavam o desenvolvimento do tratamento. Simultaneamente, as concepções vitalistas de Reich potencializaram a sua atenção para a questão. Era preciso uma relação viva entre prática e teoria que permitisse compreender melhor as neuroses para propor um projeto de higiene mental eficaz.

O encontro com o materialismo dialético desloca e reforça essa discussão. A separação entre prática e teoria vira uma questão de controle social da burguesia. Uma ciência na qual prática e teoria estejam dissociadas não é capaz de entender a realidade, muito menos orientar a ação dos indivíduos. A ciência transforma-se no espaço da revelação da verdade, de revelação das leis da natureza e da história. Com a dialética de Engels, Reich aprofunda suas discussões na psicanálise acerca do funcionamento da psique e se afasta da noção de pulsão de morte freudiana postulada em 1920. É a dialética como lei universal da natureza que fortalece a luta de Reich dentro da psicanálise e lhe permite tecer uma visão dialética da neurose. Essa dialética de Engels permite Reich criar o elo entre natureza, psique e sociedade e, ao mesmo tempo, enfrentar conceitos da psicanálise que não satisfizessem suas observações diretas, como a pulsão de morte freudiana. No prefácio da segunda edição do livro *Anti-Duhring* (ENGELS,

1877/1990) a relação entre materialismo dialético e natureza é posto de maneira muito clara por Engels:

Marx e eu fomos, sem dúvida alguma, os únicos que salvaram da filosofia idealista alemã a dialética consciente, incluindo-a na nossa concepção materialista da natureza e da história. Mas uma concepção da história, a um tempo dialético e materialista, exige o conhecimento das matemáticas e das ciências naturais [...] na natureza, se impõem, na confusão das mutações sem número, as mesmas leis dialéticas do movimento que, também na história, presidem à trama aparentemente fortuita dos acontecimentos; as mesmas leis que, formando igualmente o fio que acompanha, de começo a fim, a história da evolução realizada pelo pensamento humano, alcançam pouco a pouco a consciência do homem pensante; leis essas primeiramente desenvolvidas por Hegel, mas sob uma forma que resultou mística, a qual o nosso esforço procurou tornar acessível ao espírito, em toda a sua simplicidade e valor universal (ENGELS, 1877/1990, Prefácio).

A seu modo, Reich faz o que acredita ser ciência materialista dialética. Desmitifica as ideias burguesas trazendo-as à luz ao expor suas contradições internas. Todavia, há aqui um novo deslocamento. Reich usa o materialismo dialético, mas relido a partir de suas concepções vitalistas. Assim, reforça-se a ideia de movimento natural da vida e a crítica materialista dialética como

ferramenta intelectual de libertação da vida. Dessa maneira, Reich relê as teorias freudianas, fortalece sua concepção da circulação da energia psíquica e rompe qualquer possibilidade de uma ciência apartada da prática e do cotidiano humano. A ciência, livre das mistificações, idealismos e da demagogia burguesa, é revolucionária por permitir entender o funcionamento da vida e os seus entraves sociais e históricos. A verdadeira ciência se torna a ciência revolucionária na medida em que a pesquisa sem moralismo, sem entraves seria em si sempre libertadora.

Essa fé na ciência como espaço da revelação da verdade não é uma invenção reichiana. A verdade científica nos discursos políticos faz parte de uma série de transformações ocorridas a partir de meados do século XIX e que ganha força com o processo de aceleração da industrialização. A medicina foi uma área de grandes inovações no período no qual Reich fez faculdade e o alcance do movimento higienista é a prova de sua força social⁹⁶. O papel da discussão científica sobre a vida e seus diversos aspectos é importante para compreender os debates das décadas de 1920 e 1930 na Alemanha e tem uma força impressionante no discurso nazista. Entretanto, essa fé na ciência transpôs as barreiras políticas e também marcou a esquerda. Vários ativistas popularizaram os textos e debates científicos, mesmo os não marxistas, para defender a possibilidade de mudança e evolução social (WOOD, 1996). Esse contexto nos ajuda a entender não só a receptividade das ideias reichianas entre colegas da

⁹⁶ Dois livros importantes para compreender essa relação entre política e ciência são o *Microfísica do Poder*, de Michel Foucault (FOUCAULT, 2012) e *O Normal e o Patológico*, de Georges Canguilhem (CANGUILHEN, 2009).

psicanálise, mas a própria força da *SexPol* frente a outros movimentos que pregavam mudanças culturais e sociais no campo da sexualidade.

Outro ponto importante desse campo da ciência e revolução trabalhado ao longo desta tese foi o da relação entre clínica e política na vida de Reich desse período. Podemos pensar essa articulação dentro do conceito de repetição variada de LaCapra. Em vários aspectos, as ações do analista e da direção revolucionário são parecidas. Ambas precisam se aproximar do seu outro, ambas buscam compreender os aspectos psíquicos do cotidiano e ambos visam ajudar o seu outro a estabelecer uma relação afetiva com a sua própria realidade. O objetivo de fundo era o mesmo: permitir o fluxo da vida seguir o seu caminho natural. Todavia, essas semelhanças estão apenas na análise da superfície.

A clínica reichiana desse período e o seu projeto de transformação política tem aspectos de ação e estrutura completamente diferentes. Do ponto de vista da ação, o trabalho do terapeuta e do dirigente revolucionário com conhecimentos psicanalíticos se diferencia profundamente, não só pelas especificidades dos campos de trabalho, mas pelas próprias técnicas para estabelecer a ligação entre as partes. O terapeuta observa o paciente para compreender, a partir das resistências, sua estrutura de caráter. O revolucionário aproxima-se das massas com seu conhecimento científico para juntos, de maneira franca, compreender a realidade e construir teorias, fortalecendo o processo de formação de consciência de classe. Ação terapêutica e ação pedagógica. Ambas preocupadas com a construção de um elo afetivo entre as partes para permitir a transformação, mas cada uma a sua maneira.

Essa diferença na ação está organizada por aspectos estruturais diversos. Cada uma das duas ações, por mais que sejam atravessadas por conceitos comuns, tem uma sistematização específica para o seu objetivo, portanto, possuem estruturas diferentes. A ideia não era psicologizar o trabalho revolucionário ou politizar o espaço terapêutico. Reich tinha uma preocupação enorme com as diferenciações técnicas de cada uma das áreas. Era preciso manter as particularidades das discussões, ao mesmo tempo, perceber as implicações das descobertas de uma área para a outra. A proposta não foi uma especialização científica, mas sim um cuidado científico no processo de análise para que a teoria não forçasse a realidade a se adequar as suas demandas, o famoso mecanicismo tão criticado ao longo da obra reichiana. A teoria deveria estar a serviço das necessidades da vida, numa íntima relação com a prática.

No livro *Materialismo Dialético e Psicanálise* (REICH, 1929/1977), Reich faz um jogo de três perguntas para defender a importância da Psicanálise no processo revolucionário. Como explicar sociologicamente o nascimento da psicologia? Qual o seu lugar na sociedade atual? Qual seu papel no socialismo? (REICH, 1929/1977). Essas perguntas permitem a Reich articular a Psicanálise como fruto da contradição da sociedade capitalista, relacionando a percepção mais apurada das neuroses com o aumento da repressão sexual por meio da moral burguesa⁹⁷. Como portadora das contradições da sociedade burguesa, a psicanálise possuiria também elementos revolucionários que deveriam ser trabalhados pelo materialismo dialético. Possibilitar-se-ia à psicanálise não só um

⁹⁷ “Mas o recalçamento, o aviltamento sexual durável torna-se dialecticamente um elemento destrutor da instituição conjugal e da ideologia da moral sexual. É a primeira etapa da destruição da moral burguesa: as perturbações mentais multiplicam-se.” (REICH, 1929/1977, p.118).

espaço na ciência marxista, mas um papel na própria revolução. Assim, a Psicanálise poderia contribuir de três formas: aprofundar a compreensão da pré-História, ou seja, da formação da propriedade privada, como faz Reich no *Irrupção da moral sexual repressiva* (REICH, 1932/s.d.); estabelecer um programa profilático de higiene mental, já que uma economia regulada precisa de uma economia libidinal regulada; e na educação como base psicológica da educação socialista, permitindo uma compreensão mais profunda do desenvolvimento da criança por parte dos pedagogos. Dessa maneira, a ciência materialista dialética, livre da demagogia burguesa, era a ferramenta do revolucionário na luta contra as barreiras históricas que impediam o fluxo natural da vida.

4.2 Necessidades vitais e revolução

Quando um jovem descobre que a inibição de seus empenhos sexuais naturais não é devida a considerações biológicas, não é ditada pela pulsão de morte, mas satisfaz interesses definidos daqueles que detêm o poder social; quando ele descobre que os pais e os professores são meramente executores inconscientes desse poder social, então não adotará a posição de que se trata de uma teoria científica muito interessante. Compreenderá a miséria de sua vida sob uma nova luz, negará sua origem divina e começará a se rebelar contra os pais e seus superiores. Poderá até se tornar crítico, pela primeira vez, e começar a refletir sobre as coisas. É isso, e

apenas isso, que eu entendo por “política sexual” (REICH, 1935/1995, p.269).

As necessidades vitais formuladas por Reich a partir de suas leituras vitalistas e marxistas fornece um novo horizonte para a luta política. Esse horizonte é constituído de três aspectos fundamentais: a naturalidade do funcionamento da vida, em especial do aparelho biológico de prazer e desprazer, a importância de uma materialidade social capaz de garantir o funcionamento saudável desse aparelho e a ampliação da concepção de vida para os campos da psique, inclusive o da sexualidade. Como vimos, a ciência materialista dialética permite ao indivíduo a compreensão da realidade da vida. O permite porque o ajuda a entender todas as coisas que impedem esse funcionamento natural. Desmistifica, atravessa a demagogia e o fetichismo, permite que o jovem da citação liberte-se ao aproximar-se de sua própria vida e, ao mesmo tempo, seja capaz de enfrentar as barreiras sociais.

A discussão de necessidades vitais, portanto, faz parte de uma discussão maior sobre liberdade que engloba novamente a experiência clínica e política de Reich. Como vimos até agora, elas estão associadas intimamente, apesar dos seus processos específicos. Compreender na observação clínica a formação da neurose era etapa para analisar o funcionamento da ideologia nos indivíduos. Traçar um tratamento para as neuroses, a Análise do Caráter, era etapa para traçar um programa de profilaxia das neuroses e de transformação social. Por isso, a obra clínica anda paralela, num diálogo incessante com a obra política.

Dessa maneira, a discussão de 1935 sobre a análise do caráter e o fluxo da energia vegetativa está próxima das propostas para a direção revolucionária. De novo o deslocamento entre a experiência clínica e o plano político. Alinhada a concepção leninista de formação de revolucionários, Reich estabelece a importância da direção revolucionária compreender dialeticamente a realidade das massas e - com o mesmo cuidado do terapeuta, mas não o mesmo objetivo - ajudar as massas e se aproximar de si mesmas e construir sua consciência de classe. No processo de via de mão dupla, a direção aproxima-se da força natural revolucionária renovando suas teorias e aumentando seus quadros.

A consciência de classe, segundo Reich, segue o modelo da noção de potência orgástica. Restabelecer a circulação da energia vegetativa passava pela desconstrução da estrutura caraterial neurótica e pelo restabelecimento da vida sexual saudável. Ajudar no processo de formação da consciência de classe passava por um trabalho educativo com as massas quanto aos impedimentos sociais e ideológicos da realização de suas necessidades naturais. No texto lido na palestra de 1935, no item “A mudança da função da pulsão” (REICH, 1935, 1995), Reich estabelece uma funcionalidade na relação aparentemente antitética das forças do aparelho defensivo, a couraça, em conflito com a pulsão recalcada. A mesma energia que havia sido recalcada no conflito entre a pulsão e a realidade social era a base energética da própria couraça⁹⁸. Essa concepção, suponho, foi fruto desse desenvolvimento de dupla face das reflexões clínicas e políticas reichianas. Assim como o capital explora a força do trabalho, a neurose

⁹⁸ “Originalmente, os componentes afetivo e sensual constituíam uma unidade. Assim, a dissociação do empenho homogêneo é seguida pela oposição de uma parte do empenho dividido contra a outra. É claro, então, que a proibição do mundo externo só pode se efetuar com auxílio dessa energia que se *dividiu contra si própria*. (REICH, 1935/1995, p.281, itálico do autor).

explora a força vegetativa natural. Se o capital aliena o operário de seu trabalho, a neurose aliena o indivíduo de sua vida. As atividades educativas da *SexPol* e a Análise do Caráter na clínica, apesar de suas diferenças de ação e estrutura, têm de certa maneira o objetivo comum de construir uma relação saudável do indivíduo com suas necessidades naturais e permitir uma sociedade de pessoas livres.

Há outro diálogo importante entre a esfera clínica e a política nesse campo das necessidades vitais no sentido de compreender a couraça e os impedimentos para a formação da consciência de classe. Um indivíduo encoraçado está preso numa rede de camadas recalcadas que usam sua energia vital para mantê-lo nesse estado. Um trabalhador alienado pelo capital está preso numa rede ideológica que usa suas energias para mantê-lo sobre controle. Compreender a complexa rede de camadas da couraça está para a clínica, como a análise crítica materialista dialética da ideologia está para a construção da consciência de classe. Essas reflexões acerca das estruturas que impedem a circulação natural das energias vegetativas e constroem indivíduos neuróticos e incapazes de revolta consequente, permite Reich estabelecer um novo deslocamento conceitual. A ênfase na dificuldade do paciente neurótico se aproximar de seus próprios afetos, dos trabalhadores de sua vida e da direção revolucionária das massas, faz com que Reich transforme a discussão sobre aproximação no conceito de contato.

Em 1935, Reich defende que o entrelaçamento das forças defensivas e essa visão da origem comum da energia da pulsão e do recalque o fizeram ampliar a sua visão sobre a couraça que antes era vista apenas como a soma total das forças de defesas recalcadoras. Haveria, além disso, um efeito dessas relações

na psique para além das exigências recalcadas e as forças recalcadoras. Entre essas forças antitéticas surgia uma manifestação dinâmico-estrutural estática que impedia o paciente de estabelecer contato, de se aproximar, de si e do mundo. Ou seja, o efeito residual dessa luta por equilíbrio interno entre as pulsões e as inibições morais seria a dificuldade do indivíduo estabelecer um contato afetivo com a sua vida e com as outras pessoas no cotidiano social. Nas palavras de Reich:

Durante a guerra, ocorreram condições semelhantes de bloqueamento de afetos ou de desenvolvimento de apatia, descritas por prisioneiros políticos que haviam sido submetidos a torturas. Nesses casos, aparentemente, os afetos de raiva agressiva foram contrabalanceados pela inibição imposta pelo poder externo. Dado que essa oscilação contínua de uma direção à outra não é nem economicamente adequada e nem tolerável para o aparelho psíquico, o indivíduo se torna embotado. Esse estado, porém, não é uma atitude passiva nem uma consolidação definitiva de uma situação dinâmica; é, como dissemos, o resultado de um conflito de forças (REICH, 1935/1995, p.292).

Esse “embotamento” emocional, essa dificuldade de estabelecer contato afetivo consigo e com o mundo, está muito próximo às discussões acerca do esclerosamento da teoria e da distância da direção revolucionária das massas. A relação não é direta, mas um desdobramento e um deslocamento conceitual. O

interessante é perceber a importância desse momento para Reich em sua obra. Numa nota de rodapé feita na edição de 1945 desse texto, Reich afirma que “a manifestação clínica da ‘falta de contato’ tornou-se, mais tarde, a perspectiva principal a partir da qual iniciamos a pesquisa das perturbações biofísicas do orgone” (REICH, 1935/1995, p.294, nota 10). Ou seja, esse período de relacionamento intenso entre trabalho clínico e político ajuda a compreender os caminhos seguidos por Reich após 1934. Ao mesmo tempo, o conceito de contato permite sistematizar suas propostas para a construção da consciência de classe.

4.3 Da aproximação ao contato: o caminho da consciência de classe.

Quanto mais a motilidade vegetativa for reprimida na infância tanto mais difícil será para o adolescente desenvolver relações com o mundo, com os objetos de amor, com seu trabalho e com a realidade em geral – relações que são características dessa fase da vida. Nesse caso, é muito mais fácil mergulhar na condição de resignação e isolamento, e as relações substitutas que então se formam serão na mesma medida pouco naturais. A maior parte daquilo que a psicologia oficial do adolescente considera como “características da puberdade” se revela, no trabalho da análise do caráter, como o efeito artificialmente produzido da sexualidade natural obstruída (REICH, 1933/1995, p.300).

A citação acima é um bom exemplo da relação entre as conclusões clínicas e políticas de Reich. O jovem sob a moral sexual burguesa tem a sua motilidade vegetativa reprimida ao longo da infância. A intensidade dessa situação o transforma numa pessoa com dificuldades ou incapacidade de se relacionar afetivamente com sua realidade. A visão da ciência burguesa é de naturalizar essa questão como “característica da puberdade”⁹⁹. Ao fazê-lo escamoteia as questões materiais e políticas que permitiram essa repressão. Ou seja, a estrutura psicológica do indivíduo se constrói numa relação direta com a sua realidade. No tratamento da neurose individual aparece a necessidade da transformação social.

O paralelo entre o texto *O que fazer?* de Lênin e as concepções reichianas no período é importante por destacar a questão da aproximação afetiva para o processo de transformação. Lênin, dentro de um contexto social democrata e no exílio, propunha a necessidade da reconstrução do movimento socialista na Rússia. A crítica leninista estava direcionada ao amadorismo da ação revolucionária que impedia a organização necessária para a própria Revolução. Esse amadorismo teria como resultado uma análise mecanicista, sectarismo

⁹⁹ Vale contextualizar essa análise reichiana para um período marcado por uma forte educação autoritária. Hoje a discussão sobre a liberdade dos jovens tem novos contextos. Não devemos confundir a crítica à educação autoritária, tão comum nos discursos atuais, com o fim da questão. No doutorado *A couraça como currículo-oculto: um estudo da relação entre a rotina escolar e o funcionamento encouraçado*, de José Gustavo Sampaio Garcia (GARCIA, 2010), há uma interessante discussão apontando um novo contexto de formação da juventude. Essa mudança social significava novas organizações psíquicas e, portanto, novas estruturas de caráter. Garcia aponta que os limites impostos sobre as pessoas na sociedade contemporânea se revestem de outros discursos aparentemente menos autoritários, como o da necessidade de formação de profissionais mais flexíveis. Todavia, esse profissional flexível viveria num mundo de controle digital constante e numa sociabilidade marcada pelo individualismo exacerbado e pelos contatos virtuais. Portanto, isso não significaria o fim de caráter neurótico, apenas uma nova configuração.

interno e um distanciamento das massas. A mesma análise reichiana do problema da direção revolucionária alemã. Todavia, repete-se de maneira variada essa crítica. As concepções vitalistas e freudianas de Reich colocam o problema em outro campo. Mudam sua ação e sua estrutura. O amadorismo leninista aprofunda-se na crítica reichiana ao mecanicismo. Mecanicismo que não é simplesmente um problema de falta de conteúdo teórico ou má leitura, mas, além disso, uma dificuldade de se aproximar da vida. Não só um problema de linguagem apropriada, mas, além disso, uma dificuldade de exprimir a vida da qual está apartada. O fruto é semelhante no sectarismo dos ativistas e no afastamento das massas.

Novamente a semelhança com a clínica. O paciente neurótico encorajado pela rede de recalçamento do caráter é incapaz de estabelecer contato afetivo com a realidade¹⁰⁰. Esse afastamento da realidade criado nesse choque entre pulsão e a inibição moral tem como subproduto uma tentativa de procurar maneiras substitutas artificiais de se relacionar com o mundo. Funções substitutas ou contatos substitutos são estabelecidos para tentar manter esse equilíbrio dinâmico das forças antitéticas do caráter¹⁰¹. Apesar de serem alimentados por

¹⁰⁰ “Portanto, a falta de contato não é uma camada entre duas camadas de forças opostas e, sim, um fenômeno que corresponde à ocorrência de uma *concentração* ou *densidade* especial de antíteses e dissociações. Aquilo que percebemos, na análise do caráter, como uma formação compacta, tenaz ou enredada é precisamente essa *concentração* de forças opostas no caráter.” (REICH, 1935/1995, p.296, itálico do autor).

¹⁰¹ “Essas condições tornam-se psiquicamente intoleráveis e socialmente nocivas com o decorrer do tempo. O aparelho psíquico, sustentado pelo fluxo constante de energia vegetativa, rebela-se contra essa contradição, percebe-a de modo mais ou menos consciente como um grave prejuízo para a vida e tenta chegar a um acordo com ele de várias maneiras. Não falaremos dos sintomas neuróticos que resultam da estase sexual. Para nós, é mais importante investigar as funções do

energia pulsional vegetativa, os dois tipos contatos são opostos no seu resultado¹⁰². Um aproxima o indivíduo da realidade enquanto o outro o afasta e o mantém distante. Reich afirma enfaticamente o resultado desse conflito no indivíduo:

Ficamos cada vez mais espantados com a vida dupla que as pessoas são forçadas a viver. O comportamento externo, que varia de acordo com a posição e a classe social, revela-se uma formação artificial; está em conflito permanente com a natureza verdadeira, direta, vegetativamente determinada, que, com muita frequência, mal se pode esconder. O policial mais formidável e mais temido; o acadêmico mais magnânimo e reservado; a ‘socialite’ elegante e inacessível; o burocrata ‘obediente’, que funciona como uma máquina – todos mostram ser caracteres inofensivos com os mais simples desejos, angústias e impulsos de ódio. Só estou enfatizando isso por causa do incrível respeito que o chamado homem simples tem pela máscara do caráter (REICH, 1935/1995, p.303).

caráter que emergem pela primeira vez nessa luta. Dado que o contato vegetativo imediato com o mundo foi mais ou menos destruído, quando seus vestígios restantes já não são mais suficientes para preservar a relação com o mundo externo, ou se desenvolvem *funções substitutas* ou há tentativas de estabelecer um *contato substituto*.” (REICH, 1935/1995, p.301, itálico do autor).

¹⁰² “A dificuldade reside no fato de que o primeiro também é alimentado por energia pulsional vegetativa – é o que os dois contatos têm em comum. Mas as semelhanças são menos importantes do que as diferenças.” (REICH, 1935/1995, p.301).

Essa construção da psique, num diálogo dialético com a materialidade de uma realidade que não atende as necessidades vitais do indivíduo, cria um sujeito cindido, incapaz de se estabelecer relações afetivas consigo e com o seu semelhante e preso na procura por relações substitutas para ajudá-lo a enfrentar esse conflito. Seu comportamento se torna mecânico, prende-se às necessidades neuróticas e ignora as necessidades vitais. Reich pode, dessa maneira, compreender o sectarismo, o mecanicismo e a dificuldade da direção revolucionária se aproximar das massas como parte de sua formação na sociedade burguesa. Estabelece, assim, uma ponte entre a saúde individual e a transformação social. Nas palavras de Reich:

O sentimento de inferioridade é a percepção interna do fosso entre os desempenhos reais, nas esferas sexual e social, e as capacidades e possibilidades latentes inibidas pela paralisia da motilidade vegetativa. A maioria das pessoas são realmente menos potentes do que se imaginam em sonhos, e possuem muito mais qualidades e capacidades do que aqueles que traduzem em ação. Essa contradição grotesca na estrutura do homem moderno é uma das consequências da destrutiva regulação da sexualidade que lhe é imposta pela sociedade. Eliminar essa contradição é uma das tarefas mais importantes que terão de ser cumpridas por uma nova ordem social (REICH, 1933/1995, p.301).

A profilaxia das neuroses, partindo dessas observações, seria impossível apenas a partir do campo clínico. Seria necessário enfrentar a estrutura material e social que a constitui. A revolução socialista passa a ser um problema, também, de higiene mental. Cabe lembrar esse deslocamento, ou mais uma inversão, das leituras higienistas desse período. O higienismo, como projeto de emburguesamento e controle social, transforma-se num projeto de revolução. Uma psique de caráter neurótico, marcada por relações substitutas e pela dificuldade de viver a potência orgástica, cria indivíduos conservadores, temerosos da mudança, enquanto uma psique de caráter genital, capaz de se relacionar de maneira viva com a realidade, de viver sua potência orgástica sem angústias ou medo, cria um indivíduo revolucionário, sem medo das mudanças, capaz de lutar pelas suas necessidades vitais. Na citação a seguir, Reich estabelece essa relação entre a formação do caráter e a importância da ideologia no controle social:

Em termos de análise do caráter, a diferença entre o ritmo sexual vivo e charme sensual estudado; entre a dignidade natural, sem afetação, e a dignidade fingida; entre a modéstia genuína e a falsa; entre a expressão de vida genuína e a representada; entre o ritmo muscular vegetativo e o balançar dos quadris e endireitamento dos ombros que tenta imitar o movimento espontâneo; entre a fidelidade que nasce da satisfação sexual e a que nasce do medo e da moral – poderíamos continuar indefinidamente – é a mesma diferença que existe entre uma estrutura psíquica revolucionária nascente e uma firmemente conservadora; entre uma vida viva e

substitutos sem significação para a vida. Nessas diferenças encontramos uma representação direta da base psíquico-estrutural e material de ideologias que, pelo menos em princípio, são acessíveis à experiência humana. [...] Na ideologia de todas as organizações sociais autoritárias, a vida vegetativa, representada como primitiva animal, tem sido sempre, e de modo absoluto, colocada em confronto com a vida substituta ‘cultural’, apresentada como diferenciada e altamente desenvolvida (REICH, 1935/1995, p.304-305).

Por isso, para além da discussão da linguagem e da técnica apropriada no texto de Lênin, Reich propõe uma relação diferente para os indivíduos no projeto revolucionário, baseada em outro tipo de ação e organizada por outra estrutura. Seu objetivo é quebrar o ciclo vicioso no qual o indivíduo com uma formação neurótica, alienado de si, constrói relações que mantêm as condições que o levaram a neurose. A proposta da *SexPol* faz parte dessa releitura do projeto leninista. Seria necessário fortalecer o objetivo pedagógico da Social Democracia de Lênin com o conhecimento fornecido pela psicanálise revista pelo materialismo dialético. Era preciso, num processo pedagógico de via de mão dupla, educar tanto as massas quanto à direção revolucionária para que pudessem analisar e compreender os aspectos conservadores e revolucionários de seu cotidiano. Entretanto, essa observação dependia de uma aproximação entre as partes e destas com a realidade. Era preciso evitar os contatos substitutos e tecer um contato real. Essa relação tinha uma linguagem apropriada que era a franqueza.

A lógica revolucionária reichiana coloca a franqueza, nesse contexto, como uma arma revolucionária capaz de derrubar todas as barreiras morais e criar um novo campo possível de relação política, marcada por contatos vivos. Reich tentou estabelecer uma prática e uma teoria capazes de transformar a relação dos indivíduos consigo mesmo e com os outros para construir, de maneira revolucionária e democrática, uma nova sociedade. A *SexPol* agia dentro desses princípios. Misturando a discussão da Psicanálise freudiana sobre a neurose, com a sociologia marxista de forte inspiração leninista e com as discussões etnológicas sobre a sociedade patriarcal, Reich acreditava conhecer os meios para estabelecer uma nova direção revolucionária, menos autoritária, menos encorajada em sua moral burguesa.

Para Reich, esse processo revolucionário restabeleceria uma relação saudável dos indivíduos consigo mesmo e com os outros na vida social. Suas energias não lhe seriam mais alienadas pela couraça e nem seu trabalho pelo capital. Há um tom de otimismo e esperança nessa revolução renovada pelo conhecimento do funcionamento das neuroses. Essa esperança não é só de Reich, fazia parte do imaginário de esquerda do período. A pintura utilizada como capa dessa tese é um exemplo desse solo esperançoso comum. Produzida no final do século XIX, a tela *O Quarto Estado* de Giuseppe Pelizza (1868-1907) remete à Revolução Francesa e a derrubada pelo Terceiro Estado (a burguesia), do Primeiro Estado (a nobreza) e do Segundo Estado (o clero). Seria agora o momento histórico dos trabalhadores, do Quarto Estado se levantar, de ocupar o horizonte em sua marcha coletiva para a liberdade. Nas palavras de Pelizza sobre a tela numa carta a um amigo em 1903:

Vou lhe contar que quando chegou a hora de dar forma a uma das concepções da minha primeira juventude, aquela que se concretizou depois no *Quarto Stato*, senti a necessidade de conhecer melhor as tendências políticas e sociais da nossa época, porque não queria fazer uma obra simplesmente instintiva. [...] Foi nesse momento que li quase por completo toda a biblioteca socialista existente. Os conceitos de Marx, Engels, Bebel, por falar somente dos maiores, passaram na frente da minha mente que já estava naturalmente pronta para aceitá-las e assim, a partir de ideias vagas, cheguei à clareza. Através destes autores reencontrei a mim mesmo. E assim, o *Quarto Stato* conseguiu ser do jeito que eu o queria: um quadro social que representasse o fato mais importante da nossa época, o avançar fatal dos trabalhadores¹⁰³.

É esse contexto no qual Reich fortalece seu otimismo e sua esperança numa profilaxia das neuroses e na construção de uma sociedade na qual as pessoas possam viver de maneira plena. Para Reich, a vida, libertada interna e socialmente, seria capaz de criar uma nova sociedade na qual os indivíduos seriam capazes de compreender suas necessidades vitais e construir o melhor caminho para atendê-las. Acredito que essas formulações são a base para sua produção na década de 1940 que ficaram conhecidas como Democracia do Trabalho e podem ser encontrados nos textos adicionados à edição de 1946 do livro *Psicologia de massa do fascismo* (REICH, 1946/2001). A construção

¹⁰³ Disponível em: <<http://zequinhabarreto.org.br/blog/?p=1098>> Acesso em: 09 de fev. 2014.

apresentada até aqui sofre um novo deslocamento e a força democrática e auto regulada ganha destaque contra qualquer e toda estrutura hierárquica rígida imposta à realidade (ALBERTINI, 2011). Reich deixa muito claro essa esperança revolucionária na natureza humana no trecho a seguir:

A vida vegetativa, por outro lado, é inerentemente produtiva e dotada de infinitas possibilidades de desenvolvimento. E a razão disso é muito simples: sua energia não está cronicamente congelada e fixada. As formações vegetativas substitutas não deram origem à cultura; todo o progresso humano surgiu dos vestígios remanescentes do contato vegetativo direto com o mundo. Isso nos dá uma ideia de quanta energia há para ser desenvolvida, se conseguirmos liberar as estruturas humanas de suas funções substitutas e restaurar a sua relação direta com a natureza e a sociedade. [...] Se o homem é a única criatura a quem é negada a realização de seus potenciais inatos e não há pulsão de morte que o leve a se suicidar; se, além disso, a necessidade de viver, de ter relações sociais, está enraizada no sistema vegetativo, então o constante substituto que o homem estabelece é apenas a expressão de um compromisso entre a vontade de viver e o medo da vida socialmente induzido (REICH, 1935/1995, p.303).

A meu ver, a revolução proposta por Reich é fruto da repetição variada de uma série de conceitos das diversas leituras feitas no período. Tentei mostrar

como as concepções vitalistas, freudianas e marxistas de Reich foram organizadas de maneira singular num diálogo incessante com os diversos contextos de sua vida. A obra *O que é a consciência de classe?* (REICH, 1934/1976) é uma resposta viva aos problemas enfrentados por Reich na sua luta por liberdade. A força de suas propostas reside, em especial, na ênfase da necessidade de aproximação, seja da teoria com a prática, dos indivíduos consigo mesmo e com os outros ou da direção revolucionária com as massas. Traz para a revolução a vontade de viver como força contra o conservadorismo alicerçado no medo da mudança. A ideia de aproximação frutifica no conceito de contato e nos ajuda a compreender sua importância para Reich nesse período.

4.4 Considerações finais e possibilidades.

A minha leitura da obra reichiana e a escrita da tese foram marcadas por um contexto histórico muito específico. Recém-ingresso no doutorado e começando as leituras da obra de Reich, compartilhei o entusiasmo com a Primavera Árabe iniciada na Tunísia em 2010, quando um jovem colocou fogo no próprio corpo num protesto desesperado por ter tido os seus produtos apreendidos pela polícia. O ato disparou protestos e inflamou a região. Milhares de pessoas no norte da África e no Oriente Médio saíram às ruas para pedir liberdade, mesmo enfrentando um forte aparato policial e militar. Na Europa, nos Estados Unidos, China, Rússia ondas de protestos aconteceram pelos mais diversos motivos nos anos seguintes. No momento da escrita, em 2013, em especial nas minhas apertadas férias de julho, milhares de pessoas ocuparam as ruas nas grandes

idades brasileiras deixando atônitos intelectuais, a mídia, os movimentos sociais organizados e os governos. Com a minha pequena Melissa de três meses no colo, emocionado assistia e acompanhava tudo pela nossa porca cobertura televisiva e pela internet. O otimismo revolucionário reichiano me contaminou fortemente.

Também, me chamou a atenção a atualidade das críticas reichianas aos movimentos de esquerda organizados. Por que são incapazes de se fazer presentes nesses momentos espontâneos de revolta? Assim como Lênin e Reich, modestamente, me preocupei com a dificuldade desses movimentos de acompanhar e aproveitar essa energia transformadora das massas. As forças conservadoras, ao contrário, rapidamente se mobilizaram para capitanear com um discurso nacionalista a insatisfação daquele momento. Usando a ótica reichiana analisada nesta tese, poderíamos dizer que o discurso burguês demagógico desviou e se alimentou dessa força viva de revolta. Será que um diálogo com esse Reich militante poderia nos ajudar a pensar e problematizar esses acontecimentos e seus frutos, como os *Black Blocks*, o Movimento do Passe Livre e, quem sabe, até os mais recentes rolezinhos¹⁰⁴. O Movimento do Passe Livre poderia até ser lido de maneira reichiana em seu slogan “por uma vida sem catracas”!

¹⁰⁴ Sobre os *black blocks* brasileiros há uma imensa quantidade de análises feitas durante o período das confusões. Cito em especial o texto de Bruno Fiuzza <<http://www.viomundo.com.br/politica/black-blocs-a-origem-da-tatica-que-causa-polemica-na-esquerda.html>> e como contraponto as críticas feitas por Pedro Estevam Serrano na Carta Capital <<http://www.cartacapital.com.br/politica/black-bloc-e-democracia-5941.html>>. Sobre O Movimento do Passe Livre, pode se consultar o site oficial do movimento <<http://saopaulo.mpl.org.br/>>. Quanto aos rolezinhos, gosto muito do cuidado na análise de Leandro Beguoci <<http://www.oene.com.br/rolezinho-e-desumanizacao-dos-pobres/>>.

Há no discurso otimista reichiano uma força encantadora. A vida é naturalmente livre, pode ser plena na sua relação com a materialidade. O doutorado de Ramalho, mencionado anteriormente, sobre o impacto da participação de pacientes mentais numa escola de Samba, é uma amostra da potência do contato humano em processos de transformação (RAMALHO, 2010). Como educador há 15 anos, tendo trabalhado com uma larga faixa etária entre sete e oitenta e seis anos, essa força não passou despercebida. Há algo potente no contato com o outro, no olhar no olho, no enxergar e ouvir o outro.

Contudo, não posso ignorar nesse encantamento algumas preocupações que não puderam ser explorados com mais cuidado nesta tese, em especial na relação complicada entre direção revolucionária e massas, entre o guia e guiado, entre educador e educando. Apesar de mostrar como Reich faz uma leitura democrática da tradição social democrata através de Lênin, há uma ambiguidade que a história do totalitarismo no século XX não nos deixa esquecer. É preciso problematizar com mais cuidado essas relações reichianas de transformação guiada, seja pelo terapeuta higienista, seja pelo revolucionário.

A discussão é muito próxima daquela feita pelo filósofo Michel Foucault (1926-1984) em duas de suas últimas obras: *Hermenêutica do sujeito* (1982) e *O governo de si e dos outros* (1983)¹⁰⁵. Entre 1982 e 1983, Foucault parte da reflexão sobre a relação entre subjetividade e verdade usando a noção de cuidado de si nas filosofias grega e romana para analisar técnicas pelas quais se

¹⁰⁵ FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do Sujeito*. Edição estabelecida sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana, por Frédéric Gros. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006, e *O Governo de Si e dos Outros: curso no Collège de France (1982-1983)*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

constrói um certo sujeito na relação de si consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Esse processo era visto como algo não espontâneo, portanto, demandava a figura do mestre de existência grego ou romano. Para problematizar essa relação do mestre com o discípulo, dessa relação entre governar a si mesmo e ser governado por outro, Foucault escolhe a ideia de *parresia*, o falar franco, o dizer verdadeiro. Traça, assim, de maneira genealógica, uma história do discurso da governamentalidade que tem como fio condutor o que é o dizer verdadeiro na ordem política. Para pensar essa história, Foucault identifica, entre várias figuras, a do revolucionário.

E enfim, claro, poderíamos identificar uma quarta figura na dramática do discurso verdadeiro na ordem da política, que é a figura do revolucionário. O que é aquele que se levanta, no meio de uma sociedade, e que diz: digo a verdade, e digo a verdade em nome de uma coisa que é a revolução que vou fazer e que vamos fazer juntos? (FOUCAULT, 1983/2010, p.67).

Não há elementos muito semelhantes no *O que é a consciência de classe?*, de Reich? Exilado na Escandinávia, longe finalmente de seus perseguidores, não se levanta novamente em nome de uma revolução que ele acreditava saber como fazer e como juntar as massas nesse processo? Mais do que uma solução, a ideia de *parresia* revolucionária traz uma nova grade de problemas. Esses problemas, criados na interseção entre o governo de si e o governo dos outros,

podem possibilitar uma leitura mais atenta às potencialidades e aos problemas da obra de Reich nesse período de militância comunista.

Referências

ALBERTINI, P. *Uma contribuição para o conhecimento do pensamento de Reich: desenvolvimento histórico e formulações para a educação*. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, USP, 1992.

_____. *Reich: história das ideias e formulações para a educação*. São Paulo: Ágora, 1994.

_____. *Reich e a possibilidade do bem-estar na cultura*. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 14, n. 2, 2003.

_____. *O pensamento de Wilhelm Reich na academia*. [Depoimento]. *Boletim de Psicologia*, v. 61, p. 117-125, 2011.

_____. *Wilhelm Reich: percurso histórico e inserção do pensamento no Brasil*. *Bol. Psicol.*, São Paulo, v. 61, n. 135, jul. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432011000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 fev. 2014.

_____. *Política e sexualidade na trajetória de Wilhelm Reich: Viena (1927-1930)*. *Encontro (Santo André)*, v. 11, p. 62-77, 2006.

ALBERTINI, P.; BEDANI, A. *Política e sexualidade na trajetória de Reich: Berlim (1930-1933)*. In: *Arquivos Brasileiros de Psicologia* (UFRJ. 2003), v. 61, p. 1-10, 2009.

ALBERTINI, P.; SIQUEIRA, F. Z.; TOMÉ, L. A.; MACHADO, T. L. *Reich e o movimento de higiene mental*. In: *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.12, n. 2, p. 393-401, 2007.

ALMEIDA, B. H. P. *A noção de couraça na obra de Wilhelm Reich: origens e considerações sobre o desenvolvimento humano*. Tese (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

BEDANI, A. *Energética e epistemologia no nascimento da obra de Wilhelm Reich*. Tese (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

_____. *A relação entre sensação e produção de conhecimento na obra de Wilhelm Reich*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BOTTOMORE, T. *Dicionário do Pensamento Marxista*. RJ: Zahar, 2001.

CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Trad. Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas e Luiz Octavio Ferreira Barreto Leite. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

ENGELS, F. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

_____. *Anti-Dühring*, Editora Paz e Terra, 1990.

FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do Sujeito*. Edição estabelecida sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana, por Frédéric Gros. Tradução Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *O Governo de Si e dos Outros: curso no Collège de France (1982-1983)*. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. *O Nascimento da Clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

FREUD, S. *Fetichismo* (1927). In: *Biblioteca Nueva*, vol. II, 1981.

GARCIA, J. G. S. *A couraça como currículo oculto: um estudo da relação entre a rotina escolar e o funcionamento encorajado*. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010 (Maria Cecília Cortez Christiano de Souza, orientadora, e Paulo Albertini, co-orientador).

GARVEY, M. *Black Man* magazine, v. 3, n. 10, p.7-11, 1938. *Apud* HILL, R. A. e BAIR, B. *The Marcus Garvey and Universal Negro Improvement Association Papers*, v. VII, novembro 1927-agosto 1940.

LACAPRA, D. *Rethinking Intellectual History and Reading Texts*. In: *Rethinking Intellectual History: Texts, Contexts and Language*. Ithaca e Londres: Cornell University Press, p. 36-61, 1985.

LIH, L. T. *Lenin Rediscovered: What is to be done? in context*. Brill Leiden, 2006.

LE BLANC, P. *Rediscovering Lenin*. In: *Historical Materialism*, 18, Issue 3, p.90-107, 2010. Disponível em: <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/67221/mod_resource/content/1/Le_Blanc_Lih_Lenin.pdf> Acesso em: 10 de jan. 2014.

LÊNIN, V. I. *Que Fazer? Problemas candentes do nosso movimento*. São Paulo: Editora Hucitec, 1979.

_____. *Conservação os bolcheviques o poder do Estado?*. 1917. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/lenin/1917/10/14.htm>>. Acesso em: 11 de jan. 2014.

MALINOWSKI, B. *Crime and Custom in Savage Society*. London, Routledge & Kegan Paul. (Trad. franç. par S. Jankélévitch, « Le Crime et la coutume dans les sociétés primitives », in *Trois essais sur la vie sociale des primitifs*. Paris : Payot, PBP, 109. 1926).

_____. *La sexualité et sa répression dans les sociétés primitives*, Paris: Petite Bibliothèque Payot, 95, D. L. 1927.

_____. *La Vie sexuelle des sauvages du nord-ouest de la Mélanésie*. Paris: Payot, PBP, 156. 1929.

MARLEY, B. *Redemption song*, album *Uprising*, Kingston: Tuff Gong Studios, 1979.

MARX, K. *O capital. Crítica da economia política*. 1867. Livro I, v. 1. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

_____. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução, apresentação e notas Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010.

MATTHIESEN, S. Q. *A educação em Wilhelm Reich: da psicanálise à pedagogia econômico-sexual*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

_____. *Organização bibliográfica da obra de Wilhelm Reich*. ANNABLUME, 2007

_____. *Wilhelm Reich e a Produção Acadêmica Brasileira entre 1979 e 2008*. In: *PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO*, 32 (1), p.52-65, 2012.

MATTL, S. *O caso da Viena Vermelha*. Lua Nova, São Paulo, n. 89, 2013.

MILLER, F. A. *Left-wing splinter parties in the Weimar Republic*. Tese (Mestrado em História) - Department of History, The University of British Columbia, 1974.
Disponível em: <<http://libcom.org/library/left-wing-splinter-parties-weimar-republic>>
Acesso em: 17 de jan. 2014.

OLIVEIRA, A. C. *A Espada que Cura. Martin Luther King, Jr. e a Não-violência (décadas de 1950 e 1960)*. Monografia orientada pela professora Celia M. M. de Azevedo, UNICAMP, 2001.

_____. *Quem é a Gente Negra Nacional? Frente Negra Brasileira e A Voz da Raça (1933-1937)*. Tese (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

OLIVEIRA E SILVA, J. R. *O desenvolvimento da noção de caráter no pensamento de Reich*. Tese (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

RAMALHO, S. A. *Psicologia de massa do fascismo: Reich e o desenvolvimento do pensamento crítico*. Tese (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. *Uma alegria subversiva: o que se aprende em uma escola de samba?*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

REGO, R. A. *Psicanálise e biologia: uma discussão da pulsão de morte em Freud e Reich*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

REICH, A. *Se teu filho pergunta*. Rio de Janeiro, RJ: Espaço PSI, 1980.

REICH, W. *A Revolução Sexual*. Trad. Ary Blaustein. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. *Análise do caráter*. Trad. Maria Lizette Branco e Maria Manuela Pecegheiro, ver. Ricardo do Amaral Rego. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. *Irrupção da moral sexual repressiva*. São Paulo: Martins Fontes, s.d.

_____. *Materialismo dialético e psicanálise*. Lisboa: Presença, 1977.

_____. *O que é a consciência de classe?* Textos Exemplares, n.6, Porto: Outubro de 1976.

_____. *Psicologia de massa do fascismo*. Porto: Publicações Escorpião, 1974.

_____. *Psicologia de massa do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *O Combate sexual da juventude*. Trad. A. Fontes. Lisboa: Antídoto, 1978.

_____. *People in trouble. Volume two of the emotional plague of mankind*. Trad. P. Schmitz. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2013.

ROOS, J. *Prostitution Reform and the Reconstruction of Gender in the Weimar Republic*, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/2022/803>> Acesso em: 08 de fev. 2014.

ROUANET, S.P. *Teoria Crítica e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

RUBIM, L. R. *Wilhelm Reich e Anna Freud: sua expulsão da psicanálise*. In: *Revista da Sociedade Wilhelm Reich*. Porto Alegre: SWRRS, p.4-14, 1998.

SHARAF, M. R. *Fury on Earth: a biography of Wilhelm Reich*. New York: St. Martin's Press, p.67, 1983.

ZIMMERLING, R. *Alemanha: parlamentarismo e o fantasma de Weimar*. Lua Nova, São Paulo, n. 24, set. 1991. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451991000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 jan. 2014.

WOOD, N. H. *Producing a Socialist Popular Science in the Weimar Republic*. In: *Hist. Workshop J* (SPRING), p. 117-153, 1996.

SITES INTERESSANTES

O site <<http://www.marxists.org/>> disponibiliza gratuitamente um vasto acervo das obras clássicas do marxismo e foi muito valioso para esta tese.

Alguns dos originais em alemão das obras de Reich podem ser lidos gratuitamente pelo site da Universidade de Berlim e pelo projeto LSR que se propõe estudar e disponibilizar textos do médico e filósofo francês Julien O. de La Mettrie, (1709-1751), do filósofo alemão Max Stirner (1806-1856) e de Wilhelm Reich (1897-1957). Os textos de Reich encontrados na Universidade de Berlim

são em sua maioria os que fizeram parte do universo da psicanálise na década de 1920. No projeto LSR são os do periódico da *SexPol* escritos entre 1934-1938.

Disponíveis em:

<<http://archive.org/details/CollectionOfTheInternationalPsychoanalyticUniversityBerlin>> e

<<http://www.lsr-projekt.de/zpps/zpps.html>>. Ambos acessos em: 17 de jan. 2014.